



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JOÃO PEDRO TURINO SILVA

**EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDES DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA  
FCT/UNESP E DO CPTL-UFMS**

TRÊS LAGOAS, MS

2023

JOÃO PEDRO TURINO SILVA

**EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDE(S) DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA  
FCT/UNESP E DO CPTL-UFMS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa Dra Patrícia Helena Milani.

TRÊS LAGOAS, MS

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOÃO PEDRO TURINO SILVA

**EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDES DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA  
FCT/UNESP E DO CPTL-UFMS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa Dra Patrícia Helena Milani

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Patrícia Helena Milani (Orientadora)

---

Professor Doutor Thiago Araújo Santos (Presidente da Banca)

---

Professor Doutor Nécio Turra Neto

---

Professora Doutora Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol

*Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus irmãos, aos meus amigos, à minha orientadora, à Natacha e a todos que colaboraram com a pesquisa e minha trajetória, minha eterna gratidão.*

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo central apreender e analisar as experiências de juventude(s) que se fazem presentes no curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), Presidente Prudente, e no curso de Geografia do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CPTL-UFMS). Como objetivo geral buscamos responder a seguinte questão: Quem são os jovens que chegam ao curso de Geografia da UFMS e da FCT/Unesp e quais eram suas experiências prévias de juventude e que experiências passam a ter quando ingressam no curso? Para responder esta questão, seguimos um percurso investigativo que articula estratégias quantitativas e qualitativas de produção de informação. Foram realizadas 5 entrevistas (online), 2 grupos focais, aplicação de questionários e acesso à dados da seção de graduação da FCT/UNESP. A pesquisa buscou utilizar dos estudos acerca das juventudes, experiências e culturas para analisar o cotidiano, as trajetórias e os campos de possibilidades desses sujeitos que constituem os cursos de Geografia das duas universidades em questão. Traçamos então um perfil quantitativo, comparamos e identificamos ora diferentes ora semelhantes práticas e experiências de juventudes desses jovens em um contexto de cultura (juvenil) universitária e mais precisamente em um curso de Geografia. Esperamos ter trazido com a pesquisa uma contribuição para os cursos de Geografia da FCT/UNESP e CPTL-UFMS, que poderão conhecer seus respectivos estudantes e assim talvez repensar estratégias pedagógicas e ações para ampliar o diálogo com os graduandos e com a própria comunidade. Consideramos que o encontro de diferentes trajetórias no espaço da universidade em contato direto com os conteúdos da geografia modifica esses jovens, suas formações e visões de mundo, desenvolvendo a crítica e a autonomia, para além da formação profissional.

**Palavras-chave:** Juventudes; Experiência; Universidade Pública; Geografia; CPTL-UFMS Três Lagoas; FCT/UNESP Presidente Prudente.

## ABSTRACT

The central objective of this research is to apprehend and analyze the experiences of youth(s) that are present in the Geography course at the Faculdade de Ciências e Tecnologia, at the Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FCT/UNESP), Presidente Prudente, and in the Geography course at the Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CPTL-UFMS) Campus of Três Lagoas. As a general objective we sought to answer the following question: Who are the young people who arrive at the Geography course at UFMS and FCT/Unesp and what were their previous experiences of youth and what experiences do they have when they enter the course? To answer this question, we followed an investigative path that articulates quantitative and qualitative strategies of information production. We carried out 5 interviews (online), 2 focus groups, applied questionnaires, and accessed data from the undergraduate section of the FCT/UNESP. We hope that this research has brought a contribution to the Geography courses at FCT/UNESP and CPTL-UFMS, which will be able to get to know their respective students and thus perhaps rethink pedagogical strategies and actions to expand dialogue with undergraduates and with the community itself. We consider that the encounter of different trajectories in the university space in direct contact with the contents of geography modifies these young people, their education and worldviews, developing criticism and autonomy, beyond professional training.

**Key-words:** Youths; Experience; Public University; Geography; CPTL-UFMS Três Lagoas; FCT/UNESP Presidente Prudente.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1-</b> Título/Imagem do meu trabalho de graduação.....	16
<b>FIGURA 2:</b> Títulos E <i>thumbnails</i> com descrédito a universidade.....	35
<b>FIGURA 3:</b> Ministro da educação diz que a universidade deveria “ser para poucos”...36	
<b>FIGURA 4:</b> Praça da Geografia em frente ao bloco 4.....	50
<b>FIGURA 5:</b> Parte interna do R.U da FCT/UNESP.....	51
<b>FIGURA 6:</b> Fachada do RU da FCT/UNESP .....	51
<b>FIGURA 7:</b> Praça de Convivência em frente a biblioteca.....	52
<b>FIGURA 8:</b> Biblioteca da FCT/UNESP .....	52
<b>FIGURA 9:</b> Diretoria e fachada da frente da FCT/UNESP .....	53
<b>FIGURA 10:</b> Pista de atletismo da FCT/UNESP.....	53
<b>FIGURA 11:</b> Moradia Estudantil da FCT/UNESP.....	54
<b>FIGURA 12:</b> Fachada do CPTL-UFMS, Unidade II.....	55
<b>FIGURA 13:</b> Bloco 6 do CPTL-UFMS.....	56
<b>FIGURA 14:</b> Bancos no bloco 6 do CPTL-UFMS.....	56
<b>FIGURA 15:</b> Espaço para convivência em frente ao RU do CPTL-UFMS.....	57
<b>FIGURA 16:</b> Parte externa do RU do CPTL-UFMS.....	57
<b>FIGURA 17:</b> PET-Geografia do CPTL-UFMS.....	58

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> Estatísticas Gerais da Educação Superior, por Categoria Administrativa – Brasil,2020.....	37
<b>TABELA 2:</b> Instituições de Educação Superior por Organização Acadêmica e Categoria Administrativa – 2020.....	40
<b>TABELA 3:</b> “Perfil” do Vínculo Discente de Graduação por Modalidade de Ensino (presencial e a distância) – 2020.....	43

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> Percentual do número de Instituições de Educação Superior por categoria administrativa 2020.....	38
<b>GRÁFICO 2:</b> Número de Matrículas na Educação Superior (Graduação e Sequencial): 2009-2019.....	39
<b>GRÁFICO 3:</b> Participação Percentual do Número de Matrículas em Cursos de Graduação em Licenciatura por Sexo, Organização Acadêmica, Categoria Administrativa e Modalidade de Ensino -2020.....	42
<b>GRÁFICO 4-</b> Percentual do(a)s Estudantes de Geografia do CPTL/UFMS por Sexo.....	63
<b>GRÁFICO 5:</b> Cidade Origem dos Estudantes de Geografia do CPTL-UFMS.....	65
<b>GRÁFICO 6:</b> Percentual de Cotistas e Não Cotistas na Graduação em Geografia no CPTL-UFMS.....	66
<b>GRÁFICO 7:</b> Percentual de Origem Escolar dos Graduandos em Geografia do CPTL-UFMS.....	67
<b>GRÁFICO 8:</b> Percentual de Autodenominação de Cor no curso de Geografia do CPTL-UFMS.....	67
<b>GRÁFICO 9:</b> Percentual do(a)s estudantes de Geografia da FCT/UNESP por Sexo.....	68
<b>GRÁFICO 10:</b> Percentual de Autodenominação de Cor no curso de Geografia da FCT/UNESP.....	69

## LISTA DE MAPAS

<b>MAPA 1-</b> Localização da FCT/UNESP de Presidente Prudente.....	48
<b>MAPA 2-</b> FCT/UNESP-Presidente Prudente – Campus,2020.....	49
<b>MAPA 3-</b> Localização da UFMS,campus de Três Lagoas.....	55
<b>MAPA 4-</b> Campus da UFMS de Três Lagoas.....	61

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE- Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CE- Ceará

CEE/MT- Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso

CPTL-UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul, Campus de Três Lagoas

COUN -Conselho Universitário/UFMS

Covid-19- Doença do Coronavírus, manifestada em 2019

DF- Distrito Federal

ENEM -Exame Nacional do Ensino Médio

ErcoGeo - Encontro Regional em Comemoração ao dia do Geógrafo

Encceja - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

FCT/UNESP -Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

FragUrb - Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos

FAPESP- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

GEPJUVE-UFRGS - Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventudes e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

GeoJuves - Grupo de Geografia das Juventudes

GAsPERR - Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais

IES - Instituições de Ensino Superior

IF- Instituto Federal

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LETUR- Laboratório de Estudos Urbano e Território

MC´s- Mestres de Cerimônia

MEC-Ministério da Educação

MG- Minas Gerais

MS- Mato Grosso Do Sul

PET- Programa de Educação Tutorial

PR-Paraná

ProUni-Programa Universidade para Todos

R.U - Restaurante Universitário

RJ- Rio de Janeiro

SESI-Serviço Social da Indústria

SENAI- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Sisu- Sistema de Seleção Unificada

Slam-Competição de poesia falada

SP- São Paulo

TG - Trabalho de Graduação

Thumbnail- imagem em miniatura utilizada em vídeos, sites e artigos.

UNE-União Nacional dos Estudantes

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UFGD - Universidade Federal Da Grande Dourados

USP (Universidade de São Paulo)

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO -CARTA AOS LEITORES E LEITORAS (CARTA INCIDENTAL #1)</b> .....	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO- “Tudo o que eu não sou, me fez tudo o que eu sou”</b> .....	<b>13</b>
<b>METODOLOGIA DE PESQUISA- “Vou fazer de novo, vou fazer muito bem feito”</b> .....	<b>20</b>
<b>CARTA AOS COLABORADORES DA PESQUISA (CARTA INCIDENTAL #2)</b> .....	<b>21</b>
Da elaboração do projeto ao referencial teórico.....	22
Metodologia qualitativa e quantitativa no contexto desta pesquisa.....	24
<b>1.CONTEXTUALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE NO BRASIL - “Tema da faculdade em que não pode pôr os pés”</b> .....	<b>30</b>
<b>CARTA DAS PROMESSAS (CARTA INCIDENTAL #3)</b> .....	<b>45</b>
1.1 Contextualização do campus da FCT/UNESP.....	46
1.1.2 Contextualização do campus do CPTL-UFMS.....	54
1.2 Afinal, quem são os estudantes de Geografia?.....	62
1.2.1 Três Lagoas.....	63
1.2.2 Presidente Prudente.....	68
<b>2.EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDE E DE UNVERSIDADE- “Capítulo quatro, versículo três”</b> .....	<b>73</b>
<b>CARTA AO REMETENTE (CARTA INCIDENTAL #4)</b> .....	<b>74</b>
2.1 Juventudes e Culturas Juvenis.....	75
2.2 Trajetórias que se encontram no mesmo espaço .....	94
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS- “Eu sinto que sei que sou um tanto bem maior”</b> .....	<b>106</b>
<b>CARTA À GEOGRAFIA DO CPTL (CARTA INCIDENTAL #5)</b> .....	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>111</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>117</b>

## PREFÁCIO

### CARTA AOS LEITORES E LEITORAS

04/03/2022

Caro(a)s leitor(a)s,

Como forma de aviso, escrevo essa carta na intenção de advertir o(a) leitor(a) desse relatório, que se trata de um texto com certas particularidades e especificidades que valem a pena ser retratados *a priori*.

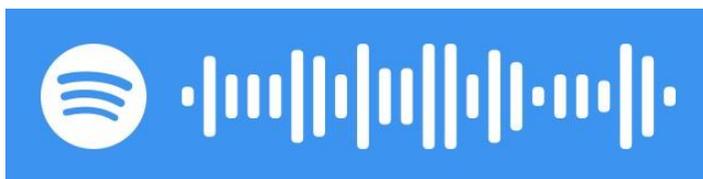
Inspirado na obra de Turra Neto (2004), tal qual o autor escreve sua dissertação em forma de cartas, achei interessante inserir 5 cartas incidentais, ao longo do texto, que complementarão os argumentos, dados e informações aqui colocados, ligando minha investigação a um gênero literário mais próximo aos não acadêmicos e há de trazer um ar artístico, lírico à minha pesquisa.

Como proposto por Ribeiro (1999) há uma forte padronização e tecnificação dos textos acadêmicos, que desperdiçam as referências artísticas, se limitando a um conhecimento, nas palavras do próprio autor, com pouca vida. Acatando a crítica de Ribeiro (1999) e por uma inclinação minha às artes, proponho que a leitura desse relatório esteja aberta a caminhar acerca das referências bibliográficas científicas, mas também das referências artísticas, do cotidiano e da minha própria trajetória.

Assim escreverei ao longo desse relatório cartas, essas intituladas respectivamente: “Carta aos leitores e leitoras (1)”, “Carta aos colaboradores da pesquisa (2)”, “Carta das promessas (3)”, Carta ao remetente (4)” e “Carta à Geografia do CPTL” (5).

Outro escape artístico, será inserido no subtítulo de cada capítulo, fazendo menção a alguma canção que contribuí para o conhecimento acerca de uma juventude universitária e tão “geográfica”, assim, abaixo inseri um QR Code, que serve de “link” para uma playlist com canções citadas ao longo dos subtítulos e inclui outras canções que podem somar com o meu trabalho; espero que assim eu possa proporcionar uma leitura mais “viva” e profunda.

João Pedro Sívio



## **INTRODUÇÃO- “Tudo o que eu não sou, me fez tudo o que eu sou”**

Primeiramente, vale a pena apresentar os motivos e intenções com que esta pesquisa foi realizada e um pouco da minha trajetória. Esta é uma forma de situar o pesquisador, para dar a conhecer de onde e de quando eu falo, pois como Boff (1997) nos acrescenta, “a cabeça pensa onde os pés pisam”, e é nessa perspectiva de saber local, parcial, tão colocado pelas correntes feministas de pensamento, como Silva, Ornat e Chimin Júnior (2017, p. 13) vão nos pontuar: “reconhecer a criação e legitimação das hegemonias de saberes corporificados é um traço fundamental da geografia feminista.” Já podemos adiantar que essa pesquisa assume esse raciocínio e essa posicionalidade, de que o nosso saber é localizado e parcial, não podemos falar da totalidade das situações ou generalizar nossos resultados, mas com o que foi pesquisado, (re)afirmamos um ponto de vista, uma perspectiva. Por isso escreverei em primeira pessoa do singular.

Nasci e vivi sempre em Presidente Prudente/SP. Desde o 7º ano do ensino fundamental estava convicto que seria professor de Geografia, talvez pela influência de meu pai, que sempre se interessou pelo assunto, passando conhecimentos da geografia nas longas conversas que sempre tivemos, e pela profissão de minha mãe (assistente social), que sempre a exigiu um lado geográfico humano, de compreender as desigualdades da cidade, os percursos e caminhos dos que passam por vulnerabilidades sociais.

Assim, ingressei aos 17 anos na Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), no ano de 2016. No segundo ano de graduação, fiz serviço militar obrigatório e trabalhava também (além das aulas), fazendo com que meu anseio de participar de grupos de pesquisa e iniciação científica fossem adiados para o terceiro ano de curso (2018).

Durante toda minha graduação, sempre me interessei mais pelas questões humanas e sociais que são muito presentes na estrutura curricular do curso. Após a disciplina optativa “Geografia Social e Cultural”, lecionada pelo professor Turra Neto, que figurou como orientador da minha primeira pesquisa, interessei-me mais pelo extenso campo da Geografia Cultural, em especial pelos estudos que abrangiam a “Geografia das Juventudes”, pois a minha trajetória tão conectada à uma comunidade

católica, sempre no meio jovem, fez com que meu interesse acerca das juventudes fosse aguçado naquele momento também pelo olhar geográfico - assunto esse (juventudes) que tem sido desenvolvido pelo professor ao longo de sua carreira acadêmica.

A partir deste interesse, fui à procura do professor, sem ainda nada muito definido; antes de tudo, o professor propôs algumas referências sobre o tema e assim, gradualmente, lendo, me encontrando com o professor e com o grupo de Geografia das Juventudes (GeoJuves), no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), iniciei a construção de um projeto de pesquisa para a minha iniciação científica.

Nessa busca de apreender mais sobre o tema, encontrei importantes autores como o próprio Turra Neto (2015), Pais (1993), Lima (2018), Feixa (2003) dentre tantos outros e outras, que confirmaram o quanto o tema precisava ainda ser explorado e me instigaram a continuar nos estudos e na formulação de um projeto de pesquisa. Enviamos o projeto para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no ano de 2019, eu já no meu quarto ano, a proposta de pesquisa tratava sobre a Cultura universitária e experiência de juventude dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP. Tivemos por duas vezes o projeto negado pela fundação, até que em 2020, na terceira tentativa e durante a pandemia do Covid 19, aceitaram o projeto tão lapidado e alterado durante esses meses anteriores ao parecer positivo da FAPESP.

A pandemia exigiu que o foco fosse para o 2° e 3° ano de curso, pois os calouros de 2020 não tiveram uma vivência universitária considerável. Frente a esses desafios, passamos a nos interessar por esses 2 anos que tiveram uma experiência de juventude mais integrada na universidade e a sua cultura, intitulamos tal pesquisa como: Cultura Universitária e Experiência de juventude dos estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia da FCT/UNESP -Presidente Prudente.

A minha investigação gerou resultados e frutos importantes, apresentei os dados ao conselho do curso de Geografia, e os dados obtidos foram usados pelo Professor Nécio Turra Neto na aula <sup>1</sup>magna do curso de Geografia da Universidade Federal Da Grande Dourados(UFGD) em 2021, dados esses que muitas vezes conversavam com a realidade dos graduandos de Geografia da universidade de

---

<sup>1</sup> Fala essa que se tornou um capítulo do livro, intitulado "Geografiando Afetos: Escritos, imagens, intensidades, organizado por Goettert et al (2022).

Dourados; além dos eventos os quais apresentei oralmente parte dos resultados e artigos escritos oriundos do relatório final.

Na conclusão da pesquisa, sua estruturação em forma textual, me fez encontrar outras referências para além do levantamento bibliográfico, inspirações artísticas, estéticas e representativas. Encontrei cores, traços e representação para essa pesquisa no gênero *Vaporwave*, movimento artístico que nasce na internet nos anos 2000; como colocado por Moré (2018), o movimento tem uma estética e proposta própria, com uma paleta de cores semelhante às do pôr do sol, ironiza o sonho perdido do capitalismo e através de imagens com baixa resolução, tenta sempre trazer um ar de nostalgia de um passado que talvez nunca existiu, além de uma estética hipnótica carregada de desesperança do futuro.

Achei interessante inserir esse gênero como fundo artístico nos slides para a apresentação dos meus resultados em apresentações orais e na própria defesa do meu TG (Trabalho de Graduação, que foi também o relatório final da pesquisa em questão). Assim, fui um dia a FCT/UNESP e tirei fotos da universidade ao pôr do sol, inserindo efeitos e filtros, tornando-as imagens de baixa resolução, intencionalmente.

A relação que fiz entre minha pesquisa e o gênero artístico foi a noção de desesperança e a contemporaneidade desse movimento artístico, que surgiu nos anos 2000, assim como a maioria dos estudantes pesquisados (do 2º e 3º ano do curso de Geografia da FCT/UNESP).



Figura 1: Título/Imagem do meu trabalho de graduação. Fonte: Arquivo próprio.

O álbum musical “Cool Tapes Volume III” (CTVIII) de Jaden Smith de 2020, abrangendo a estética e sonoridade do gênero *Vaporwave*, foi com certeza a “trilha sonora” desse TG, pois em suas letras, o artista traz reflexões acerca do crepúsculo de sua adolescência e o início de uma maturidade maior; ora, assim como os jovens estudantes universitários, que ingressaram na universidade muitas vezes com menos de 20 anos, sendo assim, as incertezas, as novas responsabilidades da vida adulta e aspirações estavam presentes nas falas dos estudantes investigados, era também um crepúsculo em minha vida, eu aos 22 anos finalizava minha graduação em uma instituição a qual permaneci 5 anos, assim o álbum se mostrou ideal para aquele momento.

No período de elaboração do TG, prestei o processo seletivo de mestrado da Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul (UFMS) do campus de Três Lagoas (CPTL), cidade que já fez parte da trajetória da minha família paterna.

Sabendo que o programa de pós graduação em Geografia do CPTL-UFMS já havia pesquisado temas acerca da cidade e as juventudes, tive o interesse de seguir o caminho da Geografia das Juventudes, entrando em contato com a professora Patrícia Milani, por indicação do meu orientador na época, Nécio Turra Neto.

Contactei a professora via e-mail pela primeira vez, e ela demonstrou interesse e cordialidade desde o primeiro contato, solicitando que eu a enviasse os primeiros rascunhos de um projeto e assim o fiz.

Ao longo dos primeiros meses de 2021 trocamos e-mails e versões de projetos possíveis a serem apresentados no processo seletivo de mestrado do CPTL-UFMS.

Até que em fevereiro submeti um projeto interessado na experiência de juventude dos estudantes de Geografia do CPTL-UFMS e em março saiu o resultado do processo seletivo, constando meu nome como um dos classificados. Doravante, meus contatos com a professora se estreitaram, a convidei para minha defesa de TG e continuamos a mexer no projeto, na intenção de integrá-lo mais a Geografia urbana, área de maior domínio da professora Patrícia que também me apresentou referências da Geografia Feminista, tão pertinentes aos nossos estudos, sobretudo do ponto de vista epistemológico.

No desejo de me manter ligado ao GASPERR da FCT/UNESP, grupo de pesquisa o qual a professora Patrícia Milani também tem ligação, adaptamos o tema da pesquisa para integrar o projeto temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos” (FragUrb<sup>2</sup>) projeto que analisa o possível processo de fragmentação socioespacial em nove cidades médias brasileiras, uma delas, a cidade de Presidente Prudente.

Dessa forma se pensou que, a partir da experiência de juventude e universidade dos sujeitos que participaram da pesquisa, se poderia analisar seus trajetos, espaços de encontro e lazer no espaço urbano, e como isso aponta para tendências ou resistências a investigação da fragmentação socioespacial.

Ora, se a trilha sonora de minha iniciação científica foi um álbum de 2020, de Jaden Smith, com a intenção de refletir acerca do crepúsculo da juventude dos estudantes de Geografia, essa dissertação tem como uma das trilhas sonoras o álbum “Graduation” de Kanye West, de 2007, que reflete acerca da “graduação” do artista, firmando-se com esse álbum como “formado” em música, além de tratar de temas como a universidade, o músico canta sobre de objetivos alcançados, inspirações, memórias e reflexões introspectivas.

O álbum tem como faixa 10, a canção: “Everything I am” (Tudo o que eu sou), e na letra dessa música o artista confessa a seguinte frase: “...tudo o que eu não sou, me fez tudo o que eu sou”.

Nessa música, o rapper diz não ser aquilo que outros artistas foram e são, muitos desses artistas, referências suas, ou próximos, artisticamente, mas distantes

---

<sup>2</sup> Projeto temático amparado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP).

na manifestação de diferentes aptidões e expressões. Porém, tudo o que é presente na música e personalidade desses outros artistas, colaborou, de alguma forma, na construção de Kanye West; tudo o que ele diz não ser, corroborou para que ele construísse o seu jeito de fazer arte, e o mosaico de influências que Kanye sempre demonstrou em suas obras, constituíram/constituem diferentes partes de um todo, formando tudo o que ele é.

Eu tenho a mesma perspectiva sobre quem eu sou. Nunca fui teólogo, mesmo sendo influenciado por muitos, tão diferentes de mim; nunca fui um professor parecido com os que tive, mesmo sempre os admirando. Nunca fui um artista tão completo como o(a)s que ouço/vejo diariamente, mas tantas as obras de arte que traduzem diversos momentos por mim; nunca falei tão bem como o(a)s grandes oradores que falaram horas, prendendo minha atenção e por último, nunca fui um geógrafo como a professora Patrícia H. Milani ou o professor Nécio Turra Neto, mas a contribuição deles para comigo me fez ser o pesquisador que sou até aqui.

Logo, tudo o que eu não sou, me fez ser tudo o que sou influenciado por um mosaico de mestre(a)s (de áreas tão distantes entre si, mas tão próximas para mim), cheio de sonhos e ambições, sou o resultado do encontro de todos que vieram antes de mim, e dos que caminham comigo.

O fato de fazer parte do universo que estudo, enquanto mestrando em geografia na CPTL- UFMS e estudante formado na FCT/UNESP, não torna essa pesquisa menos legítima ou menos objetiva (como já mencionado). Tomando como base Velho (1985), em sua discussão sobre a “observação do familiar”, tenho que foi preciso desnaturalizar aquilo que me parece(u) banal na vida de todo o dia e me perguntar o porquê de certas práticas, discursos, atitudes.

Também inspirado em Haraway (1995), parto do pressuposto de que não há posição privilegiada a partir da qual o pesquisador poderia atingir um conhecimento mais verdadeiro da realidade. O que há são os meus conhecimentos parciais, elaborados a partir de sujeitos que estão situados no mundo (tempo e espaço) e não podem falar a não ser a partir e com base nessa situacionalidade (como já dito e referenciado nesse texto), como dito por Boff (1997) e sua perspectiva do conhecimento a partir do nosso chão.

Assim, somente a parcialidade e a explicitação desta no texto garantem a objetividade da pesquisa, sabendo agora um pouco de quem sou e como cheguei até

aqui, já se pode ter uma leitura desse texto, localizando de onde vem o meu olhar, e de qual chão meus pés pisam.

A estrutura dessa dissertação será constituída primeiramente pelo tópico da introdução (o qual esse trecho está inserido), posteriormente o tópico da metodologia de pesquisa evidenciará o passo a passo da construção da pesquisa, e os procedimentos metodológicos utilizados para a investigação aqui concluída. Em seguida, o capítulo I intitulado “A Contextualização da Universidade no Brasil” há de nos mostrar um panorama das universidades brasileiras e seu contexto, enquanto que poderemos assim, iniciar um olhar – no começo mais quantitativo- para os campi que nossa pesquisa envolve, com dados dos estudantes de graduação em Geografia de ambas as universidades. O capítulo II, “Experiências de Juventude e de Universidade” há de iniciar nossa discussão no tema das juventudes, e mais adiante apresentar informações qualitativas dos sujeitos que colaboraram com nossa dissertação, discutindo suas trajetórias, seus trajetos e respectivas experiências de juventude e universidade. Em tom de conclusão, as considerações finais retornarão ao objetivo geral proposto, que é compreender quem são os jovens que chegam ao curso de Geografia da UFMS e da FCT/UNESP, quais eram suas experiências prévias de juventude e que experiências passam a ter quando ingressam no curso; ainda nesse tópico apontaremos possíveis horizontes para novas pesquisas e para os próprios cursos de Geografia. Por fim os anexos e as referências encerram o texto, indicando quem colaborou com a construção do pensamento por nós elaborado e elementos apêndices que somam ao texto escrito.

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética local, com a numeração do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) sendo: 56756822.0.0000.0021.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA- “Vou fazer de novo, vou fazer muito bem feito”.**

No álbum musical “Imunidade Musical” (2005), a banda *Charlie Brown Jr* traz à tona novas letras e harmonias que se tornaram verdadeiros hinos das juventudes brasileiras de então.

Em seu oitavo álbum, a banda continuou formulando críticas e pensamentos pertinentes à realidade brasileira, mesmo passando ela própria por um período conturbado, de reformulação e conflitos, entregou um conjunto de músicas que não só comunicavam grandes questões, como a ausência de liberdade, a violência, mas também com questões subjetivas, qualitativas e pessoais, tal qual a esperança e a desesperança, planos e angústias, conquistas e desafios.

Ora, a Geografia se depara também com esse desafio, de compreender as grandes dinâmicas estruturais, ao passo que saiba identificar o cotidiano dos sujeitos, suas corporalidades e fazer então uma relação entre essas escalas, articulando-as.

A arte sempre soube fazer esse diálogo, e aqui não é diferente. Diante desse grande desafio, se optou por mais de um procedimento metodológico e se manter aberto à referências não só de um campo de investigação, tal como ampliar as possibilidades de um levantamento interessado em expressões artísticas que pudessem somar à discussão, na intenção de reordenar as limitações de uma dissertação “academicista”, mas preenchida de cores, vida e utopia; acredito ser possível se fazer uma pesquisa bem feita e profunda envolvendo (necessariamente) a arte e a cultura das juventudes brasileiras.

Como já adiantado na introdução essa pesquisa também utilizou de uma perspectiva feminista, consciente de que o pesquisador não tem neutralidade (ANDRIOLI,2006) no processo investigativo. Houve a geração de informações quantitativas e qualitativas para atendermos os objetivos em questão, que serão descritos a seguir, mas antes, convém comentar os primeiros passos para a elaboração do projeto, o primeiro contato face a face com a professora e o levantamento bibliográfico.

## CARTA AOS COLABORADORES DA PESQUISA

16/08/2022

Caro(a)s colaboradore(a)s,

Eu escrevo essa carta agradecendo a todos e todas que de alguma forma colaboraram com essa pesquisa, sem vocês eu não teria conseguido chegar aos resultados que procurei obter ao longo da investigação.

Espero que esse estudo possa conversar não só com os graduandos que integraram os estudos aqui colocados, mas também outros sujeitos, de outros anos e outras instituições, que saibam da importância de suas conversas após as aulas, que se atentem aos percursos e espaços do cotidiano que materializam os ensinamentos da sala de aula, e que saibam dos potenciais daqueles que procuram o saber, não só na universidade, mas em diferentes cantos da cidade.

A vontade de estar junto, de fazer parte, de fazer nada e de fazer arte, tem o potencial de transformação, tem o poder de ressignificação...

Também tenho a esperança dessa pesquisa servir de fundamento para os respectivos departamentos e coordenação de curso, para se pensar alternativas possíveis, para o combate a evasão na FCT, para uma maior procura pelo curso no CPTL, para fazer da universidade uma experiência mais íntegra e integradora.

Eu escrevi esse trabalho, imaginando estar escrevendo para os graduandos e graduandas em Geografia, por ser quem tornou possível essa proposta, e também por ter me ensinado tanto, nas conversas de corredor, nos intervalos entre aulas, nas aulas do estágio docência, no ErcoGeo e durante as metodologias da própria pesquisa.

*João Pedro Silva*

### Da elaboração do projeto ao referencial teórico

Como mencionado na Introdução, meu primeiro contato com a professora Patrícia foi *on-line*, por indicação do meu orientador de iniciação científica, enviei o primeiro *e-mail* ainda no ano de 2020, ano o qual a pandemia do Covid-19 já era uma realidade no Brasil. O *e-mail* enviado tinha o seguinte conteúdo:

ASSUNTO: INTERESSE EM MESTRADO EM GEOGRAFIA NA UFMS DE TRÊS LAGOAS
Boa Tarde, Meu nome é João Pedro, sou estudante de geografia do quinto ano na UNESP de Presidente Prudente, faço iniciação científica na área de geografia das juventudes e meu orientador Nécio Turra, me passou seu contato, pois me interesse em fazer mestrado e gostaria de prestar aí em Três Lagoas (vou prestar aqui na Unesp também). O tema da minha atual pesquisa, é a cultura universitária, dos estudantes de segundo e terceiro ano do curso de geografia, para o mestrado, acredito que teria como projeto algo parecido, que investigasse culturas juvenis, se puder me ajudar, fico no aguardo.
Att, João Pedro Turino
Data: 30/08/2020

Obtive resposta logo no dia seguinte, com a disposição da professora a me ajudar a pensar em um projeto de pesquisa para prestar o processo seletivo de mestrado. Dessa data em diante, trocamos informações, textos e opiniões acerca do pré-projeto em questão. Com a divulgação do resultado do processo seletivo de mestrado no dia 03/03/2021, combinei uma reunião com a professora Patrícia via *Google Meet* no dia 09/03/2021, e então começamos a pensar datas de planejamento e discutir a pesquisa em si.

Ao longo de muitas reuniões *on-line* e troca de mensagens e *e-mails* fomos alterando e incrementando o projeto (antes muito próximo a minha investigação de monografia). Alguns dos pontos que a professora trazia eram sobre a questão de tornarmos o projeto mais próximo à Geografia Urbana.

O manual elaborado por Silva, Silva e Junckes (2009), procura ser uma obra que guie o pesquisador na elaboração de um projeto, de forma didática, apresentando o passo a passo na construção de uma pesquisa. Esse livro, também utilizado na minha iniciação científica, foi minha maior referência para as primeiras formulações do processo investigativo. Os autores, apontam que o pré-projeto deve antes de tudo

ter uma problemática, o trabalho deve ter uma pergunta de partida, que surge diante de uma leitura *a priori* e a delimitação de um campo de investigação. Através dos simples questionamentos: O quê? Quando? Onde? Por quê? Se estruturam as dúvidas que somadas ao levantamento bibliográfico e a conceituação teórica se tornam a questão central da pesquisa; que no caso, é: “Quem são os jovens que chegam ao curso de Geografia da UFMS e da FCT/UNESP e quais eram suas experiências prévias de juventude e que experiências passam a ter quando ingressam no curso?”

Nessa questão central, buscamos questionar quem são os jovens estudantes de Geografia, procurando responder essa indagação com dados quantitativos e informações qualitativas. Delimitamos a área (onde) de estudo, o CPTL-UFMS e a FCT/UNESP. Também traçamos um limite temporal, tratando-se dos estudantes de Geografia de ambas as instituições no ano de 2022, ao passo que, as trajetórias dos sujeitos investigados fizeram também parte da análise.

E por último a pertinência dessa pesquisa, o porquê de se estudar esses jovens de ambas as universidades. Percebemos a justificativa da pesquisa não só sendo interessante para o avanço do campo da Geografia das Juventudes, em específico no estudo das juventudes universitárias, mas também se colabora com a Geografia pensando em si mesma, enquanto curso de graduação em universidades públicas; refletimos acerca dos sujeitos que compõe o quadro de futuros geógrafos e professores de Geografia, e a partir da compreensão de quem são esses sujeitos e suas próprias “geografias”, os cursos podem repensar práticas pedagógicas, e sistematizar novas estratégias no processo de formação desses estudantes.

Sendo o ano de 2021 também impactado pela Covid-19, o primeiro ano da pesquisa foi experienciado de forma remota, ao passo que os procedimentos metodológicos feitos nesse ano (as entrevistas) também tiveram que ser *on-line*. A minha primeira vinda ao CPTL-UFMS foi no dia 14/12/2021 em um período já mais brando da pandemia, no mesmo dia tive a primeira reunião com a professora Patrícia e traçamos um planejamento para o ano de 2022, esse presencial.

O referenciamento teórico continuou seguindo até o fim da pesquisa, com novas indicação da professora, contato com os livros do Laboratório de Estudos Urbano e Território (LETUR), nas discussões no grupo de Geografia das Juventudes da FCT/UNESP que faz reuniões *on-line* quinzenalmente (GeoJuves), apontamentos em disciplinas ao longo do mestrado e o próprio estágio docência.

## **Metodologia qualitativa e quantitativa no contexto desta pesquisa**

Após o levantamento bibliográfico (que se sucedeu ao longo de toda a pesquisa), o procedimento metodológico realizado em seguida foram entrevistas; e por conseguinte a transcrição e organização, esta guiada pela codificação, proposta de Colongese e Mélo (1998). Trabalhamos com o roteiro semiestruturado (ANEXO 1). Por meio dele procuramos valorizar a gama de espaços, trajetões, temporalidades e possibilidades do dia a dia desses estudantes, é o encontro dos plurais trajetórias – desses sujeitos- no aqui e no agora da universidade e do curso de Geografia que nos interessa, e a potencialidade desse encontro que impacta nas experiências desses sujeitos.

Convém adicionar que as entrevistas foram realizadas de forma *on-line*, dada a situação da pandemia do Covid-19 no ano de 2021 (por meio da plataforma *Google Meet*). As entrevistas exigiram um tratamento das informações, separando-as em um quadro temático, os temas que compareceram em mais de uma entrevista, e que se mostraram pertinentes para a avaliação da experiência de juventude e universidade desses estudantes.

Entrevistamos cinco estudantes de Geografia, sendo 2 estudantes da FCT e 3 estudantes da UFMS/Três Lagoas. Os entrevistados da FCT/UNESP (Presidente Prudente) foram: Dourado (nome fictício), estudante do 4º ano de Geografia e Prince (nome fictício), também estudante do 4º ano de Geografia. obtive o contato de Dourado por uma amiga em comum, e o nosso primeiro contato foi via *Whatsapp*. Quando entrei em contato, ele se mostrou interessado e foi muito proativo, ele mesmo já marcando um horário e dia, assim que eu expus a ele que faríamos de forma remota, a entrevista aconteceu no dia 21/06/2021. Ele estava animado com os próximos meses, pois iria mudar de cidade e conhecer um outro curso e uma nova universidade (como veremos adiante), ao passo que ao longo de nossa conversa Dourado se mostrou muito desgastado do ensino remoto e crítico a muitos elementos da graduação em Geografia da FCT/UNESP.

Os estudantes entrevistados da UFMS/Três Lagoas foram: Monalisa, Domingos e Roddman, os dois primeiros foram respectivamente os próximos a conversar comigo, ambos foram indicações da Professora Patrícia, que também os

orienta(va) em suas iniciações científicas, a minha primeira aproximação com os mesmos também foi via *Whatsapp*. Estudantes de graduação em Geografia na UFMS de Três Lagoas eram amigos um do outro, Monalisa estava no 3º ano e Domingos no 4º, os dois se colocaram à disposição para indicar outros nomes para outros procedimentos metodológicos.

A entrevista com Monalisa foi realizada no dia 06/07/2021, Monalisa integra(va) o Programa de Educação Tutorial (PET) da Geografia e ao longo da conversa revelou o quanto o PET fazia parte de suas horas e de seus percursos, mesmo na pandemia, com atividades remotas; me chamou a atenção que ao entrar na sala on-line do *Meet*, ao fundo estava Nicolau, o filho de Monalisa assistindo a algum desenho animado, enquanto conversávamos; quantas responsabilidades, compromissos e prazos Monalisa precisa balancear e organizar todos os dias de sua vida, às vezes mesmo para ter apenas uma conversa...

A entrevista com Domingos foi no dia 29/07/2021, de forma *on-line*, e realizada no mesmo dia que entrei em contato com ele, se mostrou disposto e interessado, atrasou um pouco para entrar na sala do *Meet* e justificou ser por conta de estar colocando as roupas no varal para secar, Domingos estava morando com o namorado, havia saído não há muito da casa de sua mãe e vivenciado uma situação de divórcio dos pais, era contemplado pela bolsa de permanência estudantil oferecida pelo CPTL-UFMS e integrava o PET-Geografia.

A entrevista com Prince (estudante da FCT/UNESP) ocorreu no dia 31/08/2021 eu precisei alterar o horário da nossa conversa pois estava sem internet, Prince foi muito cordial comigo, desde a primeira vez que combinei com ele a entrevista, via *whatsapp*, já o conhecia no GeoJuves. Dessa forma, tinha algumas informações sobre ele, ao entrar no *Meet*, a câmera revelava que ele estava numa sala escura, era seu quarto, tinha pendurado na parede do fundo uma faixa: “fora Bolsonaro”, levou a entrevista em tom bem humorado, com timidez, mas disposição. E se mostrou interessado por minha pesquisa.

A última entrevista foi feita com Roddman, na data de 20/09/2021, eu estava há uma semana tentando marcar a entrevista através do *Whatsapp*, o contato de Roddman também foi uma sugestão da professora Patrícia. Roddman ao longo da semana em que eu tentava marcar a entrevista se mostrou/ pareceu desconfiado, para a entrevista atrasou mais de meia hora, justificando que estava lavando a roupa. Entrou na reunião com a câmera desligada, dizendo que estava sem camisa, e que

em Três Lagoas estava muito calor, no começo falou pouco (ainda desconfiado), à medida que o tempo passou, pedi que ligasse a câmera, ele o fez e começou a se soltar mais. Continuamos o papo mesmo após o fim da entrevista, fechei a gravação, ele se mostrou desanimado com o curso, devido a situação da pandemia e pediu que eu mandasse pra ele quando o trabalho estiver pronto.

Após a realização e transcrição de todas as entrevistas, fizemos um quadro dividido por temas/codificação (elementos que compareceram em todas as entrevistas e seriam pertinentes à pesquisa), foram eles: trajetórias pregressas, locomoção, locais de encontro e sociabilidade, tempo livre e lazer e o curso de Geografia. A partir desses temas comparamos as narrativas de cada um dos estudantes, buscando semelhanças e diferenças nas experiências, por meio das falas.

Após a realização das entrevistas, consultamos o site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) afim de buscar dados acerca do ensino superior brasileiro (público e privado); ainda em 2021, quando defendi minha monografia, o suplente da defesa Matheus Guimarães Lima me orientou a usar esses dados, que são atualizados e de fácil acesso. Portanto, acessamos o site e selecionamos os gráficos e valores mais interessantes à pesquisa, deixando já salvos em uma pasta até o momento de uso e análises.

Como se colocou no projeto, havia ainda a intenção de conhecermos o perfil dos estudantes de Geografia do CPTL-UFMS e da FCT/UNESP. Tentamos conseguir esses dados via seção de graduação do CPTL-UFMS, mas houve muita resistência e em certo momento a impossibilidade de se ceder os dados necessários. Por isso aplicamos um questionário aos estudantes de graduação, no primeiro semestre de 2022, com as aulas funcionando presencialmente, passei de sala em sala explicando o interesse de minha pesquisa e solicitando a participação dos graduandos para um questionário rápido.

O roteiro do questionário foi baseado em Chagas (2000), com sua estrutura demonstrada nos anexos (ANEXO 2).

Por meio do questionário obtivemos 55 respostas, sendo aplicado nos 4 anos da graduação (envolvendo os estudantes do bacharel e licenciatura). O total de alunos de Geografia matriculados no CPTL- UFMS é de 171 estudantes, a amostra de 55 respostas corresponde a 32% dos estudantes.

No caso de Presidente Prudente, através do intermédio do Professor Nécio, tivemos acesso aos dados integrais dos estudantes do curso de Geografia, tratou-se

de uma amostra com 299 graduandos (o número total de alunos matriculados no curso de Geografia da FCT/UNESP). Solicitamos os dados, via e-mail: Sexo, Gênero, Autoidentificação étnico-racial, Número de Cotistas e não cotistas (especificando o tipo da cota), Escola origem (pública ou privada), Cidade Origem e Bairro/cidade que reside atualmente; obviamente preservando a identidade (nominal) desses estudantes, não constando o nome de nenhum(a) aluno(a).

Porém os dados recebidos foram apenas o ano de ingresso, o sexo, a cidade origem, a cidade atual, a autoidentificação de cor, onde se cursou o ensino médio e cotas. Convém adicionar que levou um certo tempo para a obtenção desses dados, alguns e-mails não respondidos, semanas de aguardo e uma ida pessoal à seção de graduação conversar com o responsável por esses dados. Os dados obtidos pelo questionário e pela seção de graduação da FCT/UNESP foram transformados em gráficos e para a produção de mapas.

Outro procedimento metodológico utilizado foi o grupo focal, realizamos dois, um em Três Lagoas e outro em Presidente Prudente. Os grupos focais são grupos de discussão informal de tamanho reduzido, com o objetivo de obter informações qualitativas sob o tema em questão. Seu objetivo é produzir uma fala em debate (diferente de entrevista de grupo ou de entrevistas individuais). O roteiro do grupo focal foi pensado baseando-se em Gatti (2005), trazendo questões provocativas, colocadas pelo pesquisador, que no grupo exerce o papel de mediador do debate, segundo Turra Neto *et al* (2022).

O primeiro grupo focal foi realizado em maio de 2022 na sala da Pós Graduação no CPTL-UFMS e o segundo grupo focal em Junho de 2022 na praça em frente a biblioteca da FCT/UNESP.

No primeiro grupo focal tivemos 6 integrantes e no segundo 3 participantes, ainda que um número abaixo do recomendado, porém justificaremos adiante a permanência dele na pesquisa.

O processo de agremiação para a dinâmica do grupo focal foi de maneira diferente para cada caso. No caso do primeiro grupo, imprimimos uma tabela com abas para nome e telefone de contato, e eu passei na sala do PET-Geografia e na turma do 2º ano (turma a qual eu fazia estágio docência) solicitando que preenchesse quem pudesse colaborar com a pesquisa, advertindo que horário e data seriam decididos depois.

A partir dessa lista, contactamos alguns estudantes e consegui 7 confirmações. No dia anterior ao grupo reforcei o horário, ponto de encontro e data com todo(a)s, e um dos estudantes disse que teria dificuldade de estar presente, participando apenas 6 estudantes do grupo focal.

No caso do segundo grupo focal, eu tendo um amigo no 3º ano da graduação e outra no 5º ano, convidei ambos para fazermos o grupo, via *Whatsapp*, com semanas de antecedência, esse amigo do 3º ano com iniciativa própria, chegou a criar um grupo no *Whatsapp* e se dispôs a convidar colegas para a dinâmica (e os inserir no grupo de *Whatsapp*).

No dia, estavam confirmadas 4 pessoas, duas pessoas do 5º ano e duas do 3º ano, reforcei no grupo o horário e o local de encontro, e por conta de um jogo da “Copa Luta de Classes<sup>3</sup>”, houve mais uma desistência pois o estudante preferiu assistir ao jogo a comparecer ao grupo focal.

Diante dessa situação, realizamos o grupo focal com 3 estudantes, duas do 5º ano e um do 3º ano, apesar do número reduzido, o grupo gerou debate e informações vastas.

Nas referências acerca do procedimento metodológico dos grupos focais (GATTI,2005; MEINERZ, 2005), sempre se indica a organização de grupos com 5 a 12 pessoas, para que a discussão exponha divergências, e um maior debate. Porém, o segundo grupo focal gerou tanta discussão e exposições tão pertinentes à pesquisa, que se optou por manter os resultados desse encontro na FCT/UNESP.

O critério de escolha para o primeiro grupo (CPTL) foi uma gama de abrangência capaz de se ter estudantes de todos os anos.

Para o segundo grupo focal o critério não foi o mesmo, o segundo grupo focal tinha a intenção de se evidenciar a diferença de experiência de juventude dos estudantes do matutino e do noturno (situação particular da FCT/UNESP que diferente do CPTL-UFMS oferece o curso nos dois períodos). Ambos os critérios foram alcançados ainda que parcialmente (devido as ausências repentinas no segundo grupo focal). O roteiro do grupo focal consta no ANEXO 3.

Os grupos focais foram gravados e transcritos. As transcrições também foram organizadas por temas, organizados em um quadro de análise. Os temas para

---

<sup>3</sup> Competição de futebol entre as turmas da Geografia disputada na quadra próxima a biblioteca.

organização dos discursos foram (em acordo com o roteiro): Práticas cotidianas; lazer/tempo livre; trabalho; experiência de juventude e de universidade.

Com esses procedimentos metodológicos realizados, realizamos o diálogo entre as informações empíricas e nossas bases teóricas construir um conhecimento mais amplo desses estudantes, a partir de seus cotidianos e suas experiências de juventude, que se encontram em processo contínuo e permanente.

## 1.CONTEXTUALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE NO BRASIL - “Tema da faculdade em que não pode pôr os pés”

Como afirmado na canção “Boa Esperança” do artista Emicida (2015), “És tema da faculdade em que não pode pôr os pés” muitos sujeitos, ativos e protagonistas da história (considerando tempo e espaço), foram investigados em inúmeras pesquisas, entrevistados e questionados acerca de importantes questões da realidade, mas acabam sendo marginalizados pela própria universidade, impedidos de acessar um saber científico e formas de permanecer na universidade, espaço que fica cerceado a poucos no Brasil.

Ora, para compreendermos a situação atual das nossas universidades, é preciso rever os acontecimentos do processo histórico para assim, entender de forma mais ampla as duas universidades – e os cursos de Geografia – aqui investigados. Saviani (2010, p.5) vai nos trazer um resgate acerca da formação do ensino superior no Brasil:

Após a independência, por decreto de D. Pedro I de 11 de agosto de 1827, foram criados os Cursos de Direito de São Paulo e de Olinda, sendo que este último foi transferido para Recife em 1854. Esses dois cursos vieram a constituir, respectivamente, a Faculdade de Direito do largo de São Francisco, em São Paulo, e a Faculdade de Direito do Recife. Em 1934, com a fundação da Universidade de São Paulo, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco a ela foi incorporada o mesmo tendo ocorrido com a Faculdade de Direito do Recife que se incorporou à Universidade Federal de Pernambuco, criada em 1946. De modo geral aos cursos criados por D. João VI e às duas mencionadas faculdades se resume o ensino superior no Brasil até o final do Império. Duas características são comuns a todos eles: trata-se de cursos ou faculdades isoladas e são todos eles públicos mantidos, portanto, pelo Estado.

Nos anos seguintes, segundo Saviani (2010), notamos manifestações de cunho liberal e positivista lutando por faculdades e universidades privadas, “livres” das mãos estatais, ocasionando no surgimento de algumas faculdades e esboços de universidades particulares, mas ainda de forma acanhada, isoladas entre si, respondendo a necessidades particulares de diferentes cidades, estados e grupos sociais/econômicos. É nos anos de 1930 sob o governo de Getúlio Vargas que a universidade retornará a estar mais concentrada nas mãos do estado, a USP

(Universidade de São Paulo) surgirá nesse contexto, e ainda na década de 30 a UNE (União Nacional dos Estudantes), revelando assim uma maior organização entre os diferentes polos de ensino superior, com o surgimento do estatuto das universidades, há também uma federalização do ensino superior.

Apesar do acesso à universidade ser bastante restrito, neste período, às classes mais abastadas da sociedade brasileira, as mobilizações políticas da UNE e de outras organizações/coletivos estudantis buscaram ser ativos politicamente, com pautas voltadas a sociedade brasileira, esses posicionamentos e mobilizações incomodaram a ditadura militar, que assumiria o poder com o golpe de 1964. Segundo Saviani (2010, p.8),

O advento do golpe militar em 1964, por um lado, procurou cercear as manifestações transformadoras, mas, por outro, provocou no movimento estudantil o aguçamento dos mecanismos de pressão pela reforma universitária. O movimento pela reforma ganhou as ruas impulsionado pela bandeira “mais verbas e mais vagas” e culminou com a ocupação, em 1968, das principais universidades pelos estudantes que instalaram comissões paritárias e cursos-piloto, ficando no controle das escolas durante o mês de julho e todo o segundo semestre. Nesse contexto resultou necessário efetuar o ajuste do sistema de ensino à nova situação decorrente do golpe militar.

Assim, graças a mobilização dos estudantes, foi realizada a reforma universitária, que promoveu uma maior democratização do ensino superior (ainda restrito a determinados setores da sociedade brasileira), e a maior valorização/prática da pesquisa na academia brasileira, a partir dessas reivindicações, a educação superior se organizou até a redemocratização do Brasil.

Buffa e Pinto (2016) vão nos colocar que a partir dessa ampliação do quadro universitário brasileiro, ainda durante a ditadura militar, começam a emergir vários campi em capitais e cidades médias no país; os autores vão reforçar a ideia de que se assume uma arquitetura e ideia de universidade inspirada nos campi norte-americanos, diferentes das universidades europeias, antes modelo para nossas universidades.

Em contrapartida ao claustro das universidades europeias, o campus universitário norte americano é firmado em sítios e não apenas em prédios, há espaços verdes e uma paisagem mais associada ao ambiente rural. O lugar de destaque das universidades norte americanas são as bibliotecas e não mais as igrejas

como nas universidades da Europa, cujos prédios e a arquitetura datam de períodos em que a igreja tinha forte influência; contudo nos dias atuais essas construções coexistem com as formas mais contemporâneas de universidade na Europa. A universidade nesses moldes (norte-americano), está distante da cidade, reclusa, na postura de um contemplador, alguém que observa e descreve seu objeto com certa “distância científica”, a separação causada pelo modelo de campus é a maior crítica feita a essa arquitetura<sup>4</sup>, que por si só, no caso brasileiro, tende a excluir uma parcela significativa de possíveis estudantes

Combinado a isso, interfere na experiência de universidade que alguns estudantes desenvolvem ao longo de sua permanência na instituição, principalmente aqueles que não possuem carro ou moto, que utilizam do transporte coletivo ou de bicicleta para chegar ao campus. No caso específico de Três Lagoas, as condições de mobilidade são problemáticas, pois o campus se localiza afastados da malha urbana mais consolidada; o transporte coletivo é bastante falho<sup>5</sup> e as condições da rodovia que dá acesso é bastante precária para quem usa bicicletas.

Separação entre a academia e o povo, entre os cursos, entre a reitoria e os alunos, entre as próprias aulas combinada a falta de verba no caso das universidades brasileiras, proporcionou em muitos campi que os espaços verdes e jardins (idealizados) muitas vezes se tornem matagais largados e abandonados, nos períodos noturnos ainda se combina com a falta de iluminação suficiente nos espaços de usos coletivos.

A universidade fica “de costas” para a comunidade, para os cidadãos, passa a ser um espaço para poucos, arquitetonicamente, reproduz a lógica colocada por Sposito (2019) das cidades grandes ( e cada vez mais comum nas médias), do mundo globalizado, ao qual as desigualdades se aprofundam cada vez mais, não só mais na moradia e nos bairros residenciais, mas se “fragmentam” também os cotidianos dos cidadãos, seus espaços de consumo e reprodução de vida ficam cada vez mais isolados entre si, limitando a sua (con)vivência a um espaço de iguais ( sujeitos que pertençam a mesma classe de renda). Combinada a essa ideia Costa (2020) vai nos

---

<sup>4</sup> Veremos mais adiante, mas isso é bastante evidente no Campus da UFMS de Três Lagoas, em que ainda está bastante afastado da cidade consolidada, o que dificulta bastante a mobilidade dos estudantes. Também era o caso do Campus da Unesp, mas com a expansão urbana da malha de Presidente Prudente, o campus foi “incorporado” à cidade.

<sup>5</sup> Como mostrou a pesquisa de Queiroz (2020) sobre as condições precárias do transporte coletivo para os estudantes, tanto em número de ônibus quanto em relação aos horários que não atendem a necessidade dos estudantes.

dizer que a universidade foi construída e pensada para ser frequentada para homens brancos, a presença de mulheres no campus universitário é de certa forma uma resistência, a academia tem ainda muitos traços machistas, isso se desdobra na própria produção científica<sup>6</sup>. Dessa forma, vemos uma universidade reprodutora (de modo sempre relativo) de comportamentos e ideologias neoliberais. Para Harvey (2008, p.12):

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio; o papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas.

Dessa forma, o neoliberalismo privilegia o que é privado e individual ao público e coletivo, subjugando o estado a apenas ser indutor dos interesses do mercado. Nas palavras de Santos (2020), o neoliberalismo é contra um projeto nacional, pois a ideia de um projeto de país é hostil ao processo de globalização neoliberal- sendo assim- tem também aversão ao modelo de universidade pública, defendendo uma universidade privada que seria um negócio como outro qualquer. O neoliberalismo é contra o ensino superior crítico ao capital, pois isso representa(ria) uma ameaça ao pensamento e ao interesse neoliberal centrado no indivíduo e não em um pensamento que insere as classes, a questão racial, o gênero e tantos outros elementos como questões estruturais e fundamentais.

Chauí (2003) cunha o termo “universidade operacional<sup>7</sup>”, ideia essa que parece cada vez mais presente em nossa realidade universitária, mesmo nas públicas. A universidade adota um caráter operacional, ou seja, precisa gerar lucro, é feita para apresentar bons servidores ao mercado; torna-se nítido isso nos discursos repetidos sobre educação a distância, inutilidade das ciências humanas e valorização dos cursos técnicos no Brasil. O que Santos (2020) chama de “capitalismo universitário”.

---

<sup>6</sup> Bastante evidenciado pelas pesquisas de Joseli Maria da Silva.

<sup>7</sup> Aqui vale a pena reforçar que não se trata da busca por um passado idealizado, o qual a universidade era mais “humana”. Trata-se apenas de colocar um dos problemas atuais, que afeta a experiência de juventude dos estudantes universitários nos dias de hoje, nas décadas anteriores, outras questões e desafios estavam em pauta, como por exemplo uma restrição – ainda maior que na contemporaneidade – para quem poderia ingressar na universidade.

E em nosso cotidiano na faculdade<sup>8</sup>, vemos o mercado se apropriando do público, o individual sendo mais valorizado que o coletivo e uma onda neoliberal desagregadora que condena o movimento estudantil, ativismo político e luta por dignidade. A universidade tende a ser um local apenas para o estudo, “treino” para o mercado de trabalho.

Esse modelo de universidade reforça as dinâmicas observadas nesse texto, que desagregam, isolam e funcionalizam/operacionalizam também a cidade e seus cidadãos. Mas há resistências, já que compreendemos a Universidade não enquanto uma escola profissionalizante, mas um lugar de construção de um pensamento crítico sobre o mundo moderno, em que podemos desenvolver nossa capacidade de desvendar seus significados mais profundos, para além das aparências que dominam as análises superficiais sobre ele (CARLOS, 2014, p. 472).

A postura dessa universidade operacional, que se entende autossuficiente, distante de parte significativa da sociedade e da cidade em si, vem causando desmontes, ataques e problemas; a universidade pública brasileira vem sendo sucateada pelos governantes e ignorada por parte da população, que relaciona a universidade pública como local de balbúrdia (COSTA, 2020), de uso de drogas e/ou libertinagem (isso pode/parece ter mudado um pouco com a pandemia, onde vimos protagonismo das universidades públicas). A universidade pública recentemente, virou alvo de ataques políticos, ideológicos e econômicos (que se combinam com os ataques à nossa própria democracia).

Frente a tantos ataques, podemos aqui trazer o pensamento do autor Ribeiro (1999) que questiona o engessamento dos textos e pesquisas dos pesquisadores em ciências humanas (incluindo os estudantes de graduação e pós graduação). Ele faz uma crítica à soberba do cientista e sua distância de outros saberes e também das pessoas que ele pesquisa, a distância do saber popular, do saber artístico, do saber técnico e da própria experiência de vida do sujeito pesquisador, sua posicionalidade na prática de pesquisa. Essa ausência de posicionalidade nas práticas investigativas, tanto dos que pesquisam quanto dos que são pesquisados reforçam saberes e vozes universalizantes, constituídas a partir de um lugar de fala hegemônico (MILANI, 2021);

---

<sup>8</sup> É evidente que não podemos nos esquecer que houve também durante os anos do governo do Partido dos Trabalhadores avanços significativos, a ampliação do quadro de campi de universidades federais, a Lei 12.711, sancionada em 2012, que inaugura a política de cotas no país e tantos outros incentivos.

e essa posição de austeridade pode muitas vezes nos distanciar do povo brasileiro e suas reais necessidades (PINTO,1994).

Estando distantes do povo (ou ao menos não tão próximos quanto deveríamos), não temos um apoio popular significativo a ponto de combater as ofensivas ideológicas, políticas e mercadológicas contra a universidade pública brasileira.

Podemos ver nas Figuras 2 e 3, imagens/prints de vídeos elaborados no intuito de desvalorização da universidade, em uma perspectiva conservadora, neoliberal e antidemocrática.



Figura 2: Títulos E *thumbnails* com descrédito a universidade. Fonte: Youtube (2022).

Nesses dois vídeos, o apresentador vai endossar uma imagem da universidade como ultrapassada e desnecessária para se ficar “rico”. Aponta como muito longos os cursos que duram 4 ou 5 anos. Há também a colocação do ensino médio ser inútil, que a internet é capaz de nos fornecer todas as informações necessárias, e que o ensino médio deveria ser opcional.

Na Figura 3 o então ministro da educação do Brasil<sup>9</sup>, Milton Ribeiro, diferente em sua postura, diz que a universidade deveria ser para poucos, não deveria ser democratizada, não pode ser vista como espaço público, como direito da população.

<sup>9</sup> Foi Ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro entre julho de 2020 e março de 2022.



Figura 3: Ministro da educação de então diz que a universidade deveria “ser para poucos”.  
Fonte: Youtube (2022).

Mesmo diante dos ataques temos como panorama atual, o maior quadro de universitários da história do Brasil, ainda que os números sejam poucos, quando comparamos à períodos anteriores temos aumento, principalmente em instituições privadas. Segundo dados estatísticos do INEP, no ano de 2020<sup>10</sup> o número de matriculados no ensino superior correspondeu a mais de 8,6 milhões de pessoas, como mostramos na Tabela 1. Porém, a vasta maioria desses estudantes matriculados não estão na universidade pública e sim em instituições de ensino superior privada.

Ainda segundo os dados do INEP (2020), 77,5% das matrículas de graduação são no setor privado, enquanto que apenas 22,5% das matrículas apresentadas no ano de 2020 são no ensino superior público.

No período compreendido entre 2010 e 2020, a rede privada cresceu 89,8%, enquanto a rede pública aumentou 10,7% no mesmo período (BRASIL,2020) em número de matrículas.

<sup>10</sup> Nos anos de 2021 e 2022(até o momento) não foi realizado o censo da educação superior, devido a pandemia da COVID-19, logo os dados mais atualizados são os referentes ao ano de 2020.

Tabela 1-Estatísticas Gerais da Educação Superior, por Categoria Administrativa – Brasil,2020

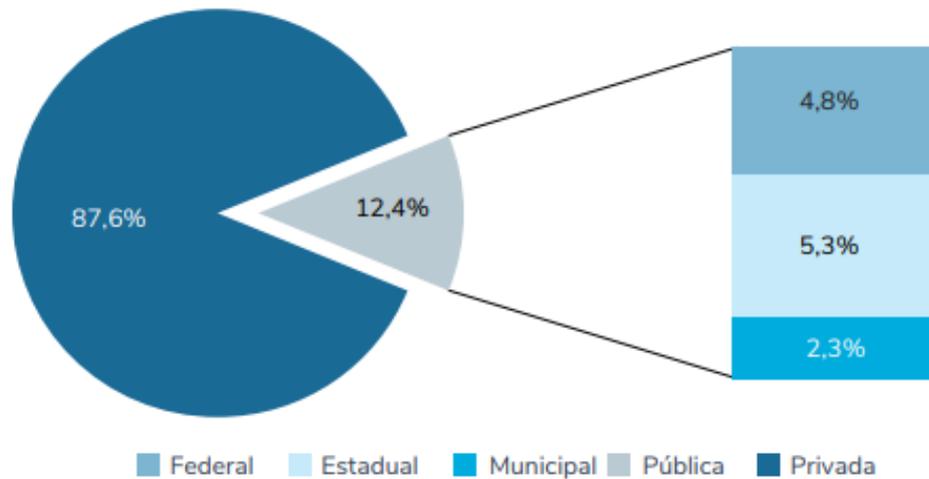
Estatísticas Básicas	Categoria Administrativa					
	Total Geral	Pública				Privada
		Total	Federal	Estadual	Municipal	
<b>Número de Instituições</b>	<b>2.457</b>	<b>304</b>	<b>118</b>	<b>129</b>	<b>57</b>	<b>2.153</b>
<b>Educação Superior - Graduação</b>						
Curso	41.953	10.806	6.759	3.461	586	31.147
Matrícula	8.680.354	1.956.352	1.254.080	623.729	78.543	6.724.002
Ingresso Total	3.765.475	527.006	342.526	163.295	21.185	3.238.469
Concluinte	1.278.622	204.174	118.470	69.820	15.884	1.074.448
<b>Educação Superior - Sequencial de Formação Específica</b>						
Matrícula	591	254	8	246	0	337
<b>EDUCAÇÃO SUPERIOR - TOTAL</b>						
Matrícula Total	8.680.945	1.956.606	1.254.088	623.975	78.543	6.724.339

Fonte: INEP(2020)

A tabela 1 nos confirma alguns dados, que contribuem à discussão desse tópico. Se enxerga a esmagadora maioria das instituições privadas, enquanto que não só oferecem mais cursos, também detém o maior número de matrículas, de ingresso, conclusão dos cursos e de educação superior sequencial. Isso revela um pouco de como a rede pública de ensino superior ainda tem um vácuo de alcance que foi ocupado pela rede privada de ensino superior. Vale a pena ressaltar também a superioridade das universidades estaduais e federais (em quantidade) quando comparadas às municipais, isso pode ser explicado pelo alto custo de se manter um ensino superior.

Para confirmar esse contexto, o Gráfico 1 demonstra o percentual do número de instituições de educação superior por categoria administrativa, por meio dele, se revela o percentual de instituições privadas e públicas de ensino superior, o que reforça superioridade em números do setor privado, 87,6% das instituições de educação superior são privadas, essas que segundo Brasil (2020) são em sua maioria faculdades (81,4%), enquanto as IES (Instituições de Ensino Superior) públicas são em sua maioria universidades.

Gráfico 1-Percentual do número de Instituições de Educação Superior por categoria administrativa – 2020



Fonte: INEP (2020)

Como evidenciado, há uma enorme superioridade numérica da rede privada de ensino superior no Brasil, o que tem relação com o aumento do número de estudantes no ensino superior, bem como com a tendência de mercantilização também das universidades públicas, combinado a isso o avanço e em algumas universidades do Brasil e valorização dos cursos à distância.

Assistimos a um salto no número de universitários nas últimas décadas, segundo Ristof (2014) de 1991 a 2012 houve um crescimento de 171% das instituições de ensino superior e no mesmo período as matrículas passaram de um pouco mais de 1,5 milhão para mais de 7 milhões.

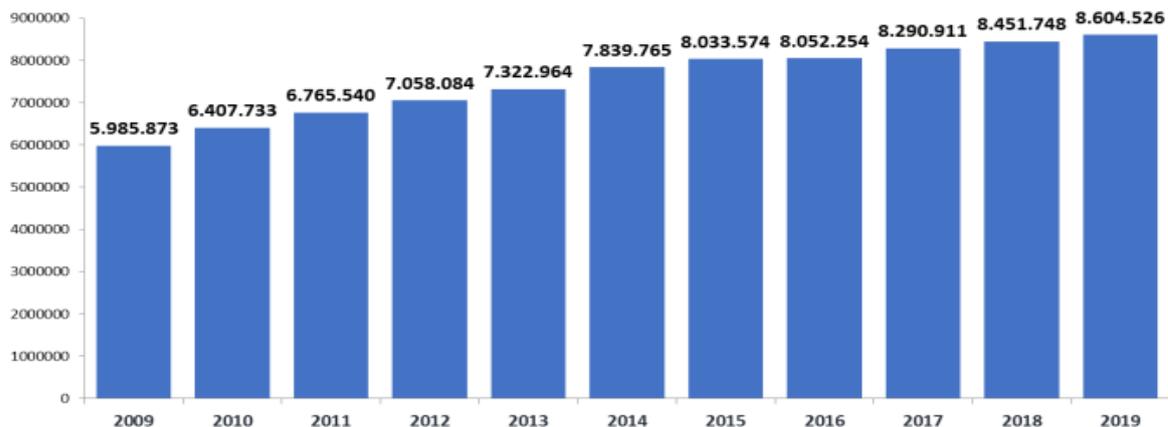
Apesar desse crescimento de matrículas nas instituições de ensino superior no Brasil na década passada (2010 a 2020), Maia (2020) em uma reportagem<sup>11</sup> ressalta que apenas 18,21% da população entre 18 e 24 anos estão matriculados no ensino superior, nos deixando distante da meta de 33% dos jovens - nessa faixa etária - estar matriculados em uma instituição de ensino superior em 2024.

Entre avanços e retrocessos, o quadro de ensino superior brasileiro caminha com desafios e possibilidades, Neves e Martins (2020) analisam que o mercado educacional vai suprir essa demanda não respondida, suficientemente, pelo ensino

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/apenas-18-1-dos-jovens-de-18-a-24-anos-estao-matriculados-no-ensino-superior/>. Acesso em 30/11/2022.

superior público, e assim, se assiste a uma esmagadora maioria de cursos de graduação em instituições privadas, e quando comparado a outros países, o Brasil segue tendo menos matrículas que deveria, no ensino superior.

Gráfico 2-Número de Matrículas na Educação Superior (Graduação e Sequencial):  
2009-2019



Fonte:INEP(2019)

O Gráfico mostra o número de matrículas entre 2009 a 2019 em todo o território nacional; em congruência com o exposto por Ristof (2014) e os dados anteriores que mencionavam o crescimento do número de matrículas no ensino superior, os dados revelam uma escalada nesses números, mas como posto por Vasconcelos (2020), esse aumento se dá principalmente por meio da ampliação do ensino superior privado, o que gerou um aumento de 2.618.653 matrículas no período exposto.

Zuba (2013) diferencia as funções e nomes de cada instituição de ensino superior no Brasil: a universidade caracteriza-se por autonomia didática administrativa e financeira e por ter presente um número expressivo de mestres e doutores, voltados para ensino, pesquisa e extensão, enquanto o centro universitário caracteriza-se por atuar em uma ou mais áreas com permissão para abrir e fechar cursos de graduação.

Por sua vez, as faculdades (integradas ou não) reúnem instituições de diferentes áreas do conhecimento e oferecem ensino e algumas vezes, a extensão e pesquisa, mas com um enfoque muito maior no ensino. Já os institutos ou escolas superiores atuam na área específica do ensino podendo ou não fazer pesquisa, com pouca autonomia.

Ainda utilizando dados do INEP (2020) observamos a distribuição de cada tipo de IES nos âmbitos privado/público, na Tabela 2 mostramos a quantidade de universidades, centros universitários, faculdades, institutos federais e Centros Federais de Educação tecnológica. O número de universidades públicas é significativo, e isso pode ir ao encontro da análise das universidades na obra de Meteoro Brasil (2019)<sup>12</sup>, que demonstra a diferença abissal de produção de pesquisa das universidades públicas quando comparadas as IES particulares.

Isso se dá também pelo fato de que a universidade tem autonomia, estrutura e o incentivo necessário para a realização de inúmeras pesquisas científicas. Por meio da Tabela 2 também podemos apreender que o número de faculdades (privadas) correspondem a 71% das IES do país, obviamente por oferecerem menos custo ao empreendedor em questão, pois como visto acima, a universidade requer a extensão e pesquisa, que sempre são mais caras de se investir, enquanto o ensino vai exigir menores custos ao proprietário da instituição.

TABELA 2-Instituições de Educação Superior por Organização Acadêmica e Categoria Administrativa – 2020

Ano	Total	Universidade		Centro Universitário		Faculdade		IF e Cefet	
		Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
2020	2.457	112	91	12	310	140	1.752	40	n.a.

Fonte: INEP (2020)

Destacamos por meio da tabela a diferença em quantidade sobretudo das faculdades públicas (140) e privadas (1.752). Vasconcelos (2020) pontua os diferentes perfis de universitários nas diferentes regiões brasileiras e modalidades das IES, com dados do INEP de 2012 (mas que ainda parecem conversar com a realidade de hoje/2022), a autora demonstra que se fossemos traçar um perfil “universal” do estudante de ensino superior no Brasil seria uma mulher branca ou asiática, que reside

<sup>12</sup> Vale pontuar que se trata de um livro de cunho jornalístico, que busca contra-argumentar as teorias conspiracionistas contemporâneas no Brasil e no mundo, com fundamentos concretos, referências importantes, dados e informações que refutam os delírios espalhados nas redes sociais.

em algum centro urbano, estuda em uma IES particular, no Centro-Sul do Brasil, com renda superior a um salário-mínimo.

Com dados oficiais do INEP (2020) os dados da Tabela 3 revelam perfis diferentes dos estudantes de IES privadas e públicas, mas nada distantes da avaliação de Vasconcelos (2020). Do ponto de vista racial, Ristof (2014) ressalva que mesmo com o crescimento do número de estudantes, a universidade pública brasileira continua sendo mais branca que a população do país (mesmo com a política de cotas). Isso indica uma universidade pública ainda negada a muitos brasileiros e brasileiras, seja pelas condições econômicas, seja pela questão da raça (dimensões dos sujeitos sociais que na realidade se conectam, os compoendo).

Na Tabela 3, se vê uma média de idade dos ingressantes no ensino superior presencial de 19 anos, próxima à idade que os estudantes geralmente se formam no ensino secundarista (17/18 anos); enquanto que a média da idade dos matriculados (abrangendo todo(a)s o(a)s aluno(a)s matriculados nos diferentes períodos e anos de graduação), é um pouco maior, mas ainda sim predominantemente jovem, com 21 anos de idade.

A idade média do(a)s que concluem o ensino superior presencial é de 23 anos, mantendo uma média de idade inferior quando comparada a situação do ensino superior à distância (31 anos). A média de idade do ensino superior à distância entre o(a)s estudantes matriculados sendo veterano(a)s e calouro(a)s (26 anos), aquele(a)s que ingressam (21 anos) e o(a)s formando(a)s (31 anos) é maior- em todos os casos – que a modalidade de ensino presencial.

Isso pode representar um público que não conseguiu ingressar nas universidades presenciais, pelas mais variáveis dificuldades – vestibular, questão financeira, término tardio do ensino médio, trabalho, constituem famílias, entre outros elementos – enquanto que, também pode apontar para um segmento da sociedade brasileira que não teve/têm a possibilidade de cursar uma universidade de forma presencial, e por meio dos cursos online, consegue acessar um curso de graduação.

TABELA 3- “Perfil” do Vínculo Discente de Graduação por Modalidade de Ensino (presencial e a distância) – 2020

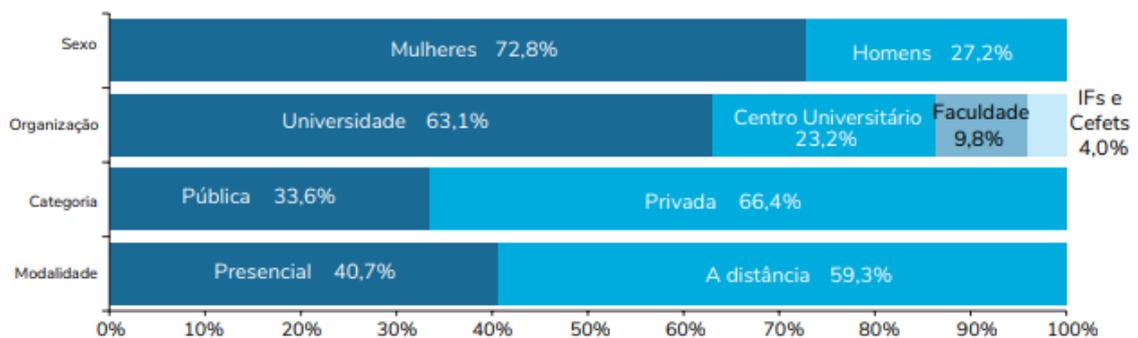
Atributos do Vínculo Discente de Graduação	Modalidade de Ensino	
	Presencial	a Distância
Gênero	Feminino	Feminino
Categoria Administrativa	Privada	Privada
Grau Acadêmico	Bacharelado	Bacharelado
Turno	Noturno	n.a.
Idade (matrícula)	21	26
Idade (ingresso)	19	21
Idade (concluinte)	23	31

Fonte: INEP (2020)

Quando se enfoca os cursos de licenciatura, observamos outros elementos ainda não elucidados nesse tópico. Observando o Gráfico 3 e outros dados disponibilizados pelo INEP (2020) vemos que 33,6% das matrículas nos cursos de licenciatura que foram registradas em 2020 estão em instituições públicas e 66,4% estão em IES privadas; 72,8% dessas mesmas matrículas são feitas por estudantes do sexo feminino, enquanto 27,2% são do sexo masculino. Em número de matrículas as mulheres são maioria em cursos de licenciatura.

Já referente à modalidade de ensino, as matrículas em cursos de licenciatura presencial representam 40,7%, enquanto a distância são 59,3% no total de matrículas. Esses dados provocam uma importante questão à pesquisa aqui colocada, quem são os o(a)s estudantes de licenciatura no Brasil? Como é a formação desse(a)s futuros professore(a)s?

Gráfico 3-Participação Percentual do Número de Matrículas em Cursos de Graduação em Licenciatura por Sexo, Organização Acadêmica, Categoria Administrativa e Modalidade de Ensino – 2020



Fonte: INEP (2020)

Gatti (2010) e Ristof (2014) já fizeram essas perguntas e nesse sentido colaboram com a investigação dessas questões em nosso contexto de pesquisa a autora Gatti (2010) vai se basear em dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) de 2005, e concluir que a pedagogia é o curso de licenciatura mais procurado dentre as licenciaturas, situação a qual os documentos do INEP (2019) confirmam. Pedagogia é o segundo curso mais procurado do Brasil (saindo do âmbito das licenciaturas), perdendo apenas para o curso de administração.

A autora identifica que o(a)s estudante(a)s de pedagogia (e de outras licenciaturas) são em maioria oriundos de escola pública, com baixa renda, e em muitos casos a escolha do curso de licenciatura se faz como “seguro-desemprego”, uma segunda fonte de renda, ou uma segurança de se ter um emprego (mesmo que mal remunerado em vistas de outros) devido à alta oferta de vagas de professores no Brasil, porém isso desencadeia resultados nem sempre positivos nos ambientes escolares

Gatti (2010) ainda ressalta a ausência de uniformidade e padronização de disciplinas essenciais para o magistério, em cursos de licenciatura se percebeu uma baixa carga horária para disciplinas como “didática”, “metodologia de ensino”, “fundamentos teóricos da educação” e etc. Ristof (2014) utilizando dados do Enade de 2012, vai acrescentar, que é nas licenciaturas em que se assiste uma maior pluralidade de cor de pele (ampliadas pela política de cotas), com uma realidade socioeconômica mais próxima a realidade da maioria dos brasileiros e brasileiras, diferentes de cursos mais elitizados, como Medicina e Odontologia, aspecto que ficou bastante evidente entre os entrevistados, em que trataremos mais adiante. Há também que se considerar a presença feminina entre os cursos de licenciatura, já evidenciada na pesquisa de Gatti (2010) e confirmada no INEP (2020).

Avançando nesse debate, destacamos a quantidade de estudantes de licenciatura matriculado(a)s na modalidade ensino à distância. Serão formados professores e professoras com quase nenhuma experiência empírica de sala de aula, distante do universo que existe na troca de saberes nas salas de aula da graduação (entre outras múltiplas trocas existentes), essa modalidade de formação que corresponde a 59,3% das matrículas em licenciatura no ano de 2020 prejudicará (em nossa análise) a formação desse(a)s graduandos, que potencialmente estarão nas escolas Brasil afora, tendo rebatimentos nos ambientes escolares.

A educação bancária (FREIRE,1980), em seu suprassumo, a universidade operacional totalmente desagregada do coletivo (CHAUÍ,2003) e um forte imaginário de profissão desvalorizada forma mais da metade dos (as) professores no Brasil. Mais adiante, veremos como de forma categórica e unânime, todos os graduandos em Geografia entrevistados nessa pesquisa (FCT e CPTL), criticam e condenam veementemente o “ensino remoto emergencial” utilizado ao longo dos dois anos de pandemia.

Soma-se a isso, o considerável número de graduando(a)s em licenciatura que nem tiveram contato com uma universidade, que mesmo presencialmente, fazem seu ensino superior em centros universitários e/ou faculdades que soma mais de 30% dos matriculados de 2020, os quais não oferecem um quadro de pesquisa, extensão; dimensões inerentes à universidade.

Assim, se formam professore(a)s que não tiveram convívio com outros cursos, outro(a)s estudantes, não participaram de coletivos, de projetos de pesquisa, de projetos de extensão, de movimentos e eventos estudantis/científicos; e isso corresponde a um número significativo de universitários e por conseguinte de profissionais que atuaram nas escolas, na educação.

Como já assumido, esse texto presume que partimos de um ponto de vista que tem seus limites de análise, sua validade é de acordo com o objeto investigado e com o observador que investiga, produzimos assim um saber parcial, localizado; nos termos de Haraway (1995) “conhecimento situado e corporificado”. Sabendo do privilégio de uma graduação em Geografia em uma universidade pública, com grupos de pesquisa, de estudos, projetos de extensão e pós-graduação, de forma gratuita e de qualidade, avanço o debate aqui posto para refletir acerca dos cursos e universidades analisadas nessa investigação.

Dentro das universidades e dos cursos pesquisados verificamos ora resistência, ora convivência com essas dinâmicas/ideologias neoliberais nas universidades, dessa forma vale a pena recuperarmos o surgimento, o desenvolvimento e elementos contemporâneos dos cursos de Geografia da FCT/UNESP (Presidente Prudente) e do CPTL-UFMS (Três Lagoas).

## CARTAS DAS PROMESSAS

08/06/2022

A quem quiser acreditar,

“Prometemos para vocês que a juventude com um celular na mão vai conquistar o mundo! Prometemos que o novo ensino médio vai prepara-los para o futuro! Prometemos que se abrirem mão dos direitos vão ter emprego! Vamos fazer casas, já a cidade... não se pode ter tudo certo? Queremos um livre mercado, com todo tipo de música, roupa, cor, basta consumir! Prometemos uma nova cidadania, cidadãos do mundo, da aldeia global, aproveitem a tecnologia, fazemos um preço bom... Prometemos que se aprenderem inglês vão poder trabalhar em qualquer lugar do mundo, prometemos uma universidade, pode ser à distância? Que tal? Para não atrapalhar o trabalho, mas não se preocupe vale o mesmo que uma graduação presencial.

Extra! o futuro de vocês será bom, a aposentadoria está fora de moda, a carteira de trabalho também, vamos seguir as tendências de Miami, Madrid e Munique... Atenção! acabou a mamata, a mamadeira, a mania de assistencialismo...”

=====

Prometeram um futuro, prometeram uma cidade, uma alternativa, uma universidade, uma saída, uma novidade.

Os poderosos prometeram que o mercado iria sanar nossas necessidades, prometeram que o agronegócio encerraria a fome, que a internet nos uniria, que o bolo precisaria crescer para depois ser repartido, que dependeria apenas do mérito próprio. Prometeram emprego, direitos, uma educação livre, internacionalizada, o fim da corrupção, disseram que o empreendedorismo livraria o povo da pobreza.

Reforma da previdência, reforma trabalhista, reforma do ensino médio, mas a forma e o conteúdo são os mesmos, promessas vazias...

*João Pedro Sívio*

## 1.1 Contextualização do campus da FCT/UNESP

Segundo Corrêa (2016) a universidade Júlio Mesquita Filho se formou em 1976, resultando da incorporação dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo, as quais eram unidades de ensino universitário localizadas em diferentes pontos do interior paulista. Abrangendo diversas áreas do conhecimento, tais unidades haviam sido criadas em diferentes épocas, com diferentes objetivos.

A maioria dessas escolas que vieram compor a Unesp, surgiu nas décadas de 50 e 60, como consequência de movimentos e anseios pela a oportunidade de ensino superior não só nas capitais, mas também no interior. Um grupo bastante expressivo (14 unidades) então de instituições foram criadas estado afora, ora de forma desordenada e orientada por interesses eleitorais, ora pela necessidade de formação de professores para as escolas que também aumentavam em número no estado de São Paulo. Sete das unidades universitárias - num conjunto de 14 – eram chamadas de Faculdades de Filosofia, voltadas preferencialmente para a formação de professores que deveriam compor os quadros das escolas secundárias do Estado. Dessas 7 unidades fizeram parte a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, a de Araraquara, de Franca, de Marília, de Presidente Prudente, de Rio Claro e de São José do Rio Preto (CORRÊA, 2016).

Outros Institutos Isolados foram criados com a finalidade de formação profissional na área das Biológicas como a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara, as duas odontologias, de Araçatuba e de São José dos Campos, a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal, a de Engenharia de Guaratinguetá e a Medicina de Botucatu (CORRÊA, 2016).

Na década de 70, as discussões sobre uma nova forma de organização para os Institutos Isolados ocorriam, havia expectativa de associação dos mesmos à Universidade de São Paulo (USP), mas os movimentos do governo foram em outra direção. As discussões entre os poderes giraram em torno da integração dos Institutos Isolados numa Universidade, sendo aprovada em 1976 (CORRÊA, 2016).

De acordo com Lima e Ribeiro (2013), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente foi criada pela Lei 4.131, de 17/09/1957, no governo do Doutor Jânio Quadros, como dito anteriormente, na qualidade de Instituto Isolado de Ensino Superior. Vale pontuar, que a Região do Oeste paulista nessa situação não tinha escolas de ensino superior, apesar de Presidente Prudente já ter uma certa

relevância, sendo um centro econômico-administrativo. Segundo UNESP (2016), a faculdade foi autorizada a funcionar através do Decreto Federal 45.755, de 13/04/1959, com os Cursos de Geografia e Pedagogia, em 30 de janeiro de 1976, através da Lei 952, foi criada a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e, a partir daí, esta Unidade recebeu a denominação de Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais – IPEA.

O campus da FCT/UNESP se consolida em 1968, mas o curso de Geografia de Presidente Prudente é anterior a isso (tal qual a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Presidente Prudente). Como nos coloca Künzli (2019, p.3) em um texto integrante de uma edição de celebração aos 60 anos da Geografia da FCT:

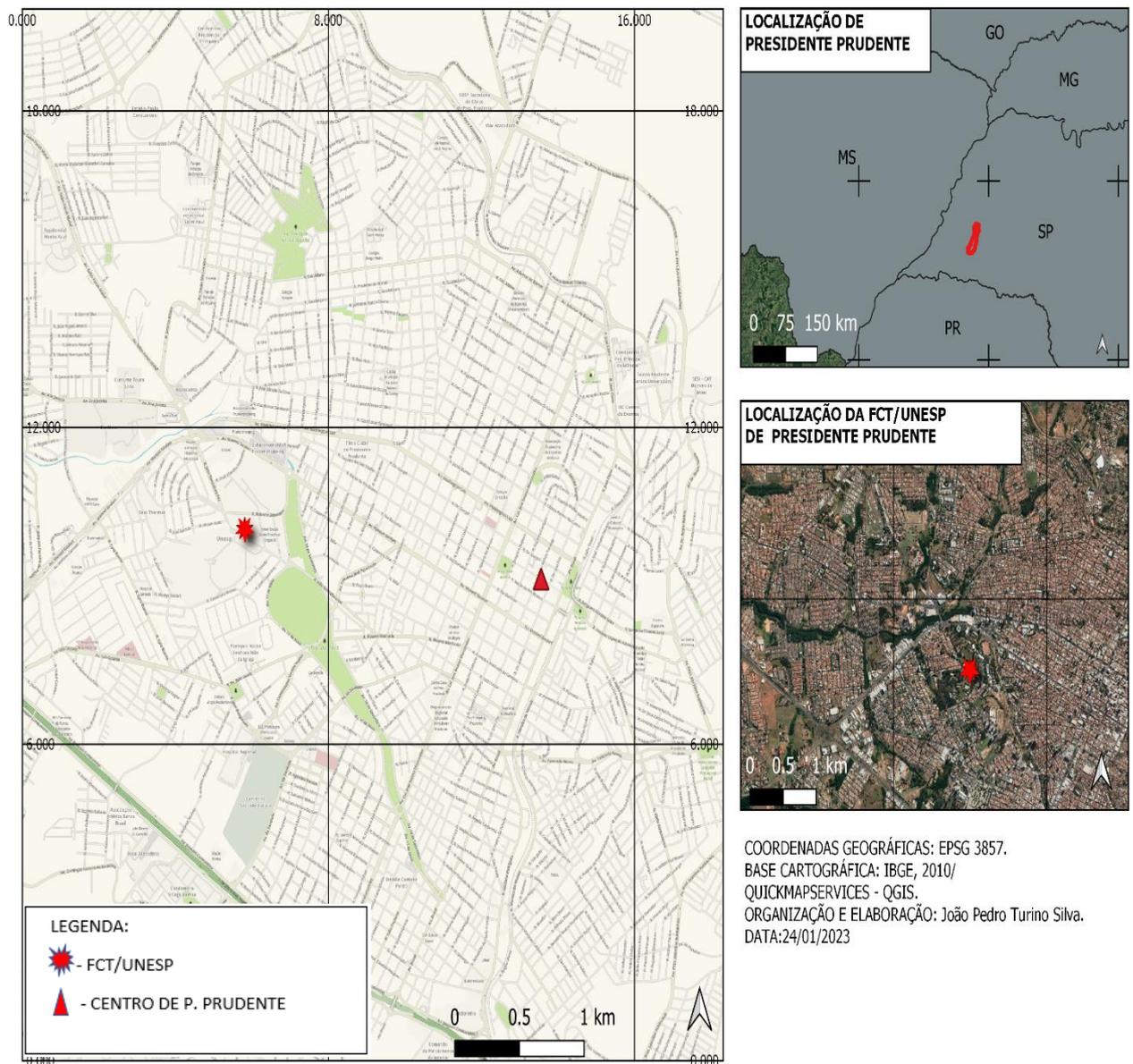
O Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP nasceu após a criação dos Institutos Isolados de Ensino Superior, no ano de 1957. Enquanto algumas Faculdades tiveram seu início em 1957 ou 1958, em Presidente Prudente a Faculdade só começou a funcionar em maio de 1959, após um grande movimento político/popular que culminou com a chamada “Noite da Faculdade”, uma grande manifestação na praça 9 de Julho reunindo estudantes, políticos, inclusive o Deputado Estadual Márcio Porto, autor da lei de criação, bem como a população que clamava pela faculdade em Presidente Prudente. Assim, em abril de 1959 a sua instalação foi autorizada. O vestibular se deu nos últimos dias de abril desse ano e em 03 de maio foram proferidas as aulas inaugurais dos dois cursos então criados: Geografia, pelo Professor diretor doutor Joaquim Alfredo da Fonseca e para Pedagogia o Professor Padre Valdemar Valle Martins. As primeiras aulas foram ministradas no então Colégio Técnico Joaquim Murinho, hoje Objetivo. Logo a faculdade foi transferida para a Escola de Primeiro Grau “Professora Góes Brandão” criada, mas não instalada e já de início pequena para comportar uma Faculdade.

Ainda segundo Künzli (2019), a faculdade se mudou mais uma vez antes de se alocar onde está até hoje (Mapa 1), em 1960 os cursos foram lecionados no Colégio “Tannel Abbud” onde havia mais espaço e mais salas, o que possibilitou a criação de um curso de história.

Apenas em 1968 a faculdade foi instalada na área do atual campus, no bairro Jardim das Rosas, onde haveria espaço para que se ampliasse os edifícios e instalações, o curso de Geografia foi então transferido para este Campus. Em 1988 o curso de Geografia tem a primeira turma de pós-graduação, e hoje se encontra com 22 docentes, e possui o maior quadro de grupos de pesquisa da FCT/UNESP.

Nos mapas 1 e 2 podemos enxergar, respectivamente, a localização do Campus na cidade de Presidente Prudente e a organização do campus em três áreas: norte, central e sul. No Mapa 1 mostramos a localização do campus e do centro tradicional da cidade de Presidente Prudente (triângulo vermelho); vemos que diferentemente de Três Lagoas, hoje a FCT está integrada a malha urbana da cidade.

Mapa 1 – Localização da FCT/UNESP de Presidente Prudente



Fonte: Acervo próprio,2023.

Mapa 2-FCT/UNESP-Presidente Prudente – Campus,2020



Área Norte:

- 1 Anfiteatro 3, Serviço de Cópias e Laboratórios
- 2 Bloco de Aulas 3 e Cabine de Informações
- 3 Departamento de Educação Física
- 4 Departamento de Fisioterapia e Laboratórios
- 5 Cantina, Seção Técnica de Saúde e AGB
- 6 Centro de Convivência Infantil - CCI
- 7 Estação Meteorológica e Laboratórios
- 8 Ginásio de Esportes
- 9 Laboratórios
- 10 Moradia Estudantil - Blocos A, B, C e D
- 11 Pista de Atletismo
- 12 Sede Administrativa da ASA

Área Central:

- 1 Anfiteatro 1, Cabine de Informações e Diretorias
- 2 Biblioteca
- 3 Bloco de Aulas 1, Laboratórios e Central de Grupos de Pesquisa
- 4 Centro Cultural e Sede Administrativa da Fundacte
- 5 Centro de Ciências e Laboratórios
- 6 Departamento de Educação e Departamento de Estatística
- 7 Departamento de Matemática e Computação
- 8 Departamento de Geografia
- 9 Diretório Acadêmico e Serviço de Cópias
- 10 Laboratórios
- 11 Seção Técnica de Graduação
- 12 Serviço Técnico de Informática e Seção de Materiais

Área Sul:

- 1 Anfiteatro 2 e Bloco de Aulas 4
- 2 Auditório, Anfiteatro 4, Anfiteatro 5 e Bloco de Aulas 5
- 3 Bloco de Aulas 2 e Laboratórios
- 4 Bloco de Aulas 6
- 5 Cantina e Serviço de Cópias
- 6 Centro de Estudos e Atendimento em Fisioterapia e Reabilitação - CEA FIR
- 7 Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil - CELLIJ
- 8 Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia - CEMAARQ
- 9 Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social - CPIDES
- 10 Departamento de Cartografia e Laboratórios
- 11 Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente
- 12 Departamento de Física, Química e Biologia e Laboratórios
- 13 Laboratórios
- 14 Restaurante Universitário - RU
- 15 Salão de Eventos
- 16 Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão - STAEPE
- 17 Serviço de Atividades Auxiliares

Área da FCT	Complexo Esportivo	Via Externa
Área Norte	Edificação	Via Interna
Área Central	Hidrografia	Caminho
Área Sul	Praça	Estacionamento

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE**

Fonte: Site Oficial da FCT/UNESP-Presidente Prudente,2022.

O bloco de Geografia se localiza na área Sul do Campus, bem como alguns espaços importantes na convivência dos estudantes do curso, como a praça da Geografia e o Restaurante Universitário (R.U), ambos representados nas Figuras 4, 5 e 6.

Na área central do Campus se localizam espaços como a biblioteca, a praça da biblioteca (em frente à biblioteca) e a diretoria, evidenciados nas Figuras 7, 8 e 9; enquanto na área Norte, se tem a moradia estudantil e a pista de atletismo, pouco frequentada pelos estudantes de Geografia, apresentadas nas Figuras 10 e 11.



Figura 4: Praça da Geografia em frente ao bloco 4.  
Fonte: Acervo próprio.



Figura 5: Parte interna do R.U da FCT/UNESP.  
Fonte: Acervo próprio.



Figura 6: Fachada do RU da FCT/UNESP.  
Fonte: Acervo próprio.



Figura 7: Praça de Convivência em frente a biblioteca.  
Fonte: Acervo próprio.



Figura 8: Biblioteca da FCT/UNESP.  
Fonte: Acervo próprio.



Figura 9: Diretoria e fachada da frente da FCT/UNESP.  
Fonte: Acervo próprio.



Figura 10 : Pista de atletismo da FCT/UNESP.  
Fonte: Site Oficial da FCT/UNESP.



Figura 11: Moradia Estudantil da FCT/UNESP.  
Fonte: Acervo Próprio.

Ainda que veremos mais adiante, por meio das narrativas dos estudantes entrevistados, os espaços internos mais frequentados e que os estudantes de Geografia possuem de certa forma uma identidade são a praça da Geografia, a biblioteca e a praça à sua frente, a moradia estudantil e o Restaurante Universitário.

### 1.1.2 Contextualização do campus do CPTL-UFMS

No âmbito do CPTL-UFMS temos outra situação, segundo Campos (2021, p.52):

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) teve a sua origem em 1962, com a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande, que seria o embrião do ensino superior no então estado de Mato Grosso (UFMS, 2020a). De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional UFMS 2020-2024, no ano de 1967 foi criado em Três Lagoas o Instituto de Ciências Humanas e Letras, ampliando a rede pública estadual de ensino superior. Ademais, no ano de 1969, foram integrados os Institutos de Campo Grande, Corumbá e Três Lagoas, segundo a Lei Estadual nº 2947, de 16/09/1969, criando assim a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT) (DIAS, 2016). Com a divisão do Estado de Mato Grosso em 1977, a instituição foi federalizada, passando a denominar-se como Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela Lei Federal nº 6674, de 05/07/1979.

Segundo o Projeto Pedagógico do curso de Geografia do CPTL foi em 26 de fevereiro de 2000, através da aprovação do Estatuto da UFMS, por meio da Portaria MEC nº 1.100, de 13 de julho de 1999, que o então Centro Universitário de Três Lagoas tornou-se Câmpus de Três Lagoas (CPTL).

A UFMS de Três Lagoas hoje está localizada na Avenida Ranulpho Marques Legal (Unidade II<sup>13</sup>), como evidenciado no mapa 3 e ilustrado na Figura 13, oferecendo 17 cursos de graduação e 8 cursos de pós-graduação, dentre eles Geografia (bacharelado e licenciatura) ambos no período noturno. As aulas do curso de Geografia ocorrem no bloco 6 do campus (Unidade II), bloco esse onde também se revela ser espaço de encontro e sociabilidade (Figuras 13 e 14).

Outros espaços dentro do campus, pertinentes a se mencionar (mais adiante explorados) são a sala do PET-Geografia que se localiza no Bloco 2, o restaurante universitário e sua área de convivência, entre os blocos 7 e 8 (Figuras 15,16 e 17).



Figura 12: Fachada do CPTL-UFMS, Unidade II.  
Fonte: Acervo Próprio.

---

<sup>13</sup> Vale pontuar que há o Campus 1, unidade da UFMS-CPTL localizada próxima ao centro da cidade com funcionamento apenas administrativo, todos os cursos estão localizados no campus 2.



Figura 13: Bloco 6 do CPTL-UFMS.  
Fonte: Acervo Próprio.



Figura 14: Bancos no bloco 6 do CPTL-UFMS.  
Fonte: Acervo Próprio.



Figura 15: Espaço para convivência em frente ao RU do CPTL-UFMS.  
Fonte: Acervo Próprio.

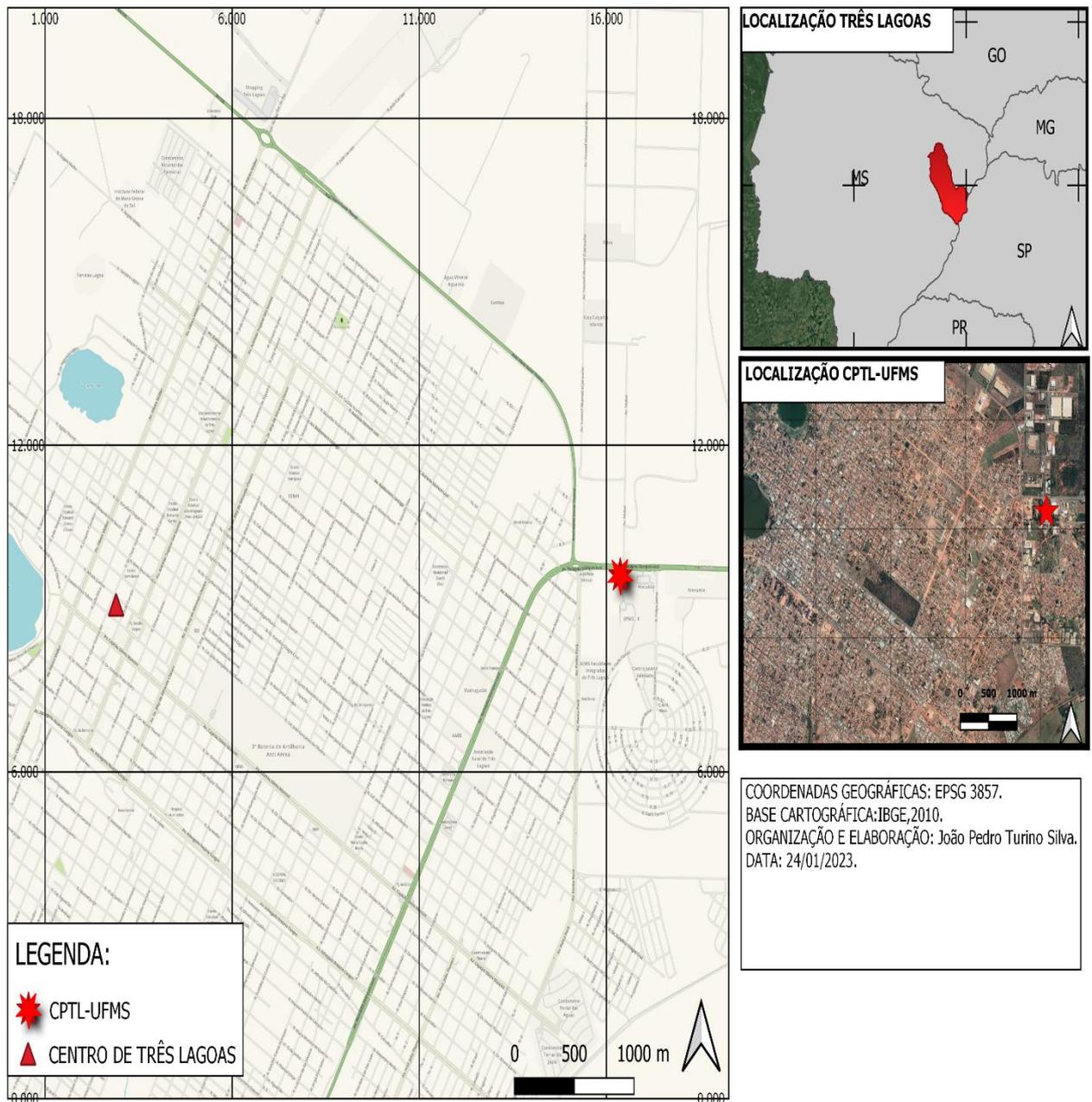


Figura 16: Parte externa do RU do CPTL-UFMS.  
Fonte: Acervo Próprio.



Figura 17: PET-Geografia do CPTL-UFMS.  
Fonte: Acervo Próprio.

Mapa 3 – Localização da UFMS, campus de Três Lagoas.



Diferentemente do campus da FCT, o campus da UFMS se localiza (ainda hoje) mais descontinuamente em relação à cidade consolidada, como já afirmamos. Isso produz resultados muito significativos nas experiências dos estudantes. Ainda que pelo mapa isso fique pouco evidente, pois a imagem mostra uma realidade cartesiana, sem a profundidade das relações cotidianas vividas.

O curso de Geografia em Três Lagoas também se confunde com a história do próprio campus, segundo Benfica (2014) foram inaugurados 5 cursos no então instituto de Ciências Humanas e Letras, foram eles: História, Geografia, Pedagogia,

Matemática e Letras. Segundo o projeto pedagógico do curso de Geografia do CPTL, a licenciatura em Geografia foi implantada no ano de 1970, a partir da Resolução nº. 29-A, CEE/MT, de 04 de abril de 1970, e teve seu reconhecimento pelo Decreto nº 76.788, no dia quinze de dezembro de 1975.

No ano de 1991, foi inaugurado o curso de Geografia – Bacharelado e autorizado pela resolução nº 46, COUN, de 20 de setembro de 1990. O reconhecimento do curso foi feito pelo mesmo decreto do curso de licenciatura. O curso de bacharelado em Geografia foi suspenso no ano de 2014. Em 2018 houve a reabertura.

Sendo assim, hoje (2022) o curso de Geografia hoje oferece as opções de licenciatura e bacharelado e um programa de pós-graduação que teve sua primeira turma de Mestrado em 2009 e de Doutorado no ano de 2018. Por meio do Mapa 4 mostramos a planta e a organização espacial do Campus.



mercados, casas/inclusive para alugar aos estudantes, entre outros), ela não só passou a ser parte do processo de urbanização, mas também indutora de novos empreendimentos voltados ao público que a frequenta, como as casas para aluguel hoje destinadas a ser “repúblicas” de estudantes, casas compartilhadas entre eles.

No caso do CPTL, quando ainda funcionava nas proximidades da área mais central da cidade (campus 1), se encontrava no seio da malha urbana mais consolidada de Três Lagoas, quando muda suas atividades para o campus II (na Avenida Ranulpho Marque Leal/BR 262<sup>14</sup>), a universidade passa a se localizar na entrada/saída da cidade, distante (de modo relativo) da malha urbana.

Como o processo de urbanização é quase sempre incessante, há outras construções e funcionalidades estão sendo implementados no entorno da Universidade (Campus II): Supermercado Atacadão, lojas de fábrica de roupas em frente, restaurante e posto de combustível, entre outros, porém apresenta muitas diferenças em relação ao entorno da FCT, este que a dinâmica urbana e imobiliária está muito mais ligada à universidade, quando comparado ao entorno do campus da UFMS.

## **1.2 Afinal, quem são os estudantes de Geografia?**

Como mencionado ainda na Introdução desse texto, essa pesquisa é consequência direta da iniciação científica e monografia realizada por mim no segundo semestre de 2020 e início de 2021. A forma como eu compreendo os estudantes e suas experiências em pauta nesse estudo, a universidade, a Geografia, as juventudes se relacionando com as respectivas universidades pesquisadas; têm raízes nessa pesquisa acerca dos graduandos em Geografia da FCT/UNESP, em específico os alunos do 2º e 3º ano. Na ocasião da pesquisa de monografia identificamos uma cultura juvenil e traçamos um perfil dos estudantes, com base em procedimentos metodológicos propostos (e muitos também presentes nessa pesquisa). Ora, aqui também se pretende traçar um perfil dos estudantes de Geografia de ambas as instituições, buscando semelhanças e diferenças, e a partir desses dados mais gerais, pensar nos desafios e possibilidades de um curso que compreenda as tantas Geografias (dos estudantes) dentro da própria Geografia, enquanto uma

---

<sup>14</sup> A rodovia BR 262 mencionada, é a rodovia que liga o estado de São Paulo ao Mato Grosso do Sul, por onde passa o fluxo de estudantes oriundos do interior paulista que viajam todos os dias para estudar em Três Lagoas.

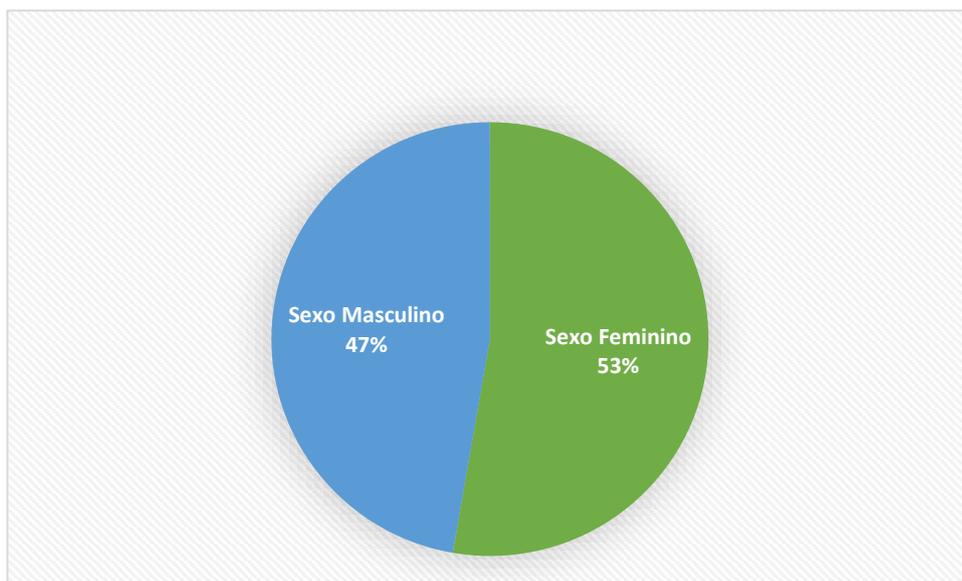
ciência, mas que passa a compor o modo de ver e viver o mundo dos próprios estudantes.

É importante relembrar da diferença entre as amostras aqui expostas e analisadas, tanto em quantidade quanto no processo de obtenção destes dados. No caso de Três Lagoas foi por meio de um questionário (aplicado por nós) com 32% dos estudantes de Geografia, enquanto em Presidente Prudente houve uma amostra integral dos estudantes (100%), uma vez que os dados foram obtidos por meio da seção de graduação, tal qual explicitado na Metodologia. Os dados tratados e expostos adiante, são referentes a: sexo, cidade origem, cotas, escola de origem e autodenominação de cor.

### 1.2.1 Três Lagoas

O Gráfico 4, revela um certo equilíbrio entre os números de homens e mulheres que cursam a graduação em Geografia no CPTL-UFMS.

Gráfico 4- Percentual do(a)s Estudantes de Geografia do CPTL/UFMS por Sexo



Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Tais números conversam com nossa primeira reflexão acerca das licenciaturas tendo maior presença de mulheres (GATTI,2010), mas há também que se pontuar que esses números contêm não só a licenciatura, mas também o bacharel em Geografia.

Inferimos que parte significativa desse número maior de mulheres nos cursos de licenciatura, deve-se aos estereótipos estabelecidos na infância, a exemplo dos brinquedos e brincadeiras separados entre meninos e meninas, podem definir as escolhas das profissões no futuro. É comum ser estabelecido enquanto brincadeiras de meninas tudo aquilo que envolva cuidar da casa e dos filhos (bonecas, cozinha, lavar louça, passar roupa...), ou então professoras, modelos, o que produz e reforça um estereótipo do que é ser mulher e exercer um papel de mulher: cuidar da casa, do lar, da educação, se preocupar com a beleza e a feminilidade (OLIVERI, 2022). De acordo com uma matéria publicada no jornal El País (2018)<sup>15</sup>, apenas 30% das universitárias escolhem carreiras relacionadas tecnologia ou matemática, segundo dados da Unesco.

No que concerne a cidade de origem (Gráfico 5) dos estudantes que responderam ao questionário, verificamos que a maioria deles são oriundos da própria cidade de Três Lagoas, mas também um importante percentual da cidade de Andradina (SP), apontando para uma realidade de pendulação; estudantes que viajam todos os dias (trajeto Andradina – Três Lagoas) no período das aulas – a noite.

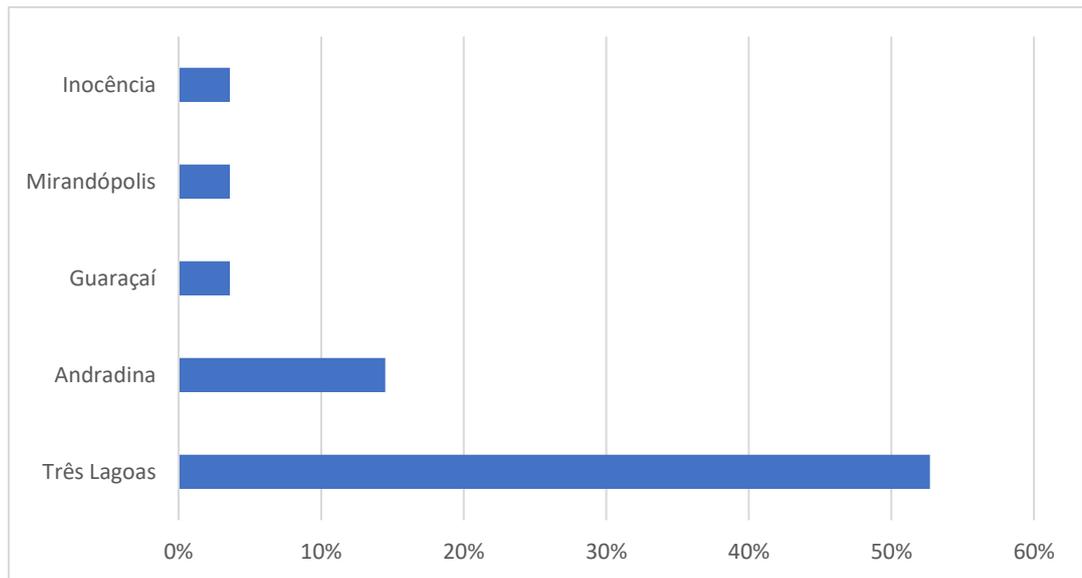
Ainda, constaram outras cidades<sup>16</sup> no questionário, com apenas um representante na graduação, são elas: Selvíria (MS), Assis Chateaubriand (PR), Pereira Barreto (SP), Lavras de Mangabeira(CE), Campinas(SP), Niterói(RJ), Valparaíso(SP), Juíz de Fora(MG), Ouro Verde(SP), Brasilândia(MS), Água Clara(MS), Bataguassu(MS), Brasília(DF), Nova Independência(SP).

---

<sup>15</sup> El País – “Os estereótipos de gênero afetam o que as meninas e os meninos escolhem como profissão no futuro”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/10/actualidad>. Acesso em: 30/09/2022.

<sup>16</sup> Dessas cidades, Andradina -SP, Guaraçaí- SP, Brasilândia -MS, Bataguassu- MS, Água Clara – MS, Nova Independência – SP e Pereira Barreto – SP são cidades morada dos estudantes viajantes, que pendulam diariamente para estudar. Os oriundos das demais cidades, passam a morar em Três Lagoas para cursarem a graduação.

Gráfico 5-Cidade Origem dos Estudantes de Geografia do CPTL-UFMS



Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

O questionário demonstrou que o CPTL-UFMS e o curso de Geografia têm um alcance nacional (devido ao Programa Universidade para Todos-ProUni), não se pode esquecer das trajetórias analisadas pela pesquisa, que ingressaram no curso devido as vagas remanescentes (via ENEM). Mas ainda tem em sua maioria de graduandos, estudantes de municípios mais próximos a cidade de Três Lagoas, sobretudo Andradina.

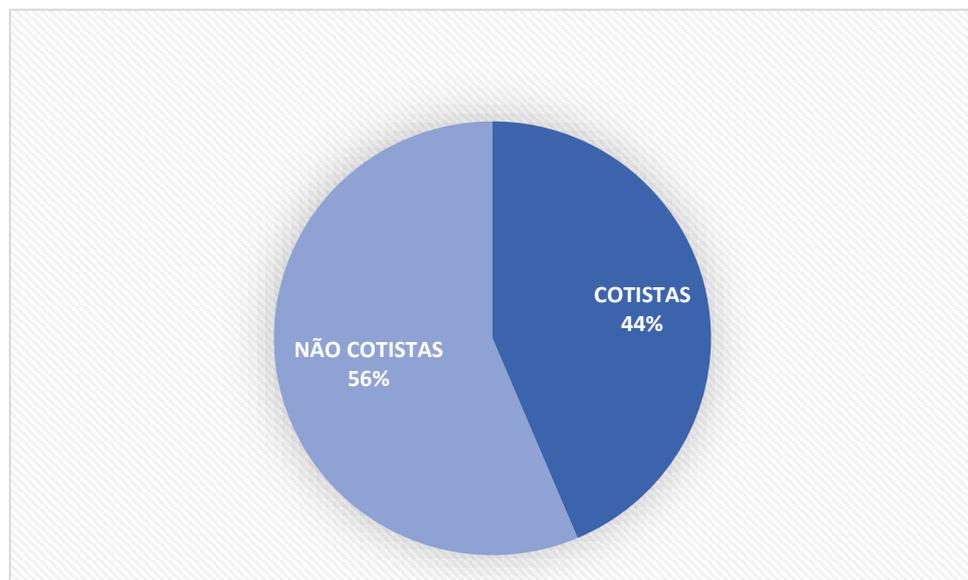
O Gráfico 6 nos evidencia uma quantidade parecida entre cotistas e não cotistas no curso, o que conversa muito com os Gráficos 7 e 8; referentes respectivamente à origem escolar e autodenominação de cor desses estudantes. Esses gráficos, que vão convergir com os dados apresentados no início do capítulo I, demonstram como a menor concorrência do curso (quando comparada a cursos como direito, medicina e arquitetura, por exemplo) possibilitam que a Geografia seja mais “parecida” com a população brasileira, que em sua maioria estuda/estudou em escola pública, e que é constituída por mais negro(a)s e pardo(a)s do que brancos. Porém, convém ressaltar a ausência de indígenas no curso.

É interessante percebermos também que apesar da maioria dos estudantes, que responderam ao questionário, ter como origem a rede pública de ensino (escolar), a maior parte dele não entrou por cotas. Isso revela que, mesmo tendo o direito de

concorrer no regime de cotas, por algum motivo, muitos optaram pela ampla concorrência.

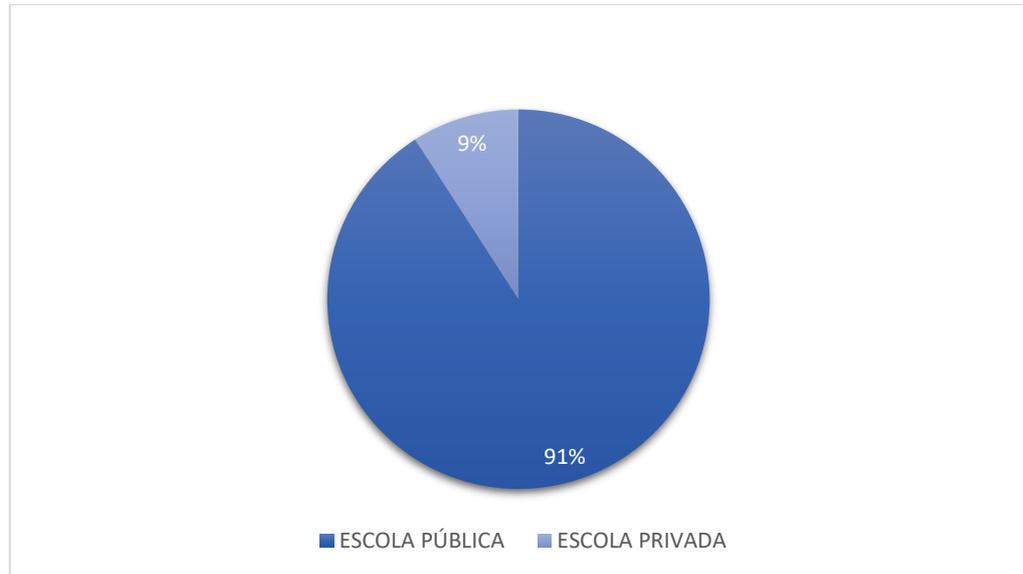
O gráfico 8, revela que a porcentagem de negros (somatória dos pretos e pardos) é maior que a porcentagem dos brancos no curso de Geografia do CPTL-UFMS. Isso significa um importante avanço nas universidades brasileiras, possível através das políticas de cotas.

Gráfico 6- Percentual de Cotistas e Não Cotistas na Graduação em Geografia no CPTL-UFMS



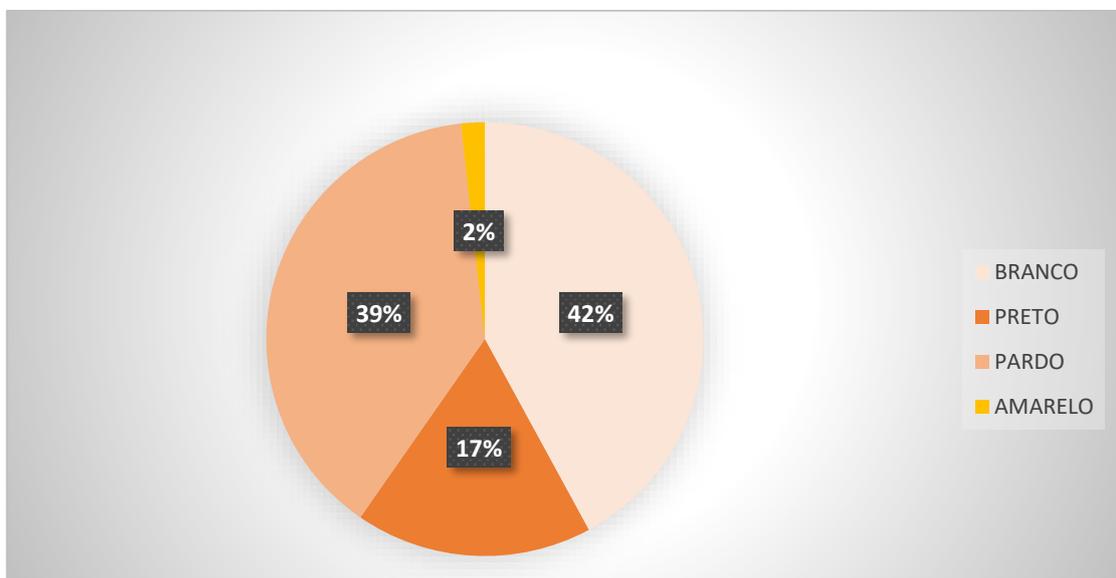
Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Gráfico 7- Percentual de Origem Escolar dos Graduandos em Geografia do CPTL-UFMS



Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Gráfico 8 - Percentual de Autodenominação de Cor no curso de Geografia do CPTL-UFMS



Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Esses dados nos instigam a pensar: A quem são dadas as aulas de Geografia? Quais os sujeitos que estão aprendendo a ler o espaço? De onde eles pensam? A partir de que chão, de que posicionalidade dentro da sociedade? Ainda que

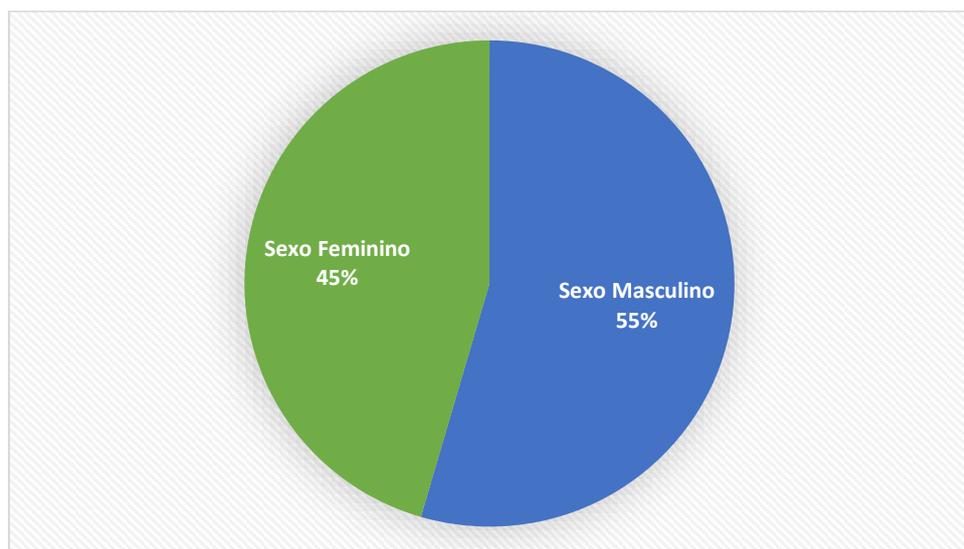
preliminarmente, uma vez que essa questão exige informações qualitativas, que experiências de universidade esses estudantes podem ter?

Ainda que não negando a diversidade dos estudantes, no caso do CPTL-UFMS o perfil que podemos traçar do(a) estudante de Geografia (de modo geral) seria uma estudante, de Três Lagoas, que não utilizou das cotas para ingressar no curso, oriunda de escola pública e negra.

### 1.2.2 Presidente Prudente

O caso da FCT/UNESP, na distribuição de graduandos por sexo é um pouco diferente do CPTL-UFMS; o Gráfico 9 expressa tal situação, nessa amostra, representando integralmente todo(a)s os graduando(a)s – diferentemente do CPTL, como afirmamos. No caso do CPTL-UFMS observamos uma maioria de mulheres, enquanto que na FCT/UNESP a maioria são homens, indo na contramão das estatísticas do INEP (2020,2022) anteriormente apresentadas e da pesquisa de Gatti (2010).

Gráfico 9 - Percentual do(a)s estudantes de Geografia da FCT/UNESP por Sexo



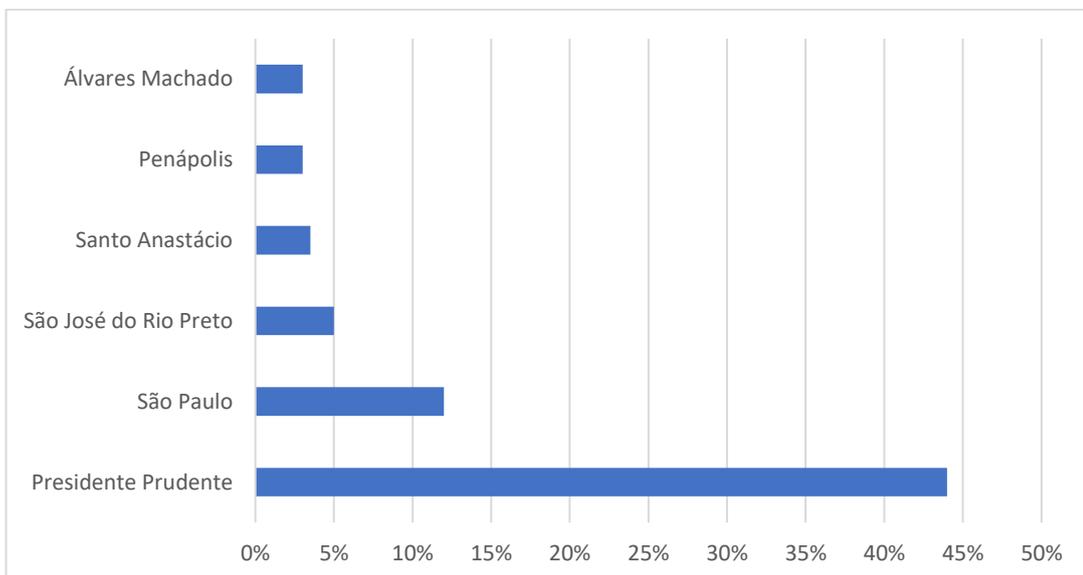
Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

O gráfico 10, representa as 5 cidades origem mais comuns entre os graduandos em Geografia da FCT/UNESP, diferente de Três Lagoas, a segunda cidade que mais

tem representantes no curso é uma cidade que fica a 600 km de distância de Presidente Prudente (São Paulo), não se trata de uma cidade vizinha (como Andradina o é para Três Lagoas).

A semelhança é que a maioria dos estudantes é oriundo da cidade em que a FCT/UNESP se localiza, além de cidades como Santo Anastácio (SP) e Álvares Machado (SP) comparecerem, cidades vizinhas que aparecem representando os estudantes pendulares. Houve além dessas, uma quantidade significativa de cidades, quase todas do estado de São Paulo, quando não, em Estados vizinhos.

Gráfico 10- As cinco cidades com mais representantes na Geografia da FCT/UNESP



Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Os Gráficos 11, 12 e 13 trazem informações pertinentes ao perfil dos estudantes de graduação em Geografia da FCT/UNESP, a maioria dos estudantes são oriundos de cotas, da escola pública e brancos, características que se diferenciam do anunciado pelos estudantes da UFMS.

A informação de que a maioria dos graduandos em Geografia são cotistas (Gráfico 11), serve como resposta a tantos ataques que a política de cotas sofreu, sobre o argumento de que os que ingressassem pelas cotas não estariam preparados e abandonariam rápido o curso; tal afirmação não se averigua na realidade do curso analisado.

Ora, mesmo a maioria dos estudantes sendo cotistas, 10% dos estudantes oriundos de escolas públicas (Gráfico 12) não usufruíram de seu direito de concorrer pelas cotas e optaram pela ampla concorrência.

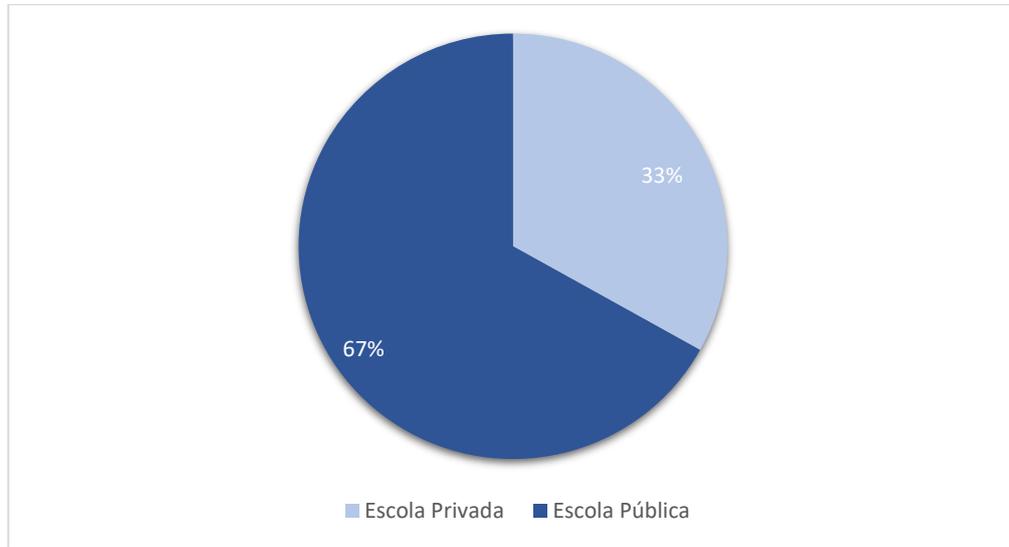
Como revelado pelo Gráfico 13, a Geografia da FCT/UNESP é mais branca que a população brasileira (diferente de Três Lagoas), tem apenas 1 representante indígena e 3 estudantes com descendência asiática.

Gráfico 11-Percentual de Cotistas e Não Cotistas na Graduação em Geografia na FCT/UNESP



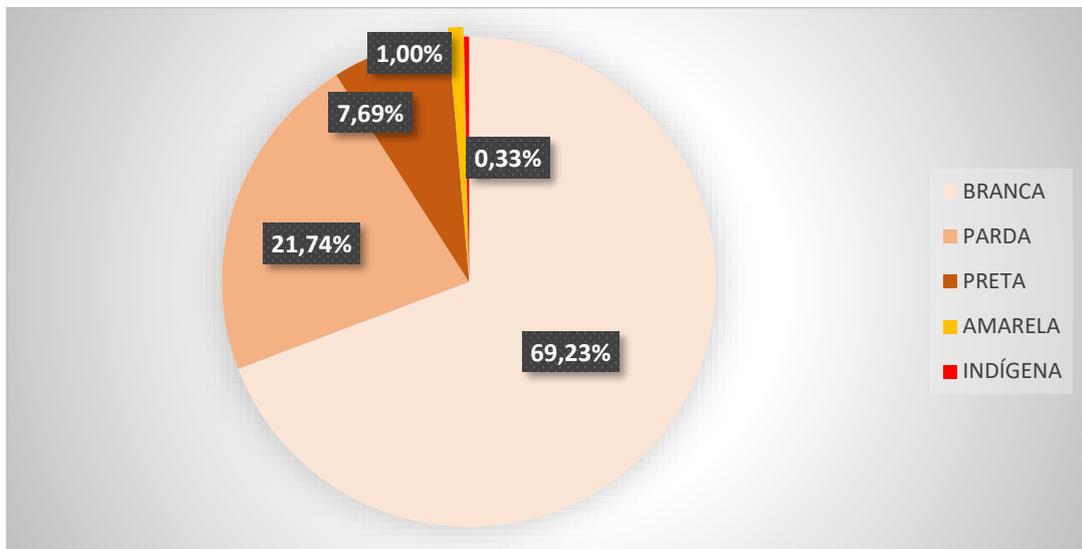
Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Gráfico 12-Percentual de Origem Escolar dos Graduandos em Geografia da FCT/UNESP



Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Gráfico 13-Percentual de Autodenominação de Cor no curso de Geografia da FCT/UNESP



Fonte: Elaborado por Turino Silva (2022)

Reforça-se aqui, enxergar as Geografias dos sujeitos da FCT, para pensar de onde e para onde os estudantes da licenciatura e do bacharel falam, pensam e enxergam, produzem espaço e por conseguinte desenvolvem suas experiências de juventude e de universidade. Assim, o perfil do graduando em Geografia da

FCT/UNESP seria um estudante que nasceu em Presidente Prudente, cotista, oriundo da rede pública escolar e branco, de modo geral.

Os dois perfis aqui traçados (entre os estudantes das duas universidades) se diferenciam no sexo, na cidade de origem, na (não) opção por cotas e na autodenominação de cor, assim as experiências de universidade e de juventude tendem a serem diferentes em alguns aspectos.

As diferenças de perfis entre os estudantes podem ser explicadas talvez, pela oferta de cada curso. Enquanto o CPTL-UFMS oferece apenas aulas noturnas, atraindo assim um público em maioria trabalhador; na FCT-UNESP se oferece o período noturno, mas também o matutino, abrindo precedente para um grupo de estudantes que podem se dedicar mais à pesquisa e/ou extensão, que por terem condições financeiras mais favoráveis, não precisam trabalhar durante o dia.

## 2.EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDE E DE UNIVERSIDADE- “Capítulo quatro, versículo três”

Na década de 1990 as periferias de São Paulo se encontravam em uma dura realidade de desigualdade e violência, e é a partir desse chão que o *rap* nacional representado, principalmente, por Racionais Mc’s vai poetizar e musicar uma dura realidade vivida pela juventude negra e periférica de então.

No álbum *Sobrevivendo no Inferno*, o grupo de rappers conseguiu traduzir em palavras o inferno vivido por essa juventude, perseguida, excluída, abandonada pelas autoridades e negada pela própria cidade - no sentido de vivenciar as dificuldades e exclusões enquanto moradores das periferias urbanas. Frente a um panorama desesperançoso e desanimador, as letras das canções e os próprios *beats* buscaram na dimensão mística e religiosa alternativas, e na canção Capítulo 4, versículo 3 invocam o livro de Salmos da Bíblia, e logo no início da canção apresentam tristes estatísticas acerca da juventude negra do Brasil, e o locutor se enxerga como “mais um sobrevivente”.

Esse álbum fez o Brasil inteiro conhecer os Racionais, mas não apenas isso, fez o país conhecer a sua periferia, o Capão Redondo, o pentecostalismo emergente da década de 1990 nas periferias, a violência policial na capital paulistana, o movimento *hip hop* e seu potencial nacional e o mais pertinente a esse relatório: uma parcela da juventude brasileira.

Infelizmente a realidade retratada no álbum continua atual e é uma das melhores traduções contemporânea dos problemas socioespaciais das cidades metropolitanas do Brasil. A juventude brasileira é plural e diversa, mas a desigualdade, a violência, a falta de perspectiva e outros desafios estão presentes em todas as regiões e cidades do país.

Neste Capítulo refletimos (dentro do nosso universo de pesquisa) sobre o que são as juventudes e algumas de suas experiências, as culturas juvenis e como elas se performam no espaço da universidade. Vale também adicionar que se torna evidente ao longo dessa pesquisa as particularidades de cada campus, as singularidades dos estudantes do curso de Geografia da FCT e do CPTL, realidades de um cotidiano que revela dinâmicas e agentes interurbanos, inter-regionais e ora internacionais.

## CARTA AO REMETENTE

07/06/2022

A quem se preocupou demais,

Nova cidade, nova universidade, novo(a)s amigo(a)s, novos projetos, nova casa, novo cotidiano, novo trajeto, novo desafio, novo pôr do sol...

Será que vou conseguir? Será que vai dar tempo de fazer tudo o que eu preciso? Por onde eu começo? Quem vai estar lá? Quem não vai estar? Será que vou me adaptar? Onde é o Letur? Onde fica a sala da professora Milani? O projeto está bom? Será essa rua que vai levar onde quero ir?

Cheio de inseguranças e preocupações, noites mal dormidas, cabeça cheia de pensamentos.

Uma cidade que já fez parte da história da minha família, tentando puxar na memória quando estive aqui, passo a naturalizar o estranho, passa a ser cotidiano o que era novidade.

Se encerrou o dia, mais um fim de tarde, o céu anuncia aquilo que eu no fundo já sei, a noite vai aparecer, mas ela também é temporária...

Desfalecem alguns medos, nem todos, alguns ainda perduram, mas eu hei de conseguir, estou administrando o tempo, já sei por onde começar, já sei quem está aqui, quem está lá, já me sinto parte da universidade, do Letur; a sala da professora é logo ali, vou fazer o projeto de novo, vou fazer tudo bem feito, sei o meu lugar, estou em casa.

Quero fazer parte da universidade necessária, quilômetros e quilômetros semanais, três cidades, dois estados (de ser). Talvez eu ande querendo demais, mas a pressa e ansiedade não me deixam esperar menos e pensando bem eu nem quero menos. Quero o que eu puder...

Eu ainda sei muito pouco, mas aprendi a apreender, disposição de sobra pra errar, sonhar e viver.

*João Pedro Sívio*

## 2.1 Juventudes e Culturas Juvenis

Na busca de se formular uma ideia de juventudes que conversasse com a realidade apreendida por meio das entrevistas e dos grupos focais, procuramos um caminho de se compreender a juventude, no plural (DAYRELL,2003; VELHO,2006), nesse sentido, “juventudes” seria a noção mais apropriada, pois então se elucidam inúmeras formas de juventude, inúmeros jeitos e experiências possíveis desses sujeitos sociais, situados no espaço e no tempo. Para o desenvolvimento desta seção analisamos as entrevistas e depoimentos gerados por meio dos grupos focais realizados na FCT e no CPTL, como minuciado na metodologia.

Ainda na intenção de se construir uma ideia de juventude que dialogue com a nossa realidade, Turra Neto (2015) busca definir a juventude como experiência, dessa forma, não se limita apenas à questão etária (por mais que ela também seja importante na hora da definição de juventude e políticas voltadas às juventudes), trata-se de uma (con)vivência, uma sociabilidade, uma partilha de trajetórias e encontros.

Outra questão pertinente ao que se constitui enquanto juventude(s) seria a preocupação com o futuro, que no caso dos jovens universitários é central. A partir dessa situação, há de se notar que as juventudes são permeadas por questões de classe, de raça, de gênero, temporalidades e espacialidades. Esse cruzamento de posicionalidades frente a sistemas e estruturas constitutivas de nossa sociedade é chamado de interseccionalidade, e pode colaborar com o nosso entendimento acerca dos sujeitos que compõe a nossa pesquisa. Para Pochay (2011, p.12):

...a interseccionalidade se constitui para além do reconhecimento à multiplicidade de sistemas de opressão que operam a partir de categorias como gênero, classe, raça/etnia, idade, deficiência e sexualidade. A interseccionalidade transpõe soma das dominações ou arranjos de identidades e diferenças, possibilitando-nos avançar em perspectiva e prática de problematização rizomática de “uma teoria transdisciplinar visando apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais, através de uma abordagem integrada.

Assim, reconhecemos que os sujeitos das mais variadas formas e dos mais diferentes contextos, experienciam seu cotidiano, a universidade e claro, a juventude de variados jeitos. O controle, a resistência, a dominação e a rebeldia são sentidas e performadas não só nos coletivos mas também nos corpos desses jovens.

Insistindo na ideia de experiência, noção chave no nosso trabalho, justificamos mais uma vez essa investigação nos baseando em Bondía (2002), para quem a investigação da experiência dos sujeitos, não busca diferenciar uns dos outros, mostrar apenas suas individualidades, mas sim a relação entre os sujeitos, o que os conecta, ou os separa.

O autor defende por exemplo, no tocante à questão das classes sociais, que é a partir do cotidiano, e a compreensão da desigualdade como experiência coletiva, que encontraremos respostas à classe social. Ou seja, a mesma pode ser compreendida através das práticas e do cotidiano, da experiência de classe. Portanto, para compreender de forma profunda, elementos estruturais, o autor defende que se compreenda as experiências dos sujeitos que compõe o todo. Tal experiência, é compreendida por Bondía (2002, p.21) como:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Bondía (2002) vai nos alertar que nunca se passou tanta coisa no mundo e mesmo assim, a experiência tem se tornado cada vez mais rara. O motivo seria o contemporâneo bombardeio de informações. Cada vez mais atolados de informações, os sujeitos passam a "saber" (no sentido de estar informado mas não de compreender a fundo) tudo mas nada, de fato, o acontece.

A raridade da experiência, segundo o autor, também seria uma consequência da velocidade da contemporaneidade, suas demandas, e a excessiva carga de trabalho, o que quase sempre gera uma aceleração do tempo. A pressa pela novidade, os múltiplos estímulos, advindos de tantas direções não permitem se digerir uma situação, compreendê-la ou relacioná-la a outro elemento. O esforço, a exaustão, o "trabalho alienado" limitam a experiência de qualquer sujeito.

Mas essa (rara) experiência, até aqui exposta, é vivenciada por sujeitos. Para Bondía (2002, p.25):

...o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito

incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade.

Trazendo outra definição de sujeitos, Scott (1998) vai reafirmar a diferença entre sujeitos e indivíduos, fortalecendo a ideia de que os sujeitos, em suas trajetórias, cruzam laços, vivências e experiências; enquanto o indivíduo seria entendido em si mesmo, o sujeito se forma dentro de um contexto mais amplo.

Para Scott (1998) a experiência é a história de um sujeito, é ela que o compõe, e o torna sujeito. A autora reforça que a experiência desses sujeitos não é meramente objetiva, mas também possui uma dimensão subjetiva (envolve paixão, surpresa, risco). Apenas a cientificidade pode deixar de lado um saber do sujeito que advém da experiência, por isso, defende que a literariedade e a cientificidade devem se juntar para compreender mais dimensões dos sujeitos, posição essa compartilhada por nós nessa pesquisa.

Antes de avançar no debate, vale salientar algumas situações em que o discurso dos estudantes de Geografia se relaciona com o que foi exposto até agora acerca das experiências dos sujeitos.

No primeiro grupo focal (realizado no CPTL) quando mencionado o trabalho de campo (uma atividade da graduação/viagem de estudos) houve agitação por parte dos integrantes. A questão em discussão era como a Geografia impactava a vida dos estudantes ali presentes, um dos participantes pontuou: “Ai, eu entrei na Geografia, também pelo contato com a natureza, que eu imaginava, que eu vejo nas aulas com o F\*\*\*(professor) no trabalho de campo, uma parte que sempre me atraiu desde pequeno” (Grupo Focal 1).

Após essa colocação houve a reclamação de algumas estudantes que não tiveram a oportunidade de ir a um trabalho de campo até então devido a pandemia e ao ensino ter sido limitado ao modo remoto, enquanto outra estudante pontuou: “Eu também não consegui ir porque meu marido não deixava” (Grupo Focal 1). Ao longo do grupo focal, essa estudante deixou nítido como sua experiência de universidade e juventude foi limitada por seu marido de então, com quem tinha um relacionamento extremamente abusivo e controlador. Percebe-se aqui já dois elementos interessantes a se pensar, o primeiro o valor do trabalho de campo, enquanto saber prático, que compareceu no segundo grupo focal e nas entrevistas como experiência importante

desses sujeitos, no curso de Geografia. A troca do grupo focal também expõe as diferentes experiências de juventude e universidade, dos participantes da pesquisa, ora por conta de suas relações e seus corpos, ora por conta de eventos de maior dimensão (como a pandemia).

Em outro momento da investigação qualitativa, quando perguntado o porquê de Roddman (um dos estudantes do CPTL-UFMS entrevistados) escolher e se manter no curso de Geografia ele respondeu da seguinte forma:

Na real, Geografia não era nenhuma das opções, as primeiras opções eram História e Filosofia; eu tentei Filosofia na UFRJ e História aqui na UFMS, só que aí eu atingi a nota de corte, mas a questão foi que que várias outras notas foram sobrepostas a minha por ser um valor mais alto, né? Aí não tinha vaga, aí eu entrei nas vagas remanescentes de Geografia para tentar passar pra História, mas depois do primeiro semestre eu me **apaixonei** pela disciplina, curti muito e não quis mudar. (Roddman, 20 anos, 3º ano, grifo nosso)

Quando o texto de Bondía (2002) integrou nosso arcabouço teórico, e o autor mencionou que a experiência é paixão, logo me lembrei da fala de Roddman, usando a expressão “apaixonei” para dizer o motivo de se manter no curso de Geografia. Mais adiante, na mesma entrevista o perguntei sobre como estava lidando com o curso, naquele momento de forma remota, e Roddman respondeu: “Na real, me **apaixonei** (pelo curso), mas aí a pandemia veio me desiludir, tá ligado?”

Defendemos que as informações obtidas pelos procedimentos metodológicos de cunho qualitativo, indicam que a relação desses sujeitos com o curso de Geografia envolve mais dimensões que a objetiva de ir para uma sala de aula apenas para aprender os conteúdos trabalhados. O curso de Geografia se torna uma experiência de juventude naquela etapa da vida dos estudantes, há paixão, subversão, desilusão, saber prático e tantos outros elementos.

Compreender os sujeitos estudantes de Geografia da FCT/UNESP e do CPTL-UFMS e suas respectivas experiências cotidianas pode nos indicar novas estratégias pedagógicas, acertos e erros da universidade enquanto instituição com esses jovens, e a experiência do curso vivida não só na institucionalidade da pesquisa, da extensão e da aula, mas na performance desses sujeitos na cidade, no tempo livre, no lazer e na cultura.

Retornando à discussão acerca das juventudes, conscientes da importância de

compreendermos a ideia de experiência e sujeito, avançamos com o pensamento de Velho (2006) que aponta que as juventudes são vividas de diversas formas, chamando a atenção para duas ideias pertinentes à discussão, o campo de possibilidades e o projeto, na proposta do autor.

O primeiro, trata-se do campo possível do jovem percorrer em sua vivência e experiência de juventude(s), afetada por fatores socioespaciais, econômicos, familiares, de gênero e raciais. Velho (2006) afirma também que a família tem um papel importante e que a construção da trajetória desses jovens dialoga com seu cotidiano e conseqüentemente com contexto socioespacial. Logo, é no campo de possibilidades de cada jovem que se constrói uma juventude (possível) e projetos de vida.

Aqui, a interseccionalidade mencionada anteriormente se encaixa perfeitamente, a contribuição de PocaHy (2011) é nessa direção, compreender os sujeitos em sua corporalidade e seu contexto são mais ou menos condicionantes para viver suas experiências de juventude.

Por “projeto”, Velho (2006) expõe como sendo uma conduta organizada para se atingir uma ambição, como retratamos anteriormente. Diante das esperanças pessoais, há também uma realidade social (e espacial) que expõe as delimitações para as escolhas (de modo sempre relativo). Nessa situação, há crises e conflitos entre os projetos individuais, os sonhos e ambições com as obrigações, responsabilidades e limitações. Em combinação a essa proposta de Velho (2006), Elder Junior, Johnson e Crosnoe (2003) trazem a ideia de cursos de vida; o interesse aqui pelo curso de vida, é compreender como impactam/são impactados pelo processo histórico-espacial dos sujeitos sociais. As primeiras tentativas de se aplicar pesquisas do tipo rondavam as carreiras ou ciclos de vida (diferente de curso de vida), mas então se estenderam desde o contexto geográfico ao qual é originado esse sujeito, suas experiências ao longo de seu crescimento, suas transições, seus ciclos, suas trajetórias, decisões e rupturas e claro, seus projetos de vida e campo de possibilidades como já citados.

Como se trata de um estudo acerca de juventudes, convém aqui retornar um pouco na cronologia desses estudos. Feixa <sup>17</sup>(2006, p.3) vai argumentar que:

---

<sup>17</sup> Trecho Original: Según la historiografía canónica, la adolescencia fue inventada al principio de la era industrial, pero no se empezó a democratizar hasta alrededor de 1900, cuando diversas reformas en la escuela, el mercado de trabajo, la familia, el servicio militar, las asociaciones juveniles y el mundo del ocio, permitieron que surgiera una nueva generación consciente de crear una cultura propia y distintiva, diferente a la de los adultos. La historia del siglo XX puede verse como la sucesión de diferentes generaciones de jóvenes que irrumpen en la escena pública para ser protagonistas en la reforma, la revolución, la guerra, la paz, el rock, el amor, las drogas, la globalización o la antiglobalización.

Segundo a historiografia canônica, a adolescência foi inventada no início da era industrial, mas só começou a ser democratizada por volta de 1900, quando várias reformas nas escolas, no mercado de trabalho, na família, no serviço militar, nas associações juvenis e no mundo do lazer permitiram o surgimento de uma nova geração, consciente de criar uma cultura própria e distinta da dos adultos. A história do século XX pode ser vista como a sucessão de diferentes gerações de jovens que irrompem na cena pública para se tornarem protagonistas da reforma, revolução, guerra, paz, rock, amor, drogas, globalização ou antiglobalização. (Tradução Nossa)

A juventude é então uma criação da sociedade moderna. Vemos que a partir de reformas de instituições-chaves na Europa moderna, a juventude e a adolescência passam a ser identificados como períodos da vida diferentes da maturidade, tratados como um vir a ser, uma preparação para o futuro, uma idade que se interpõe entre a infância e a idade adulta que antes não existia e que a princípio será um privilégio de gênero e de classe, sobretudo desta última categoria.

Feixa (2006) reforça o caráter de classe dessa juventude de então (final do Século XIX e início do Século XX), o atraso para se ingressar no trabalho, ou um período de estudos maior eram restritos para os jovens de famílias mais abastadas, enquanto os jovens mais empobrecidos ingressavam cedo no mercado de trabalho e o ócio e o lazer eram raros em suas realidades, assim como as responsabilidades eram maiores. Isso também vale para as juventudes da periferia do mundo, distantes de Inglaterra e França (centros econômicos de então).

Os jovens pobres deveriam estar no mercado de trabalho, quando não, eram considerados delinquentes, boêmios e românticos, com agrupamentos formados nos espaços escolares.

Mas é só quando a juventude passa a ser um problema que se torna objeto de pesquisa e de interesse (ABRAMO,1997). As gangues jovens nos subúrbios de Chicago nos anos de 1930 (RAMOS,2017), ou os jovens imigrantes nas metrópoles europeias que ingressavam no país no período pós-segunda guerra mundial foram objetos de pesquisa da sociologia, psicologia e antropologia (ABRAMO,1997).

Assim, ao longo das décadas do Século XXI foram se desenvolvendo estudos acerca das juventudes com ênfase em duas correntes teóricas, a geracional e a de classe (PAIS,1993). A primeira se preocupa(va) com a questão das rupturas de costumes entre uma geração e outra, a superação de uma por outra, ou seja, o conflito entre ambas. Essa corrente justificava a juventude a partir da época em que viveu,

logo, a experiência de juventude de um sujeito estará fundamentada no período histórico em que viveu sua juventude.

A corrente classista usa das classes sociais como critério de como se dá a juventude dos sujeitos, dessa forma os jovens mais ricos têm uma juventude e jovens mais empobrecidos tem outra (PAIS,1993).

Ambas as correntes contribuíram para o pensamento acerca das juventudes (RAMOS,2017), mas após a segunda guerra mundial a juventude (enquanto símbolo) passa a ser difundida no mundo todo (TURRA NETO,2015) e as culturas juvenis surgem como chave para compreender as novas experiências de juventude, a era das culturas juvenis transterritoriais como coloca Turra Neto (2012) se inaugura, os *hippies*, os *punks*, e tantas outras culturas juvenis passam a aparecer mundo afora, há então uma ampla cultura juvenil global.

Sem esquecer as contribuições das correntes classistas e geracionais, a investigação acerca das culturas juvenis vai ter forte influência na Geografia das Juventudes (que integra/conversa com o campo da Geografia Cultural e da Geografia Urbana), que passa a compreender as juventudes e culturas juvenis como territoriais, organizadas em redes, detentoras de capital espacial e capazes de saltar escalas (RAMOS,2017; TURRA NETO,2012).

Pais (1993) vai compreender a pertinência dessas culturas juvenis na construção das juventudes contemporâneas, a partir do cotidiano, do ócio e do lazer em pares, e somando às correntes anteriores mencionadas, ele contribui ao pensamento das juventudes que vai compreende-la como experiência sociocultural e para nós também espacial.

A palavra cultura (definida pela antropologia) foi buscada pelo autor que procura no modo de vida, no compartilhamento e prática comum de costumes a origem das juventudes. Se a cultura pode ser entendida como “um conjunto de significados compartilhados” (PAIS,1993, p.70), a análise que deve ser feita é a partir dos contextos, vivências e cotidiano do jovem. É por isso que vemos a necessidade de considerar os jovens concretos, nos seus espaços e tempos de interação, e a juventude considerada no plural. Sendo a Geografia interessada nas culturas (CORRÊA e ROSENDAHL,2003), as culturas juvenis também são objetos de pesquisa caros a nós geógrafos, por isso convém compreendermos o significado de culturas juvenis, o que justifica esse debate.

A cultura juvenil, segundo Menegon (2016), ainda sob a inspiração dos estudos de Pais (1993), seria um processo de socialização do jovem e o que ele interioriza/exterioriza diante das suas relações e vivências, todas cheias de símbolos e valores. Vale reforçar que essas relações e vivências são fruto do tempo livre e do lazer compartilhado. Pensando a ideia de culturas juvenis como um processo, Dayrell (2005, p.35) traz a seguinte definição:

Sem nos deter num conceito específico, quando falamos em culturas juvenis nos referimos a modos de vida específicos e práticas cotidianas dos jovens, que expressam certos significados e valores não tanto no âmbito das instituições como no âmbito da vida própria vida cotidiana.

Nessa perspectiva, é evidente que não podemos falar de uma cultura juvenil homogênea, tanto que a estamos utilizando no plural. Ao contrário, expressa um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que expressam a pertença a um determinado grupo, uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, por meio dos quais a vida adquire um sentido. O processo de construção das culturas juvenis tem de ser entendido no contexto da origem social e das condições concretas de vida na qual os jovens estão sendo socializados.

Conscientes das várias formas de ser jovem, é importante reforçar então a dimensão espacial das juventudes.

Há uma geograficidade nessa questão, não só as temporalidades implicam em uma forma de ser jovem e sua potencialidade, mas também o espaço e as espacialidades cotidianas desses sujeitos, os locais onde esses jovens frequentam (no caso, no espaço urbano), sociabiliza e ocupa, vão também ser chaves na construção do que sua juventude com influências em seu futuro.

Tanto a FCT quanto o CPTL têm em seus quadros de estudantes, diferentes origens e trajetórias (TURINO SILVA, 2021; CAMPOS, 2021); quadro esse que orienta e constrói o campo de possibilidades desses estudantes (VELHO, 2006). Ou seja, a partir de onde os jovens estiveram e estão, terão um respectivo horizonte de possibilidades, planos, projetos e esperanças, são limitadas ou expandidas de acordo com a origem e condição atual, do ponto de vista socioespacial e econômico desses jovens.

Pais (2005, 2006) baseado em Deleuze, vai categorizar os espaços lisos e estriados, o primeiro como espaço livre, oportuno para a criação, aberto, enquanto o estriado seria o espaço limitado, controlado.

Consideramos que o espaço urbano enquanto forma e processo (CORRÊA, 1989) produzido pelos grandes agentes do capital, constroem esse espaço do controle, fragmentado/articulado, reflexo e condicionante social, o espaço estriado – do ponto de vista formal – com base na proposta de Pais (2005).

Por outro lado, em contorno a isso, observamos (ainda que na microescala) as práticas espaciais dos diferentes grupos sociais, não apenas os excluídos, como revisto por Corrêa (2011), mas os sujeitos (sociais) - ora, também as juventudes- que segundo Pais (2005) performam nas cidades transformando (ciclicamente) os espaços estriados em lisos, tomando o público para si, tornando a cidade também palco de expressões juvenis, ou ainda, sendo produzidas pelas práticas espaciais juvenis. E aqui achou-se adequado compreender esse espaço urbano não apenas como liso e estriado como já posto, mas para além dessas duas dimensões, apreendê-lo em sua triplicidade (LEFEBVRE, 1974; LEGROUX, 2021).

Para Lefebvre (1974) o espaço é trinitário, tem sua dimensão do concebido, o produzido pelo capitalismo, que está aí dado como forma (a representação do espaço), há a dimensão do espaço percebido, ligada a reprodução da vida, o cotidiano e suas contradições, trajetos casa-trabalho-estudo; e por último o espaço vivido, que faz menção à arte, trata-se dos espaços de representação, onde se expressa a cultura, as identidades e a busca por resistir/existir e as camadas mais profundas do cotidiano vivido pelas pessoas.

Aqui então cabe uma relação entre o espaço concebido e percebido (LEFEBVRE, 1974) com os espaços estriados (PAIS, 2005) em contraposição (de certa forma) ao espaço vivido (LEFEBVRE, 1974) com os espaços lisos (PAIS, 2005).

As juventudes necessariamente, (re)utilizam e produzem espaço como reprodução de sua vida e de sua juventude, ora reproduzindo as lógicas do capital e conseqüentemente das representações do espaço, ora resistindo a essas dinâmicas, produzindo espaços de representação (ressignificando espaços, mesmo que seja momentaneamente).

Nesse sentido, algumas pesquisas são significativas e ajudam a exemplificar esse debate teórico: Marques (2021) ao estudar rappers mulheres em Londrina, vai demonstrar não só a territorialidade dessas jovens ao se organizarem em batalhas de rima e *slams*, mas também a capacidade de saltar escalas e romper com as novas lógicas do capital e seus agentes na cidade. Feixa (2003) elucida a cidade “invisível” construída, pelos jovens, uma cidade que tem suas próprias centralidades,

temporalidades e significados. Turra Neto (2012) vai avaliar a cultura *punk* e a cultura *Hip Hop*, que ao longo das décadas foram se (re)estruturando e se distribuindo nos diversos espaços, da cidade de Guarapuava.

Turra Neto (2012) reafirma que a sociabilidade só é possível no espaço, e isso torna as juventudes, construídas na sociabilidade, tema importante da Geografia, pois passa a ser um agente importante do espaço, e só se pode compreender a experiência juvenil, através de uma leitura espacial dela.

Nesse diálogo, Feixa <sup>18</sup>(1999, p.96) vai, além de definir as juventudes, comentar acerca da espacialidade dessas culturas na cidade.

Por outro lado, as culturas juvenis criam seu próprio território, apropriando-se de certos espaços urbanos que distinguem com suas marcas: a esquina, a rua, o muro, o clube de dança, a discoteca, o centro da cidade, as áreas de lazer, etc. (tradução nossa)

Em nossa análise, indo ao encontro com a pesquisa de Lima (2018), Feixa (1999) afirma que as culturas juvenis se apropriam de determinados espaços, ou mesmo ressignificam tais espaços (PAIS,2005), produzindo o que o autor denomina de espaços lisos, como debatemos.

A cultura universitária (não se limitando apenas a um curso em específico), investigada por Lima (2018), na cidade de Três Lagoas, é tida pelo autor e nessa pesquisa como sendo uma cultura juvenil; essa, permeia e influencia os estudantes de Geografia da FCT/UNESP e do CPTL-UFMS.

Porém, notamos uma nítida diferença entre as experiências de juventude e de universidade entre os estudantes entrevistados das duas instituições em questão.

Na FCT/UNESP, a cultura universitária do curso de Geografia se mostra mais evidente (sendo parte da investigação de Turino Silva, 2021), com espaços tradicionais, circuitos, práticas espaciais e costumes-compartilhados- nítidos. As dimensões políticas, causas e desafios do curso de Geografia da FCT constaram não só nessa pesquisa de mestrado, mas também em minha monografia, como mencionado na introdução desta pesquisa.

O quadro maior de estudantes (muitos que se mudam para Presidente Prudente para estudar), um panorama de pesquisa, extensão e pós-graduação mais

---

<sup>18</sup> Trecho original: Por otra parte, las culturas juveniles crean un territorio propio, apropiándose de determinados espacios urbanos que distinguen con sus marcas: la esquina, la calle, la pared, e local de baile, la discoteca, el centro urbano, las zonas de ocio, etc.

tradicional e fortificado, a moradia estudantil e as condições econômicas dos estudantes são algumas das causas para isso, para a constituição de uma cultura universitária na FCT, entre os estudantes de Geografia estudados.

Por outro lado, quando se trata de estudantes do período noturno (FCT), essa experiência de universidade se dá em menores proporções, exatamente por conta do horário noturno atrair mais jovens estudantes que trabalham durante o dia, ou que pendulam diariamente, tal qual demonstrou Pires (2013) ao investigar jovens estudantes de cursos noturnos de Geografia do Estado de Goiás e Campos (2018) em relação ao próprio Campus da UFMS de Três Lagoas.

A condição de estudante e trabalhador modifica as maneiras de apropriação da universidade em sentido mais amplo por parte desses sujeitos sociais; muito mais restrita aos horários de aulas (noturno) e um certo desconhecimento (justificável) do universo que coexiste durante o dia nos espaços da universidade: grupos de estudos, de pesquisa, projetos de extensão, etc. Ainda que não sejam a totalidade dos estudantes que se encaixam nessa medida, dentro desse debate entra a questão das condições de permanência dos estudantes na universidade pública (bolsas, auxílios...). Isso ultrapassa o debate do ingresso dos estudantes, que tem resultados positivos desde a criação e implementação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012).

No segundo grupo focal realizado entre os estudantes de Geografia no campus da FCT, um dos integrantes do grupo afirmou não ter amizades e laços tão fortes, nem frequentar espaços de convivência e sociabilidade com sua turma (3º ano, noturno) não só por ter tido os dois primeiros anos de forma remota, mas também por conta da maioria dos estudantes trabalharem (assim como ele próprio), e haver pouco tempo para saírem juntos, organizar “rolês” ou frequentar festas.

Ao passo que, as duas outras integrantes do grupo focal eram do matutino, e ambas da mesma turma (4º ano) contavam experiências de encontro e sociabilidade maior, seja nos grupos de pesquisa (ambas fizeram iniciação científica), seja em espaços fora do campus da FCT/UNESP ou até conversas no intervalo e/ou após as aulas na praça da Geografia.

Isso revela e reforça que há diferenciações importantes entre estudantes do noturno e do matutino da FCT, o tempo passa a ser escasso para os jovens que estudam e trabalham assim como os estudantes do CPTL, enquanto os que tem a possibilidade de fazer uma iniciação científica, participar de projetos de extensão e

coletivos, vivem mais as experiências de universidade, em outras dimensões que não só a aula, como expusemos.

Há também a questão de se diferenciar os sujeitos que se mudaram para a cidade de Presidente Prudente para cursar a graduação em Geografia, dos que já moravam na cidade, com a família. Essa distinção já tida em Turino Silva (2021), revela uma diferença de centralidade na vida desses dois tipos de estudantes; a universidade e seus apêndices têm maior centralidade na vida desses graduandos que não tem raízes, laços e vínculos prévios ao ingresso da universidade, logo a cultura juvenil universitária é mais vivida por esses jovens que vieram para Presidente Prudente para estudar e todas as demais dimensões da vivência na cidade estão ligadas a vida universitária.

Essa situação foi também debatida no segundo grupo focal, de forma que, entre os estudantes da FCT que participaram do grupo, houve pontuação acerca da dificuldade de quem já vive na própria cidade que cursa a universidade desde sempre, comparecer aos “rolês” e eventos do curso por haver compromissos a parte (família, outros amigos e outros circuitos de lazer e tempo livre). Para o estudante que vem para estudar, a universidade ocupa posição chave em seu cotidiano, na sua rede de amizade, nos seus compromissos e em seu circuito de lazer, consumo e tempo livre.

Para os primeiros há mais permanências no modo de vida e para os segundos há mais mudanças, uma mudança no modo de vida mais significativa, a vida universitária passa a ser central, bem como os espaços de sociabilidade estão mais ao entorno da universidade quando comparado aos primeiros estudantes – que já eram moradores da cidade.

A necessidade desse tempo livre para o “fazer cultura universitária” implica em diferenciações, dentro das próprias instituições, alguns estudantes terão um maior direito/vivência de universidade e da Geografia, enquanto outros terão menos tempo, mais obrigações, necessidades e limitações, o que está muito ligado às classes sociais que compõem esses estudantes.

Ainda na pesquisa de minha monografia (TURINO SILVA, 2021) identificamos não só uma cultura universitária no curso de Geografia da FCT/UNESP, mas sim uma cultura juvenil universitária, ao analisarmos as entrevistas, os questionários e os grupos focais percebemos que não só o tempo livre e lazer eram compartilhados entre os estudantes do curso, mas sim suas obrigações, compromissos, pesquisas, prazos, provas, desafios da travessia para a vida adulta, preocupações com o hoje e o depois.

Turra Neto (2015) vai defender a juventude enquanto ato político, a luta pela juventude enquanto direito, e essa luta (por direitos diversos) se fez evidente também como umas das características da cultura juvenil universitária da FCT/UNESP.

A forte presença dos grupos de pesquisa, coletivos e projetos de extensão na FCT, trouxe uma dimensão a mais à essa cultura, que passou a ser construída também nas aulas, nos estudos e nas reuniões, por isso adicionou-se universitária, pois se tratar de uma especificidade de uma cultura atrelada com as questões acadêmicas de projeto, extensão e ensino na universidade.

E aqui vale reforçar essa diferenciação, em Turino Silva (2021) se colocou que o curso de Geografia da FCT/UNESP apresentava não só uma cultura universitária<sup>19</sup>, mas uma cultura universitária em que os estudantes compartilhavam mais que o tempo livre e de lazer, também as obrigações e exigências que a instituição da universidade demanda. Todos os autores que mencionam a cultura juvenil, a fazem pensando no ócio e no lazer, e como a experiência coletiva de jovens no mesmo tempo-espaço produz uma cultura. Na FCT/UNESP verificamos que não só o tempo livre, as angústias, as avaliações, os estudos, as obrigações, o ativismo político e responsabilidades eram compartilhados. Por isso chamamos a cultura ali encontrada de cultura juvenil universitária.

Essa cultura juvenil universitária em específico não encontramos no CPTL (dentre os estudantes que colaboraram com a pesquisa), com exceção dos integrantes do grupo do PET-Geografia que compartilha rotinas, prazos, compromissos e conciliam com o tempo livre, o lazer, passando a maior parte de seus dias dentro da universidade, se aproximando do que identifiquei em minha monografia e mesmo agora, nos graduandos da FCT. Isso ficou nítido nas falas dos integrantes do PET <sup>20</sup>que foram entrevistados e colaboradores do grupo focal do CPTL (nem todos foram os mesmos).

Ao passo que esse(a)s jovens têm o tempo livre disponível, ou a partilha de espaços e tempos (mesmo obrigações como no caso da cultura juvenil universitária)

---

<sup>19</sup> Entende-se como cultura juvenil produzida dentro do ambiente universitário, constituída por um conjunto de práticas e ações em comuns aos estudantes, que criam uma identidade e um laço em comum entre eles durante os períodos de graduação e permanência na universidade.

<sup>20</sup> As experiências de universidade dos estudantes bolsistas, tal qual Monalisa e Domingos, proporcionam uma juventude que respira mais a universidade, que integra o campus, a extensão e a pesquisa a seu cotidiano; isso é chave para compreendermos a diferença dos que não tem bolsa de pesquisa, e que precisam trabalhar para obter renda. Os que precisam dividir o seu tempo com o trabalho e o curso, tendem a ter uma menor vivência de universidade, devido à escassez de tempo.

ele(a)s constroem uma cultura própria, que tem suas potencialidades e limitações, alternativas e conformismos, que atua no campus universitário e seu entorno e em outras áreas da cidade – aquelas que oferecem atratividades.

É necessário reforçar que o entorno do CPTL não oferece muitas opções de lazer e consumo, tal qual a FCT-UNESP. O supermercado Atacadão, que fica ao lado do campus (CPTL), foi mencionado no primeiro grupo focal, o bar do Gordinho como adiante veremos, mas nada próximo à variedade de opções de consumo e lazer do Jardim das Rosas (Bairro de Presidente Prudente).

Isso limita os alcances da cultura universitária da Geografia (e de outros cursos) do CPTL, pois uma cultura juvenil universitária precisa ter uma amplitude para além do campus, atendendo a outras demandas e setores da reprodução da vida desses jovens, lugares que proporcionem os encontros, as relações de sociabilidade.

No CPTL-UFMS não há o período matutino, todas as turmas de Geografia são noturnas. Apenas por isso, já se pode esperar que a maioria dos estudantes de Geografia trabalham de dia e tem pouco tempo para experienciar a universidade (e o que aqui denominamos de sua cultura) em outras dimensões que não sejam a sala de aula, e de fato se identificou tal questão.

Todavia, se vê um esforço e resistência desses jovens, não só enquanto trabalhadores que pensam de forma crítica o mundo e o espaço, mas enquanto agregadores, promotores de encontros mesmo em uma conformação espacial que os incentiva pouco a se reunir.

No grupo focal realizado no CPTL, foram mencionados dois bares que os estudantes afirmam frequentar, um na Vila Piloto (Bar do Gordinho) e outro próximo ao *Shopping Center*, que exige a capacidade de se locomoverem cerca de 5 quilômetros; trata-se do Butiquim Santa Maria (na Av. Filinto Muller). Alguns vão de bicicleta, juntos, na sexta feira ou na quinta feira, bater papo, beber e jogar sinuca, geralmente após a aula (a noite). As festas universitárias, os trabalhos de campo também integram essa experiência de universidade, mas ainda se vê em menor proporção, dado os motivos já mencionados.

Por meio da análise da entrevista com Monalisa podemos perceber um trecho que mencionam o encontro de pares no espaço universitário e sua limitação de estrutura física:

É, no nosso bloco tem uns banquinhos que a galera sentava, bem na frente do bloco, no estacionamento também tem, a galera sempre sentava, perto do RU (Restaurante Universitário) tem esses banquinhos também... é que dentro da universidade é bem limitado, você só se encontra senta, conversa e tudo mais” (Monalisa, 22 anos, 3º ano)

Aqui há uma fala que deixa claro a “limitação<sup>21</sup>” dos espaços de encontro entre os estudantes da e na universidade, a ausência de uma moradia estudantil, de praças ao redor e dentro do próprio campus, de fato, dificulta a construção de uma cultura juvenil universitária (mais ampla que a cultura universitária).

O espaço é condicionante e condiciona os estudantes de Geografia a ter poucas opções de lazer e espaços disponíveis no campus e no entorno, os afastando, os impossibilitando de ali permanecer por muito tempo – espaços de permanência, para além das aulas. O espaço também é reflexo, e não se pode ser ingênuo de achar que os sujeitos sociais, em algum momento de suas trajetórias e espacialidades não rompam com os agentes mais influentes do espaço e, por conseguinte com o próprio espaço constituído – estriados (PAIS, 2005). As juventudes e as culturas juvenis são capazes de subverter (ou reafirmar) grandes interesses, resistir (e/ou ressignificar) à grandes ordens estabelecidas (PAIS, 2005), na escala do cotidiano.

Percebemos aqui uma capacidade de ressignificar espaços, é característico das juventudes e das culturas juvenis, como mencionado por Feixa (2003), os circuitos e territórios dos jovens vão ressignificando também espaços da cidade, onde o que é privado se torna público, o que é individual se torna coletivo.

Müller et al. (2015) também vão identificar no Campus Porto (um dos campi da Universidade Federal de Pelotas) a falta de infraestrutura que possa propiciar o lazer, o encontro e o tempo livre dos estudantes, mas ressaltam o potencial que a universidade teria, a demanda para que isso exista. Se o CPTL se localiza longe dos espaços de encontro e lazer possíveis (na escala da cidade), os estudantes vão de bicicleta, carona, ou moto, saltam as escalas. Na FCT os grupos de pesquisa passam a ser espaços de convivência e sociabilidade, no CPTL fazer compras no supermercado Atacadão se torna um “rolê” e outras formas de ressignificação de espaços acontecem nos campi e nas cidades em questão.

---

<sup>21</sup> Vale reforçar que há também limitações na arquitetura de espaços de encontro na FCT/UNESP.

Através do exposto e dentro dos limites de nossas informações geradas, pontuamos que no CPTL-UFMS não se performa uma cultura juvenil universitária no curso de Geografia, devido à escassez de elementos concretos e uma coesão numérica/qualitativa de questões que são presentes na FCT/UNESP. Há sim uma cultura universitária, que permeia a todos os cursos- incluindo os graduandos em Geografia- mas diferente do identificado na FCT/UNESP.

Não sendo o objetivo da pesquisa classificar a experiência de juventude dos estudantes do CPTL-UFMS tal qual uma cultura juvenil universitária, nos direcionamos a identificar a vivência desses sujeitos na universidade e as suas convivências e partilhas como uma experiência de juventude geográfica, com potenciais e limitações, apontamentos e questões, conformidades e contradições.

Vale lembrar que o PET-Geografia configura uma exceção no universo estudado, sendo ali produzido uma cultura juvenil universitária que se assemelha ao que verificamos na FCT. Não só no compartilhamento de espaços e tempos, os integrantes do PET-Geografia usam camisas, chapéus, bolsas, blusas e canecas com a logo do programa PET, que configuram símbolos de identificação do grupo.

Para compreender uma parte significativa dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP e suas experiências de juventude é necessário compreender as culturas juvenis e conseqüentemente a cultura juvenil universitária. Não se esquecendo que alguns estudantes do noturno, aqueles que trabalham (ou ambos) e/ou vivem em Presidente Prudente antes de ingressar na universidade, podem ter menos contato com essa cultura. A diferença entre a cultura universitária de Três Lagoas e a cultura juvenil universitária “unespiana” não tornam uma superior a outra, mas apontam questões plurais, revelam particulares dimensões das juventudes que cursam Geografia.

Conscientes de alguns fundamentos teóricos e próximos já de algumas situações concretas da realidade desses estudantes, no subcapítulo seguinte nos dedicamos a explorar as experiências de juventudes encontradas no curso de Geografia do CPTL-UFMS e da FCT/UNESP, buscando padrões, comparativos e diferenças; ao passo que relacionaremos essa experiência com a cidade e algumas de suas dinâmicas socioespaciais, ora resistindo e ressignificando, ora se comportando, conformando e agindo de acordo com os interesses e agentes de maiores escalas, na reprodução cotidiana.

O espaço urbano enquanto produto do trabalho, vai ser vivido e percebido pelas juventudes através de seus corpos. E em uma relação dialética entre os sujeitos e o mundo que os circunscreve, se tem a construção das identidades, do “ser jovem”, o mundo passa a ser visto de um ponto de vista, e isso só pode ser compreendido a partir desse mundo.

O mundo aqui tratado, faz menção à ideia de contexto geográfico, citado por Turra Neto (2022) em uma aula concedida ao curso *on-line* acerca de Geografia das Juventudes organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventudes e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GEPJUVE-UFRGS). É a realidade desses jovens, cortadas por inúmeras dimensões, interseccionalidades e contradições (como já mencionado). Logo, a experiência de juventude desses sujeitos e sua experiência de cidade se dá, de forma integrada, ora mais, ora menos, com a experiência de universidade, já que a universidade é uma das dimensões de suas vidas; todas essas experiências se co-constituem e por isso devem ser pensadas de forma indissociável.

Como panorama inicial, convém trazer alguns excertos e espaços de encontro e sociabilidade mencionados nos grupos focais, para mais adiante espacializar melhor a discussão, localizando esses espaços e mapeando os circuitos de lazer, tempo livre e integração dos graduandos em Geografia, fora da universidade.

O bar Santa Maria (Três Lagoas), mencionado no grupo focal, passa a ser um espaço para discussões profundas e relacionadas com os conteúdos das aulas, um dos integrantes do grupo, quando falava acerca dos espaços de convivência e sociabilidade fora da universidade mencionou o bar, e apesar de os outros presentes não frequentarem, confirmaram que tinham colegas que também costumavam ir ao Bar Santa Maria.

A ida ao bar tende a ser após as aulas de quinta-feira e sexta à noite. E lá, as conversas, muitas vezes, remetem aos temas/assuntos tratados na aula do dia, como exposto no excerto: “É, aham...o pós aula, ele se espacializa na nossa vida, muito interessante, muitas das discussões que a gente tem no santa (Maria) é sobre isso...” (Grupo Focal 1).

Ainda fora do campus, em Três Lagoas, a rua em frente ao Bar do Gordinho se torna uma passarela, como evidenciado por Campos (2021) e também mencionado no mesmo momento da discussão no grupo focal realizado no CPTL. Dentro do

campus, foram mencionados nesse grupo focal alguns bancos próximos ao bloco da Geografia (bloco 6), também como lugares de encontros e sociabilidade.

No momento de discussão acerca desses banquinhos, resgatou-se que antes da pandemia havia uma outra configuração nos bancos ali em volta do bloco de sala de aulas da Geografia, e um dos debatedores acrescentou: “No bloco da Geografia tem uns banquinhos lá no fundo, a gente apelidou de banquinho dos fumantes já...” (Grupo Focal 1). Trata-se de um espaço onde os estudantes ficam antes, nos intervalos e depois das aulas, fumando e conversando; em um certo momento um pouco mais adiante, outra estudante voltou no tema dos banquinhos e com esse comentário todos caíram na risada confirmando a colocação.

João, uma coisa que eu esqueci de te falar, tem uma galera da minha sala que, como ele falou, né? Tem uns banquinhos em frente ao bloco de Geografia, todo dia tem uma galera que fica lá, pra reclamar de cada disciplina que a gente tem...(risos) (Grupo Focal 1)

Notamos a capacidade desses sujeitos de ressignificarem espaços, tanto dentro do campus quanto fora, há também aqui uma dimensão do materializar, espacializar a discussão da sala de aula (fora dela, extra período de aula), a crítica e a reflexão passam a ocupar os espaços além da sala de aula (muitas vezes de modo mais contundente, inclusive, pela horizontalidade das relações estabelecidas). Se expõe aqui mais uma evidência da existência da cultura universitária no curso de Geografia do CPTL.

Na FCT/UNESP e em Presidente Prudente não é diferente, tanto o campus quanto a cidade ganham novas funções para esses sujeitos e partir das práticas desses estudantes. Com base no debate acerca dos espaços de encontro e sociabilidade no grupo focal, vários foram os espaços mencionados, um deles, o RU, que deixa de cumprir apenas a função de alimentação, o Restaurante Universitário da FCT/UNESP se torna um espaço de “paquera”, e de integração intercursos:

...antes de tudo o RU, né? o RU é o rolê da Unesp! Todo mundo vai e se paquera ou não se paquera, é engraçado, é legal isso que é o lugar que você vê todo mundo, né? (Grupo Focal FCT)

O “bar do Makoto”, o “pastel da Ba-chan” foram citados como espaços fora do campus, mas que integram o circuito principal dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP. Há também uma ressignificação do campus enquanto espaço não só universitário, mas como refúgio, porto seguro. Ao falarmos da experiência de universidade dos sujeitos, do curso de Geografia, tanto no primeiro grupo focal quanto no segundo, a noção de segurança, de liberdade para se expressar, foram pontuadas.

No grupo focal da FCT, uma das integrantes exclamou “Eu não posso beijar minha namorada ali fora, na calçada, mas no bloco da Geografia, eu posso beijar ela de boa...” (Grupo Focal 2). Ainda nesse debate, uma graduanda do 5º ano, oriunda de outra cidade, que se mudou para Presidente Prudente para estudar Geografia, demonstrou como a universidade e seu grupo de pesquisa eram ambientes seguros a ela, no sentido de poder expressar sua sexualidade e performance de gênero.

No grupo focal da UFMS, uma das integrantes quando se debatia como a Geografia impactou/impactava a vida de cada um dos sujeitos ali presentes, a graduanda expôs um pouco da sua trajetória, e disse que viveu um relacionamento abusivo, o qual seu marido não aprovava seus estudos, e tentava impedi-la de fazer a graduação em Geografia.

Relatou que vinha para a universidade muitas vezes para chorar, e que tinha o apoio dos professores e de colegas, tendo episódios do marido interromper aulas e vir à universidade para ameaçá-la. Além dos colegas e dos professores<sup>22</sup>, a estudante deixou claro que o contato com as leituras, os textos que analisavam a realidade de forma crítica, foram combustível para ela romper com esse relacionamento e se separar do marido.

O ensino remoto e a pandemia impactaram essa relação dos estudantes com o espaço físico e social universitário, e tornaram a experiência de universidade virtual; essa experiência foi vivenciada de diferentes formas, mas ao longo das entrevistas e dos grupos focais, ficou nítida as limitações do ensino remoto, e se teve a valorização do trabalho de campo, das conversas e sociabilidade entre os estudantes do curso.

Durante o período de pandemia, não apenas o ensino presencial foi rompido, mas todas as redes de solidariedades tecidas no chão da universidade diariamente.

---

<sup>22</sup> A relação amistosa entre professor e estudante foi algo colocado nas entrevistas por estudantes da FCT/UNESP e do CPTL-UFMS como algo que diferencia o curso de Geografia dos outros cursos (onde não se teria essa relação amistosa).

Um sentimento de desânimo era exposto em quase todas as entrevistas, quando tocado no assunto da pandemia e experiência de universidade.

O retorno as aulas presenciais têm sido um desafio a todos, mas também uma oportunidade de demonstrar a pertinência do espaço universitário, seu potencial e importância para se formar não apenas professores reprodutores de conteúdos apreendidos, mas geógrafos e professores de Geografia capazes de discernir, criticar e (re)pensar a realidade (im)posta.

O Encontro Regional em Comemoração ao dia do Geógrafo (ErcoGeo) que aconteceu de 09 a 13 de agosto de 2022 (CPTL), foi um dos momentos mais marcantes do curso nessa retomada presencial, a utilização do auditório principal, exposição de trabalhos, premiações, palestras, foram frequentadas em peso pelos graduandos de graduação em Geografia e da pós-graduação. Ali se viu uma integração maior entre os estudantes das diferentes turmas, entre os alunos e os professores e uma das expressões da cultura universitária do curso de Geografia do CPTL, com apresentações culturais, momentos de sociabilidade, troca e aprendizado para além da sala de aula, de fato uma “experiência” como mencionado no começo desse tópico

Doravante, apresentamos as trajetórias dos 5 estudantes entrevistados (FCT e CPTL), dialogando com as referências da pesquisa, com conceitos já expostos e com outras contribuições dos dois grupos focais realizados.

## **2.2 Trajetórias que se encontram no mesmo espaço**

Dayrell (2003) compreende o jovem como sujeito social, sendo assim, um ser que tem um passado e um presente (que permite ou não ver o futuro, ainda que relativamente), que (re)interpreta o mundo e dá sentido ao seu entorno; enquanto sujeito ativo. Nessa ótica, o ser humano, e conseqüentemente o ser jovem, há de ser uma construção socioespacial.

Temos de levar em conta que os acontecimentos de desumanização, também (des)constroem sujeitos, quando o ser jovem não pode "ser", é negado a possibilidade de se desenvolver potencialidades. As juventudes aqui estudadas não fogem desse panorama, de acordo com seus contextos e direitos negados se (re)adaptam e (re)elaboram juventudes possíveis.

As trajetórias dos estudantes investigados também se revelaram plurais, apesar de ser possível traçar perfis, como pretendemos fazer mais adiante, mas existem diversas experiências de juventude nos cursos de Geografia analisados, que também tem suas trajetórias limitadas pela realidade desses estudantes, ao passo que a partir dessa trajetória limitada, se constroem projetos, possibilidades e estratégias de (sobre) vivências cotidianas na cidade e, portanto, o acesso a ela.

Baseando-se em Elder Junior; Jhonson e Crosnoe (2003, p.8) compreendemos as trajetórias da seguinte forma:

As trajetórias, ou sequências de papéis e experiências, são constituídas por transições, ou mudanças de estado ou de papel. Exemplos de transições incluem deixar a casa dos pais, tornar-se pai ou se aposentar. O tempo entre as transições é conhecido como um período. As longas durações aumentam a estabilidade comportamental através de obrigações adquiridas e interesses adquiridos. As transições muitas vezes envolvem mudanças de status ou identidade, tanto pessoal quanto socialmente, e abrem oportunidades para mudanças comportamentais. Por exemplo, Wellman et al. (1997) descobriram que a natureza e a composição das redes de amizade mudam drasticamente quando jovens adultos se casam. As transições no início da vida também podem ter implicações ao longo da vida para as trajetórias, ao moldar eventos, experiências e transições posteriores. A educação da criança adolescente (Furstenberg, Brooks-Gunn, & Morgan, 1987) e o serviço militar (Sampson & Laub, 1996) são dois exemplos bem documentados de experiências de transição com consequências para toda a vida (Tradução <sup>23</sup>nossa).

Os autores apontam que as trajetórias (parte do curso de vida dos sujeitos) são a sucessão de papéis e experiências do sujeito que vão constituindo sua história, as transições, os períodos, vão constituindo o próprio sujeito e deixando marcas, a partir do que foi vivido e experienciado, o sujeito se forma, e também projeta o que há de

---

<sup>23</sup> Trecho original: "Trajectories, or sequences of roles and experiences, are themselves made up of transitions, or changes in state or role. Examples of transitions include leaving the parental home, becoming a parent, or retiring. The time between transitions is known as a duration. Long durations enhance behavioral stability through acquired obligations and vested interests. Transitions often involve changes in status or identity, both personally and socially, and thus open up opportunities for behavioral change. For instance, Wellman et al. (1997) found that the nature and composition of friendship networks change dramatically when young adults marry. Transitions early in life may also have lifelong implications for trajectories, by shaping later events, experiences, and transitions. Adolescent child-bearing (Furstenberg, Brooks-Gunn, & Morgan, 1987) and military service (Sampson & Laub, 1996), are two well documented examples of transition experiences with lifetime consequences." (p.8)

ser, dentro de um determinado espectro, que pode ser explicado a partir desse passado. Analisando as trajetórias dos sujeitos que entrevistamos em nossa pesquisa, pudemos/podemos conhecer um pouco da experiência- atual – de juventude desses estudantes. Relembrando Turra Neto (2015), a juventude compreendida enquanto experiência, carrega questões do passado, administra elementos do presente e visa (ou não) um horizonte futuro. A universidade, o curso de Geografia, corta a trajetória desses sujeitos, impacta seus planos para o futuro e o presente desses sujeitos.

Ao se entrevistar Dourado, aluno do 4º ano de Geografia da FCT/UNESP, ele revelou ter residido em Presidente Prudente no bairro Jardim Prudentino desde sempre. Trata-se de um bairro bem afastado da área central de Presidente Prudente (mais de 9 quilômetros de distância) e da FCT/UNESP. Dourado estudou em um colégio privado durante seu ensino médio e demorou a pensar em um curso que se identificasse. Dourado revelou que:

Assim, quando entrei no ensino médio e comecei a me questionar a respeito de vestibular, né? Porque escola particular tem essa pressão né, a pública ela demora um pouquinho, infelizmente, mas na particular já tem essa pressão, tipo assim, vestibular, no 1º ano comentam, no segundo pega mais pesado e no terceiro é só vestibular, só que eu não tinha muito sentido do que eu queria fazer na minha vida, ainda não tenho muito, agora que eu tô arriscando para ver se eu consigo... (Dourado, 22 anos, 4º ano)

No excerto acima se evidencia uma diferença de escolas e classe, a educação bancária, reportada por Freire (1980) que forma estudantes apenas para o mercado de trabalho, o vestibular aparece como razão primordial de se aprender conteúdos e currículos, não a formação de uma cidadania, ou consciência crítica/política, ainda mais em escolas particulares as quais usam dos estudantes que ingressam em universidades como propaganda.

Dourado tinha a intenção de fazer Artes Cênicas, e no momento que conversamos, inclusive, estava finalizando a graduação em Geografia na FCT/UNESP e iria ingressar no curso de Artes Cênicas na UFGD no segundo semestre de 2021 (a trajetória, indicando futuras possibilidades e caminhos).

Adiante, Dourado refletindo acerca de sua angústia de decidir qual curso prestar em seu ensino médio, colocou que:

...então foi quando apareceu em um projeto lá dentro, que a professora de Artes utilizou, que foi um teatro que era uma coisa que o SESI não valorizava, foi ela que incentivou e aí me encontrei, lá no meio eu sabia já que eu era mais humanas, só que aquilo que eu te disse eu não sentia essa... Ah eu quero história ! Quero Geografia! Tanto que eu entrei para Geografia, na real, mais por duas coisas: por influência do professor meu, que ele já me dava aula de Geografia lá, ele entrou no terceiro ano, quando eu tava no terceiro ano, e aí a Geografia dele eu já vi que eu gostei, porque a Geografia que me passaram antes era uma Geografia mais metódica, tipo redação tipo assim; e a dele não era! Era mais ativa, mais participativa e eu gostei disso. Fora a disciplina de artes, né? Foi a única disciplina assim que eu senti uma proximidade; e aí optei em fazer Geografia por isso e também conveniência, porque eu não consegui ir embora naquela época. então entrei na Geografia aqui de Prudente, né? Na faculdade... e foi isso. (Dourado, 22 anos, 4º ano)

Dourado então aponta a importância do projeto teatral da disciplina de Artes (e sua professora) além de ressaltar a chegada de um professor com um ensino de Geografia, menos distante e mais participativa, a figura do(a) professor(a) aparece como decisivo na escolha do curso, e isso se repetiu nas outras trajetórias expostas.

A impossibilidade de se sustentar fora de Presidente Prudente também foi motivo da escolha pela Geografia na FCT/UNESP. Dourado revelou que apesar de ter estudado no colégio do Serviço Social da Indústria (SESI) de Presidente Prudente (colégio privado), não tinha condições financeiras e nem o apoio familiar para se mudar naquele momento; tendo prestado, apenas o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e o vestibular da UNESP (o qual conseguiu desconto), por não conseguir pagar outros exames de vestibular.

Essas limitações financeiras condicionaram e cercearam o campo de possibilidades (VELHO, 2006) de Dourado, fazendo com que seus projetos, naquele momento, necessariamente fossem na cidade de Presidente Prudente – uma limitação espacial advinda de uma limitação econômica.

Para Pais (1993) os projetos de vida dos jovens, e suas práticas se realizam como uma negociação, sempre complexa, entre o eu e o nós, o que quero e o que minha família quer, o que poderia e o que posso; em que inúmeros elementos são balanceados, pesados e (re)adequados.

Em outra entrevista, uma estudante do CPTL-UFMS nos contou sua trajetória,

Monalisa, fez seu ensino médio no Instituto Federal (IF) de Três Lagoas (cidade a qual sempre morou), disse ter tido boas notas, que fora integrante do grêmio estudantil, mas que por motivos que não quis expor, não concluiu seu ensino médio no IF, faltando poucos meses para a conclusão. Monalisa revelou ter engravidado ainda no ensino médio, no ano de 2017, e encerrado seu ensino médio no ano de 2018 por meio do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Mas ingressou na UFMS apenas no ano de 2019. O caminho de escolha de curso de Monalisa envolveu vários outros cursos, medicina veterinária, odontologia, administração e Direito.

Eu também não queria fazer Direito, só não sabia o que eu queria fazer né? Aí eu tirei Direito (do Sisu), a que eu fiquei mais próxima era Direito noturno, aí eu fui lá para chamada, mas acabou que eu não passei... mas eu também não olhei mais aí eu não sei... aí eu gostava de Geografia e tudo mais, e eu tinha uma tia e ela morreu quando eu tava no terceiro ano, ela tinha uns materiais aqui em casa, umas coisas sobre Geografia, aí eu achei interessante, e eu conhecia um pessoal que fazia Geografia e aí apareceu aquelas vagas remanescentes, sabe? E se eu começar agora? Se eu não gostar eu saio, eu gosto de Geografia e tudo mais... Tinha muita gente que conhecia, pessoas que faziam Geografia, achava interessante também, vou tentar aí eu entrei assim, logo no primeiro ano já gostei bastante e aí fiquei até agora, eu faço licenciatura, entrou bastante gente comigo (Monalisa, 21 anos, 3º ano)

O vestibular aparece na fala como barreira <sup>24</sup> que impossibilitou o ingresso de Monalisa nos cursos de Administração e Direito (também ofertados pelo CPTL-UFMS), o ingresso de Monalisa no ensino superior só se fez através das vagas remanescentes, ou seja, a sobra de vagas em turmas que não tiveram alunos o suficiente para completar uma turma.

Monalisa revela aqui que sua aproximação à Geografia foi por meio de amizades que já estavam na graduação em Geografia, mas ressalta a figura da finada tia, que deixou (em sua casa) apostilas e cadernos de Geografia, atraindo seu interesse.

A trajetória de Monalisa revela elementos não encontrados nas outras entrevistas, se exercer a maternidade tão cedo (aos 17 anos) ao passo que se cursa

---

<sup>24</sup> Vestibular enquanto filtro, tal qual posto por Oliveira e Silva (2010) que apontam o processo seletivo como excludor das juventudes advindas das escolas públicas.

um ensino médio – e posteriormente - uma graduação, transforma e impacta a experiência de juventude de Monalisa. Costa (2020) aponta que o espaço universitário e a academia em si não foram feitos/pensados para e por mulheres (muito menos para mães) e que a presença de mulheres entra sempre em conflito com a arquitetura do campus universitário, resultado de processos capitalistas/patriarcais.

Monalisa revelou ter tido um ano difícil no primeiro ano da graduação por conta de seu filho ainda ser novo demais para frequentar a creche, impossibilitando-a de passar muito tempo na universidade. Foi apenas no segundo ano que ela pôde participar do PET-Geografia, momento em que conseguiu uma bolsa e, por conseguinte, passar mais horas na universidade, tendo isso um rebatimento grande em sua formação acadêmica e pessoal – uma convivência com outras dimensões na universidade durante o dia para além da sala de aula.

A negociação de Monalisa não foi só com os pais, mas sim com uma responsabilidade maior, a maternidade. Trata-se de uma experiência de juventude diferente da de Dourado, com outros limites, potencialidades e conseqüentemente, um outro curso de Geografia, em cidades diferentes.

Domingos (outro entrevistado), graduando em Geografia no 4º ano na UFMS de Três Lagoas, sempre viveu em Três Lagoas (apesar de ter mudado várias vezes de bairro), também pensou em uma variedade de opções de curso a priori da Geografia aparecer como possibilidade. Formado pelo ensino médio na Escola Fernando Correa, teve uma passagem pelo IF, no mesmo período que Monalisa (se conheceram lá) e pelo mesmo problema (também não revelado por ele qual) deixou o IF e retornou para a escola que estudava antes, a Escola Fernando Correa. Afirmou ter se envolvido com o grêmio estudantil, e ter feito curso técnico de Administração no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) da cidade, esse curso técnico foi concomitante ao terceiro ano do ensino médio e depois com seu primeiro ano de graduação, tornando esse primeiro ano cheio de afazeres, trabalho, curso técnico e a universidade.

Ingressou em licenciatura em Geografia pelas vagas remanescentes, por influência de um colega do Instituto Federal, que sempre dizia que ele combinava com o curso de Geografia. Como aponta na fala abaixo:

... acho que você conhece ele, tem o Luiz, ele tá no mestrado (em Geografia na UFMS) aí também, no IF (Instituto Federal) ele era uma

turma na minha frente, meu veterano, então ele sempre falava assim para mim quando entrou na faculdade, né? Ele falava que eu tinha a cara de Geografia, ficava brincando assim, e deu que entrei e ele me ajudou nesses primeiros momentos e tudo mais; então foi por isso que eu fiz Geografia, era só pra saber assim né? Era um curso que eu ia fazer um semestre só, para ver, mas na primeira semana de aula já me apaixonei e... assim foi amor à primeira vista. (Domingos, 22 anos, 4º ano)

Vale pontuar essa figura do amigo de Domingos, que aparece como um elemento em comum em todas as trajetórias, o que apareceu também em minha pesquisa de monografia, e que chamamos de “mensageiros e messageiras da Geografia”, sujeitos que de alguma forma apresentam a Geografia para esses jovens, inserem a mesma no campo de possibilidades desses estudantes; o professor de Geografia de Dourado, a tia de Monalisa, o amigo de Domingos e como veremos adiante, o amigo de Roddman e um professor de Geografia de Prince, todas essas personagens colaboraram na escolha do curso, ao menos na abertura de se permitir experimentar a graduação em Geografia.

Além do amigo, Domingos mencionou que sua família era de professores (de outras disciplinas), mencionando que sentiu que isso também de alguma forma o influenciou a escolha do curso de Geografia, deixando a possibilidade de se cursar Administração em uma universidade privada semipresencial onde havia adquirido bolsa integral pelo ProUni (caminho natural para quem cursou o ensino técnico em administração).

A Geografia apareceu como uma aventura de apenas seis meses na vida de Domingos, um risco, algo tão pontuado pelos jovens da modernidade como posto por Pais (2006), mas se tornou um “amor à primeira vista” que ele viveu por 4 anos (hoje já formado), e aplica nas salas de aula na rede pública de ensino do Mato Grosso do Sul, enquanto professor.

A família de professores, a necessidade de trabalhar no primeiro ano de graduação ao passo que faz também um curso de ensino técnico acusa uma realidade social de Domingos, compromissos e responsabilidades diferentes dos demais sujeitos entrevistados. Durante a entrevista, Domingos ao saber que eu ainda não havia conhecido o campus, me enviou prontamente por *Whatsapp* um vídeo que mostrava os laboratórios da Geografia e uma parte do campus. A ideia de experiência, como exposto anteriormente, a paixão pelo curso, um cotidiano “petiano” cheio de

amizades e compromissos, regia o dia-a-dia de Domingos, que em sua entrevista deixou claro o quão a Geografia impactava e constituía a sua juventude e sua experiência de universidade.

Oriundo da periferia de Campinas, Roddman (outro estudante de Geografia do CPTL, do 3º ano) concluiu seu ensino médio na Escola Estadual Eduardo Barnabé, e participou do movimento de ocupações secundaristas de 2016, ocupando a escola que estudava.

Roddman afirmou que esse movimento o ajudou a se politizar e conhecer muitos universitários e pessoas engajadas com diversas lutas. Ao mesmo tempo que cursava o ensino médio foi estagiário na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também teve seus primeiros contatos com a universidade pública. Nesse período ele participou de uma ocupação na escola Carlos Gomes, também de Campinas, localizada no centro da cidade, lá conheceu um estudante secundarista que ingressou no CPTL-UFMS via Sistema de Seleção Unificada (Sisu) no curso de História.

Roddman ao contrário dos outros teve uma maior militância política em sua trajetória, quando questionado acerca de suas vivências anteriores à universidade, ele disse:

“Eu sempre estudei em escola pública, né? Nunca estudei em escola particular, sempre estudei em Escola Estadual(...) eu morava em Campinas antes de eu vir para cá e bom... a trajetória na escola foi um dos melhores momentos da minha vida, né? Naquela época eu era meio engajado no movimento estudantil, participava do grêmio, das ocupações das escolas, bom eu considero que eu tive uma formação boa, não por conta da escola que eu estudei, mas sim por conta até do próprio movimento estudantil que eu conheci a partir das ocupações e tal...” (Roddman, 20 anos, 3º ano)

Quando Roddman prestou o ENEM, o mesmo amigo o orientou a selecionar a opção de História no CPTL-UFMS que teria uma nota de corte menor; Roddman o fez mas não conseguiu entrar na lista selecionada; assim apareceu a oportunidade de vagas remanescentes em Geografia; com a intenção de entrar na Geografia do CPTL-UFMS para depois pedir transferência para a História, Roddman veio para Três Lagoas e iniciou o curso de Geografia, e nas palavras dele “se apaixonou” pela Geografia; morou os primeiros meses de favor na casa do amigo e depois se mudou para outro lugar.

Nessa trajetória percebemos de novo a figura de quem anunciou a possibilidade de Roddman cursar licenciatura no CPT-UFMS, não Geografia, mas sim História; mais uma vez o vestibular como filtro e barreira para os estudantes, e a Geografia nunca como única opção, “vocação singular” dos ingressantes no curso. Há que se reforçar que Roddman era contemplado pelo auxílio permanência, e com a pandemia teve enormes dificuldades de acompanhar as aulas devido a necessidade de trabalhar e as limitações do próprio ensino remoto (necessidade de equipamentos, internet de qualidade, etc...).

No momento da entrevista ele estava no terceiro ano, havia acabado de perder uma bolsa do PET por ter sido reprovado em 2 disciplinas (a condição de se ter a bolsa segundo Roddman era no máximo uma reprovação), e estava trabalhando como pintor com um colega.

Prince, estudante de Geografia da FCT/UNESP do 4º ano, havia conseguido uma bolsa FAPESP recentemente, e morava em uma república, contava com um auxílio permanência da universidade e ao ser perguntado sobre sua trajetória antes da universidade ele mencionou que morava na cidade de Auriflana, estado de São Paulo. Estudou na Escola Estadual Profª Maria Pereira de Brito Benetoli sua vida toda e ali, participou de alguns eventos do grêmio estudantil e que trabalhou com informática em uma escola de curso profissionalizante, e disse que essa proximidade com a *internet* sempre o fez ir bem nas disciplinas da escola. Reforçou também que jogou basquete durante o tempo da escola, chegando a competir em outras cidades com times de outras escolas. Quando questionado sobre a escolha do curso de Geografia, disse:

Cara... então, por incrível que pareça, Geografia, eu já tava decidido assim desde o terceiro ano, porque eu pensei -quando eu fui escolher os cursos- eu fiquei entre Filosofia, Geografia e Design gráfico(risos), mas é que eu fiquei (nisso) porque eu gostava muito de temas mais humanos e política também, vi que a Geografia era muito ampla, então tive bastante certeza para mim... pesquisei e vi que Geografia abrangia quase tudo o que eu queria, assim, né? Desde Filosofia, política, várias linhas, Biologia... e tanto que eu gostava de Geografia para caramba, assim, sempre tive um professor muito bom, era sempre o mesmo, me inspirou pra caramba, e curioso que ele teve uma educação assim, morava numa área rural quando estudou tudo, origem bem humilde, tanto que quando ele tirava licença ou quando ele *tava* de férias, ele ia para o sítio, sabe? Ele gostava muito de pescar e ensinava a partir dessas coisas, era um negócio muito

incrível; fazia parte mesmo assim, um negócio muito bacana.  
(Prince, 21 anos, 4º ano)

Apesar da Geografia aparecer aqui como mais certa, ele prestou Filosofia e Geografia em outra universidade além da FCT/UNESP, sua prioridade seria Geografia na Universidade de Integração Latino Americana (UNILA), mas não conseguiu passar, por isso optou pela segunda opção, a qual conseguiu passar, a FCT/UNESP.

Prince apontou que veio de uma origem muito pobre, e que sua avó e sua mãe com quem morou eram oriundas do campo. Talvez essa trajetória, causou identificação de Prince para com o professor de Geografia de sua escola, que o inspirou como ele mesmo o disse (reaparece a figura do mensageiro de Geografia como já comentado). Prince também revelou ser o primeiro a ter um curso de graduação em sua família, além disso, seu gosto pelos estudos fez – segundo ele – fazer cada trabalho do curso, cada leitura e trabalho com todo o cuidado possível, aproveitando ao máximo sua formação, por saber o valor daquilo.

Em todas as trajetórias analisadas até agora vemos alguns elementos comuns, nenhum dos estudantes de Geografia vem de origem abastada, em todas os relatos, a figura de um(a) mensageiro(a), que anuncia a possibilidade de se viver como professor de Geografia, a possibilidade de se cursar uma universidade pública ou o apontamento de conteúdos interessantes que a Geografia abrange.

Notamos também o vestibular sempre como entrave, ou ao menos, dificultador das transições – sempre tensas- entre escola e universidade. Todos os entrevistados mencionaram ter participado de algum tipo de iniciação científica/ projeto de extensão dentro do curso, tendo seus dias totalmente envolvidos com o curso, para além das aulas. Essas trajetórias todas, se encontram no espaço das duas universidades aqui observadas, e estão carregadas de outros afetos e experiências prévias, que se encontram e compartilham saberes, somados aos apreendidos ao longo do curso.

Na entrevista com Roddman, vimos que em seu cotidiano e por meio dos relatos de suas práticas espaciais um circuito maior de vivência que a universidade e seu entorno imediato, verificamos um jovem próximo ao movimento *Hip Hop* de Três Lagoas, movimento que se territorializa na Lagoa Maior e na praça Senador Ramez Tebet, ambos espaços distantes do campus universitário, na área central da cidade.

Roddman afirmou participar das batalhas de rima, frequentar a pista de *skate* e hoje faz uma pesquisa de monografia acerca dessa cultura. Ao longo de meus

encontros com Roddman na universidade o via sempre com camisas e acessórios que remetem ao movimento do *Hip Hop* e do *skate*, demonstrando assim, que o que Roddman é, e expressa por meio de sua corporeidade, uma ligação com a cultura juvenil que integra.

Porém, apenas a cultura transterritorial do *Hip Hop* (TURRA NETO,2012); não é capaz de contemplar a experiência de juventude vivida por Roddman na cidade de Três Lagoas; não só a vestimenta, mas também o olhar e a compreensão de mundo desse sujeito conversavam diretamente com o curso de Geografia.

Ao ser questionado sobre o curso, e sua contribuição à sua vivência, Roddman comentou “*consigo ver o mundo de outra forma*”. Ele aproxima o olhar e compreensão de mundo de quem veio da escola pública de Campinas, com o grito periférico do *rap* nacional, com a cultura do *skate* e a experiência de universidade pública, mais especificamente, um curso de Geografia que segundo ele, o tornou mais crítico em relação a tudo, se combinou com as posições assumidas no movimento hip hop que já integrava. Nesse sentido, Roddman tem um capital cultural e espacial (RAMOS,2017) capaz de integrar diversos espaços e movimentos, é capaz de saltar escalas, não somente ele, mas como mencionado no Grupo Focal que aconteceu no CPTL, o(a)s estudantes mencionaram que se deslocavam na quinta feira após a aula ( por volta das dez e meia da noite ) até o Bar Santa Maria, que fica a quase 6 quilômetros da universidade, sem transporte público e sem carro, vão andando, ou pedalando (de bicicleta) e ao longo do caminho e no próprio bar, digerem o saber, trocam os entendimentos da aula, bebem, se divertem, constroem algo para além do que a sala de aula proporciona, vivem uma experiência de juventude que sai do campus, mas carrega as ideias e as questões presentes na universidade e mais especificamente na Geografia.

Na entrevista com Prince, estudante da FCT, ele mencionou que nunca usou o transporte público e sempre foi a pé para todos seus compromissos, suas amizades em repúblicas e nas festas da FCT o fizeram conhecer pessoas de bairros distantes, de outros cursos de outras universidades de Presidente Prudente, seu ativismo político e o próprio curso, o levaram a conhecer assentamentos do Movimento Sem Terra ( e a colaborar com o movimento de alguma forma) distantes da sua república no Jardim das Rosas próximo a FCT, em outros municípios.

Monalisa (estudante do CPTL) mencionar que o curso de Geografia a fez saber que não era apenas mãe, mas que podia ser algo a mais; Domingos dizer que

o curso o fez se aceitar mais e não mais reprimir sua sexualidade, são outros elementos que nos permitem olhar para essa experiência de juventude “geográfica” de ambas as universidades, que têm suas diferenças e semelhanças, mas que colaboram na ampliação de um horizonte espacial e social desses jovens. O “senso crítico” que se ganha com o curso, foi colocado por quase todos os colaboradores da pesquisa; isso pode representar os frutos colhidos de anos de esforço de geógrafos que pensaram, formaram e ensinaram uma Geografia de cunho crítico nas universidades públicas Brasil afora. O ativismo político de alguns, o acesso à um capital cultural e científico de outros colabora na construção de experiências de juventude extremamente “políticas”, como Turra Neto (2015) coloca. Ser parte, colaborar, construir e fortalecer (politicamente e cientificamente) um curso de Geografia gratuito e de qualidade, em uma universidade pública, que recebe pessoas das mais diferentes classes e cores, no contexto em que vivemos, ao nosso ver, já se trata de resistência (ainda insuficiente, mas significativa).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS- “Eu sinto que sei que sou um tanto bem maior”**

Ao desenvolver essa pesquisa e de certa forma integrar o universo de estudo, compreendi que a Geografia e a universidade pública em si, carregam em sua constituição possibilidades bem maiores do que formadoras de profissionais da área, sinto que eu, como parte disso, e todos os envolvidos com a universidade e o curso de Geografia dessas duas universidades pesquisadas aqui, são “um tanto bem maior” (como cantado pelo conjunto O Teatro Mágico), capazes de entrelaçar saberes, conectar espaços e experiências, formar sujeitos críticos, ativos e transformadores da realidade (cada um/uma a seu modo), há ainda longos desafios, mas para romper com muitas das amarras, é necessário o saber desses estudantes, que conectam o experienciado dentro e fora do campus, com o saber científico.

Retornando ao objetivo geral proposto, procuramos compreender quem eram os jovens que chegaram ao curso de Geografia da UFMS e da FCT/UNESP, em entrevistas, questionários e grupos focais, investigamos de onde vinham, como vieram, como se adaptaram e souberam dos cursos de Geografia em questão. Também buscamos saber quais eram suas experiências prévias de juventude, e que experiências passaram a ter quando ingressam no curso.

Do ponto de vista qualitativo, as trajetórias analisadas, tanto nas entrevistas quanto por meio dos grupos focais, demonstram estudantes que em maior parte não tinham a Geografia como primeira opção (ou pelo menos não era a única opção), observamos também a figura do(a) mensageiro(a) da Geografia, que era uma personagem na trajetória dos sujeitos que apresentava a possibilidade de se cursar Geografia na universidade pública, podendo ser um professor, um amigo ou parente.

As trajetórias que abordamos encontraram inúmeros obstáculos, a limitação financeira, a dificuldade do vestibular, a indecisão do que se cursar, foram alguns dos elementos em comum na maioria dos estudantes que colaboraram com as entrevistas e grupos focais.

Por outro lado, o senso crítico, a proximidade/ relação amistosa com os professores do curso, os rolês, as festas e momentos de troca foram comuns às experiências de juventude e universidade dos graduandos das duas universidades, o que muitas vezes incentivou a permanência no curso – as redes de solidariedade. Há

que se colocar também a busca por bolsas, auxílios e/ou emprego por parte desses estudantes que precisavam de uma fonte de renda para continuarem os estudos.

No caso da FCT/UNESP se viu maior possibilidade de iniciação científica e projetos, a presença de uma cultura juvenil universitária, com uma dimensão política mais aguda, enquanto se viu uma cultura universitária no CPTL-UFMS, que também carrega suas tradições, projetos, pesquisas e partilhas de tempo livre, cotidiano e lazer, mas de forma mais acanhada, devido a maioria dos estudantes serem estudantes trabalhadores.

Vale a pena um enfoque especial ao PET-Geografia do CPTL, que foge à essa regra e lembra bastante a cultura juvenil universitária evidenciada na FCT/UNESP; no caso da FCT não podemos deixar de lembrar das diferenças entre noturno e matutino, enquanto o primeiro tem a maioria de seu público sendo estudantes trabalhadores e o matutino tendo um público que passa mais tempo na universidade, podendo usufruir do direito à universidade (e também de juventude) de forma mais plena.

O curso de Geografia atravessa a experiência de juventude desses sujeitos e ao nosso ver, o integra, e o expande. O direito à universidade, a juventude desses estudantes parece ser ampliado no curso de Geografia, tanto no CPTL quanto FCT, cada um a seu modo e ritmo. A descoberta de seus direitos, a compreensão das dinâmicas de poder e capital no tempo e no espaço, por meio de disciplinas, projetos e pesquisas permite a esses jovens romper com alguns elementos e naturalizações cotidianas, manter outros e abrir espaço para novas questões; a convivência com uma multiplicidade de trajetórias e sujeitos enriquece essa experiência de juventude, construindo novos laços, horizontes, possibilidades e projetos.

Para além do institucional e da sala de aula, essa pesquisa de mestrado se interessou também pela ressignificação de espaços desses sujeitos, os arranjos, as soluções e criações desses sujeitos- a experiência de juventude – que é também formadora.

Do ponto de vista mais amplo, consideramos que a universidade isolada, criou armas para serem usadas contra si própria, urge que a universidade se volte a comunidade, temos grandes exemplos, dentre eles, Freire (1980) vai nos lembrar da necessidade de aproximação do educador educando e do educando educador, uma troca respeitosa de conhecimentos, uma universidade que nunca está completa, mas sempre cheia de dúvidas e questões, abre espaço para práticas populares, culturais, cria e recria eventos, colabora na formação dos professores das escolas públicas, age

em projetos de extensão e pesquisa a comunidade, oferecendo devolução, compartilhando os resultados. Esse é o caminho possível para a universidade, qualquer outro a condena a ser um mero instrumento dos interesses do capital.

Chauí (2003) defende um envolvimento do estado com as universidades, um maior investimento em pesquisas, a criação de um fundo para sua manutenção; designação de pesquisas pautadas pelas próprias universidades trazendo as pesquisas para um âmbito mais regional e mais nítidas e próximas à sociedade.

Defendemos que a universidade e os cursos de Geografia devem abrir suas portas para que os cidadãos a frequentem, seja em eventos científicos, seja em cursos e minicursos, seja para lazer ou atividades culturais/esportivas. A universidade precisa experimentar, fazer parte da cidade, não mais ser um espaço isolado, para poucos (ainda que tivemos avanço em relação a isso), abrir espaço para a incerteza, para o debate, para questões que afligem a comunidade, as escolas da cidade, a prefeitura e os cidadãos, a partir do momento que a universidade fizer parte da vida do povo, ela será cultivada, defendida, aprimorada e compreendida, sendo necessário a presença das culturas na universidade, as culturas juvenis, populares, tradicionais e tantas outras.

Andrioli (2006) vai nos chamar a atenção, para a função das ciências das humanidades na universidade pública, para o autor, o papel das ciências humanas é dar o caráter de cidadania e luta por direitos dentro da universidade, lutar por uma universidade mais democrática, plural, estruturada e popular. Eis a possível resistência a um processo que encara as ciências das humanidades como desperdício, como inviável, não lucrativo ou mesmo inútil. Não poderia ser diferente, as provocações e a investigação do sistema que vivemos causa incômodo, um ensino crítico e libertador causa mal-estar, mas quando próximo as massas, a prática de um ensino emancipatório se sustenta.

Assim como Lefebvre (2001) defendia que o direito à cidade, deveria ser um lema aglutinador e comum entre os trabalhadores, também o direito à universidade, deve ser, compreendendo a universidade como parte de uma cidade que segrega, a universidade precisa ser espaço de extensão, projeto, ensino e pesquisa. Esses pilares, devem alcançar a toda a população; conquistas importantes como a política de cotas, fez com que mais da metade dos estudantes da USP sejam oriundos de escolas públicas (VALERIANI,2021); e como vimos em nossa pesquisa a grande presença de estudantes de escola pública, ou mesmo de cotistas.

Essa abertura na USP, já irá apontar pontos positivos, movimentos e transformações em uma universidade construída para a elite de São Paulo, passa a ser ocupada também por pessoas de baixa renda, oriundas das periferias; são práticas, projetos e políticas como essa que devem ser implementadas cada vez mais nas universidades públicas, para que sejam encaradas como direito da população, parte da cidade e parte da vida dos sujeitos.

Como posto por Valeriani (2021) ainda há muitos avanços necessários para que a universidade seja mais inclusiva e democrática, mas agora farão parte desse debate os que historicamente foram excluídos, os estudantes oriundos das escolas públicas poderão agora pensar como melhorar o acesso à educação superior, como oferecer planos pedagógicos de melhor qualidade, quais os métodos e as referências pertinentes para uma escola na periferia.

Esse debate se tornou mais inclusivo e amplo e isso há de gerar frutos, não vejo outra saída para a universidade pública brasileira que não seja ganhar protagonismo na vida do povo, ganhar relevância, existir para os cidadãos que precisam de um local para lazer, para a prática de esportes, um espaço para leitura, para aprendizado, para conscientização, um ambiente que ofereça cursos, integração com as escolas e outros serviços públicos, para além da formação profissional. E pensando na transformação do espaço universitário, dos campi Brasil afora, é necessário a ciência do espaço, é urgente que a Geografia colabore na reformulação, na ressignificação dos espaços universitários, redesenhar seus limites, suas potencialidades e suas funções.

Estamos em um momento histórico em que necessitamos reorganizar a esperança, e a universidade sempre se mostrou pertinente na construção de um pensamento, na organização de projetos, na formulação de experimentos e isso só será possível com a colaboração dos cursos de Geografia.

Espero que o texto tenha colaborado com esse debate, e sei que minha pesquisa há também de colaborar, sonhando com uma universidade mais integradora, aberta e democrática.

## CARTA À GEOGRAFIA DO CPTL

22/02/2023

A quem me recebeu tão bem,

Quem diria que eu voltaria pra cidade a qual meu avô foi com meu pai e toda a família dele.

“O retorno à Três Lagoas”, daria um filme, e como foi bom esse filme.

Tenho muito a agradecer e devo tanto ao curso de Geografia, aos professores, aos alunos da graduação, aos meus colegas da pós-graduação, me ensinaram mais do que eu pensei que fosse aprender.

Valeu cada segundo no LETUR, cada minuto nos corredores, cada hora discutindo intermináveis questões sobre o Brasil e o mundo. As tias da limpeza, o projeto Universidade Necessária, a minha orientadora sempre tão paciente, o ErcoGeo, tornaram a minha experiência de juventude, universidade e ciência mais rica.

Sei que essa história ainda não acabou, hoje eu em Prudente, me lembro dos dias que passei em Três Lagoas, sinto saudades dos meus amigos, do meu laboratório, das minhas obrigações de mestrado.

Me marcou cada dia que passei na espera de alcançar meus objetivos, novos surgiram, outros ficaram para trás, eu caminho carregando a memória e a gratidão de ter sido parte do programa de pós-graduação em Geografia do Campus de Três Lagoas, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

João Pedro Siro

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H.W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, nº 6, p.25-36,1997.
- ANDRIOLI, A. I. O lugar das ciências humanas na universidade. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 37, n. 5, p. 1-16, 2006.
- BARRETO, B. Boaventura de Sousa Santos destaca o papel das universidades no contexto de pandemia e neoliberalismo. **Portal.UERN**,2020. Disponível em: <<https://portal.uern.br/blog/boaventura-sousa-santos-destaca-o-papel-das-universidades-no-contexto-de-pandemia-e-neoliberalismo/>>. Acesso em:11/02/2023.
- BENFICA, T.A.H. A Universidade Pública em Três Lagoas/MS e as titubeações do campo histórico (1970-1990). **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.3, n.6,p.76-96, 2014.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2020: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2022.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2019: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2020.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19. p.20-28,2002.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da Universidade Brasileira: O modelo de campus. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, vol.21 n.67.2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216742> Acesso em: 18 de dez. de 2022.
- CAMPOS, Larissa dos Santos. **A relação entre os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a configuração da rede urbana em Três Lagoas – MS**. 2018. 68 f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.
- CAMPOS, Larissa dos Santos. **Vida de estudante: um estudo sobre a produção de microterritorialidades dos estudantes da UFMS/CPTL Três Lagoas – MS**.2021.122.fl.Dissertação(mestrado)- Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul, Campus de Três Lagoas, Três Lagoas- MS.2021.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. IN: **GEOUSP**, São Paulo, v. 18, n.3, p. 472-486. 2014.
- CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. **Revista Administração online**. São Paulo,SP, v. 1, n. 1.2000.Disponível em:

[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod\\_resource/content/0/O\\_questionari\\_na\\_pesqui\\_sacientifica.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionari_na_pesqui_sacientifica.pdf). Acessado em 23/09/2022.

CHAUI, M. A universidade pública sob novas perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.24, p.5-p.15.2003.

COLOGNESE, S.; MÉLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Caderno de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

CORRÊA, A. A. M. História: Uma universidade para o Interior Paulista. In: D'AMBROSIO, O ( Org.) **UNESP 40 anos**. São Paulo: Editora Unesp,2016, p.17-68.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço. In: CARLOS.A.F.A;SOUZA,M.L. De; SPOSITO, M.E.B(orgs.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto,2011, p.41-53.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, C. L. Mulheres fazendo balbúrdia: uso e apropriação do espaço na universidade federal de Catalão (GO). In: PORTUGUEZ, A. P.; COSTA, C. L.; MYAZAKI, L. C. P.(org.). **Balbúrdia Geográfica: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade**. Ituiutaba, MG: Editora Barlavento, 2020. p. 8 – 33.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em belo horizonte**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG,2005.

DAYRELL, J. O Jovem como Sujeito Social. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 24, p.40-p.52, 2003.

ELDER Jr, G.H; JHONSON, M.K.P; CROSNOE, R. The Emergence and Development of Life Course Theory. In: MORTIMER, J. T; SHANAHAN, M. J (orgs.). **Handbook of the Life Course**, New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003, p.3 – 19.

EMICIDA. **Boa Esperança**. São Paulo: Laboratório Fantasma,2015. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>>.Acesso em: 22/03/2022.

FEIXA, Carles. A cidade secreta: os espaços quotidianos dos jovens. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 3, p.125-140, 2003.

FEIXA,Carles. Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. Manizales-Colombia, v. 4, n. 2, p.1-18, 2006.

FEIXA, Carles. De culturas, subculturas y estilos. In:\_\_\_\_. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1999. p. 84-105.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREITAS, I. C. M. De; BRAGA, J. R. M. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **Revista O público e O privado**, Fortaleza, n. 21, p.91-110, 2013.

GATTI, B.A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379. 2010.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF: Liber Livro Editora, 2005.

GOETTERT, J.D; MOTA, J.G.B; NUNES, F.G; IORIS, A.A.R. **GEOGRAFIANDO AFETOS escritos, imagens, intensidades**. Porto Alegre: TotalBooks, 2022.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, p. 7 – 41, 1995.

HARVEY, D. **O neoliberalismo: histórias e complicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

KÜNZLI, Ruth. A Geografia em Presidente Prudente-60 anos. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, SP, v. 2, n. 41, p. 03-09, 2019.

LIMA, E. L. G; RIBEIRO, A.I.M **A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente 1959-1976 : gênese da FCT - UNESP** . Jundiaí: Paco, 2013.

LEFEBVRE, H. **La production de l’Espace**, Anthropos, 4ème édition, 2000, 1974.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEGROUX, J. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, MG, v. 22, n. 81, p. 235–248, 2021.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas**. 2018. 223 fl. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, Três Lagoas -MS. 2018.

MAIA, R. Apenas 18,1% dos jovens de 18 a 24 anos estão matriculados no ensino superior. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/apenas-18-1-dos-jovens-de-18-a-24-anos-estao-matriculados-no-ensino-superior/>>. Acesso em: 12/05/2022.

MARQUES, A. G. **As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR)**. 2021. 229 fl. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, São Paulo. 2021.

MEINERZ, C. B. **Múltiplas Trajetórias Juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2005. 206f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre - RS, 2005.

MENEGON, R. R. **Culturas juvenis e jovens do ensino superior**: em busca de caminhos para formação inicial e a prática educativa na educação física. 2016. 228f. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente. 2016.

METEORO BRASIL. **Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota**. São Paulo: Planeta,2019.

MILANI, P. H. Contribuições da epistemologia feminista para as pesquisas geográficas. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 34, 2021. p. 125-150.

MORÉ, C.T. O que é Vaporwave? Como essa estética que surgiu na internet tem influenciado a música, a arte e o design? **Follow The Collors**,2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica>>. Acesso em: 23/03/2022.

MÜLLER, D.; HALLAL, D. R.; RAMOS, M. G. G.; LOPES, A. I. Universidade Federal de Pelotas: o campus Porto como um espaço público de lazer. In: Colóquio Internacional de gestão universitária XV, 2015, **Anais...** Mar Del Plata-CIGU,2015. p. 1-12.

NEVES, C.E.B; MARTINS, C.B. Ensino Superior no Brasil: Uma Visão Abrangente. In: DWYER, T.; ZEN, E. L.; WELLER, W.; SHUGUANG, J.; KAYUAN, G.(org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p.125-139.

OLIVERI, Melissa Pereira. **O espaço generificado**: um olhar interseccional na vivência socioespacial de mulheres trabalhadoras. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Três Lagoas, p. 65. 2022

PAIS, J.M. Busca de Si: Expressividades e Identidades Juvenis. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens**: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa- Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, J. M. Jovens e cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa-Portugal, n. 49, p. 53-70, 2005.

PINTO, Álvaro Vieira. **A Questão da Universidade**. 2a ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

PIRES, L. M. **Culturas geográficas de alunos-jovens**: uma referência para a formação de professores de geografia. 2013. 276 fl. Tese de Doutorado em Geografia Programa de Pós Graduação em Geografia- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

POCAHY,F.A. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **Textura**, n. 23, p.18- p.30,2011.

RAMOS, E.C.M. **Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia** : capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade.2017.477 fl. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, São Paulo.2017.

RIBEIRO, R. J. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo social: Rev. Sociologia USP**, São Paulo, n. 11, p.189-p.195,1999.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, 2014.

SANTOS, B De S. In: Assembleia Universitária de 52 anos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2022, Natal. **Anais...** Natal: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 2022.

SAVIANI, D. A expansão do Ensino Superior no Brasil. **Póiesis Pedagógica**. V.8, N.2, p.4-17, v. 9, 2010.

SCOTT, Joan W. A Invisibilidade da Experiência. In: **Projeto História**, n.16. São Paulo: PUC, 1998. p.297-325.

SILVA, J. M.; ORNAT, M.J; CHIMIN JUNIOR, A. B. 'Não me chame de Senhora, eu sou feminista'! Posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 19, n. 40, p.11-20.2017.

SILVA, J. M.; SILVA, E. A.; JUNCKES, I. J. **Construindo a Ciência**: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, 2009.

SMITH, J. S. **Cool Tapes Volume III**. Los Angeles: MSFTS Music - Roc Nation, 2020, Disponível em: [https://music.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy\\_kemiWQptf\\_rzxdrlt2WLce6cXrgk18\\_g](https://music.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_kemiWQptf_rzxdrlt2WLce6cXrgk18_g). Acesso em 16/03/2022.

SPOSITO, M.E.B. Fragmentação, fragmentações. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, XVI, 2019, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019. p.1-18.

TURINO SILVA, J.P. **Cultura universitária e experiência de juventude de estudantes do segundo e terceiro ano de geografia da FCT/UNESP-Presidente Prudente**. 2021. 108 f. Monografia (Bacharel em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, São Paulo. 2021.

TURRA NETO, N. **Contextos Geográficos e campos de possibilidades para diferentes gerações - Curso de Extensão**. Youtube, 23 de Agosto de 2022. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MCxIIDSEtQo>>. Acesso em 06/09/2022.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre as orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p119-136.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina/PR**. São Paulo: EdUNESP, 2004.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis**: territórios e redes de sociabilidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TURRA NETO, Nécio; SPOSITO, M.E.B; MAGRINI, M. A. De Oliveira; BERNARDES, A. Capítulo I: Grupo Focal na análise da Fragmentação socioespacial. GÓES, E.M; MELAZZO, E.M (org). **METODOLOGIA DE PESQUISA EM ESTUDOS URBANOS: Procedimentos, instrumentos e operacionalização**. Consequência Editora, 2022. p.23-70.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, Histórico FCT Atualizado. Presidente Prudente, 2016. Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/Home/Instituicao/historico.pdf>. Acesso em 20/02/2023.

QUEIROZ, Vitor Moreira. **Mobilidade urbana: Análise da eficiência do transporte público coletivo aos acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas**. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Três Lagoas, p. 81. 2020.

VALERIANI, T. Pesquisa aponta que maioria dos aprovados na USP são formados em escolas públicas. **Quero bolsa**, 2021. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/revista/pesquisa-aponta-que-maioria-dos-aprovados-na-usp-sao-formados-em-escolas-publicas>>. Acesso em: 24/03/2022.

VASCONCELOS, A.M.N. Juventude e ensino superior no Brasil. In: DWYER, T.; ZEN, E. L.; WELLER, W.; SHUGUANG, J.; KAYUAN, G.(org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira**. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p.125-139.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21

WEST, K. **Graduation**. Roc-a-Fella/ Def Jam, 2007, Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WwYbTxOZF0k&list=OLAK5uy\\_nc43MhHfperN5Zr1ST7rsl0o5NOURZISk](https://www.youtube.com/watch?v=WwYbTxOZF0k&list=OLAK5uy_nc43MhHfperN5Zr1ST7rsl0o5NOURZISk)>. Acesso em: 22/03/2022.

ZUBA, J.A.G. **A formação do professor de Geografia: Uma discussão sobre as exigências locais e regionais do Norte de Minas**. 2013. 212 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

## ANEXOS

### Anexo 1- Roteiro Entrevista

ROTEIRO ENTREVISTA
1. Relate um pouco de sua história antes da faculdade, qual escola estudou e de qual cidade você veio, como foi sua formação no Ensino Médio, seu envolvimento na escola.
2. Por quê escolheu Geografia? Era a sua primeira opção?
3. Por quê escolheu a Unesp-PP?
4. Como tem sido sua adaptação na vida universitária da FCT/UNESP desde o primeiro ano até hoje?
5. você demandou auxílio de permanência estudantil? Com foi este processo?
6. Onde foi o primeiro lugar que você morou? Onde você mora agora?
7.Você frequenta a universidade, além das aulas? Descreva seu cotidiano como estudante de graduação?
8. Quem são as pessoas que compõem sua rede de amigos na FCT ou em Presidente Prudente? (sala; do curso; da fct como um todo; de fora da fct)
10. Onde e quando você se encontra(encontrava) com os amigos da universidade? E o que normalmente vocês fazem juntos? Descreva suas atividades no tempo livre:
11. Você considera o curso de geografia diferente dos outros cursos? Em que/Por quê? (em termos de cultura universitária)
12.Você já pensou em desistir do curso? Se sim, por quê? Se sim, o que fez vc mudar de ideia?
13.Você tem socializado nessa quarentena com os outros estudantes? De que forma?
14. Como anda seu humor na pandemia e com as aulas remotas?
15. O que você considera que aprendeu, que contribuiu com sua formação como pessoa e como estudante na FCT, para além dos conteúdos das disciplinas e mesmo da sala de aula?

16. Você se considera diferente de quando entrou? Diferente em que? E ao que você atribui estas mudanças?

## Anexo 2 – Questionário Aplicado aos Estudantes de Geografia do CPTL-UFMS

QUESTIONÁRIO	
<b>Matriculado em:</b>	
Bacharel	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>
<b>Sexo</b>	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input type="checkbox"/>
<b>Gênero e Identidade de Gênero</b>	
Heterossexual	<input type="checkbox"/>
Homossexual	<input type="checkbox"/>
Bissexual	<input type="checkbox"/>
Assexual	<input type="checkbox"/>
Pansexual	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>
<b>Autoidentificação étnico-racial</b>	
Preto(a)	<input type="checkbox"/>
Branco(a)	<input type="checkbox"/>
Pardo(a)	<input type="checkbox"/>
Amarelo(a)	<input type="checkbox"/>
Indígena	<input type="checkbox"/>
<b>(NÃO) Participante do programa de Cotas</b>	
Não cotista	<input type="checkbox"/>
Cotista	<input type="checkbox"/>
Categoria de cota (caso seja cotista): _____	
<b>Escola que estudou (responder caso não compareceu acima)</b>	
Escola pública	<input type="checkbox"/>
Escola privada	<input type="checkbox"/>

Cidade origem (cidade que residia antes de ingressar na universidade):

\_\_\_\_\_

Bairro que reside atualmente (caso for morador/residente de Três Lagoas):

### Anexo 3 – Roteiro dos Grupos Focais

ROTEIRO GRUPO FOCAL
- <i>PRECISAM SER ABORDADOS:</i>
<u>PRÁTICAS COTIDIANAS</u>
<u>LAZER/TEMPO LIVRE</u>
<u>TRABALHO</u>
<u>EXPERIÊNCIA DE CIDADE-JUVENTUDE-UNIVERSIDADE</u>
<b>INTRO (15 MIN)</b>
APRESENTAÇÃO DO MEDIADOR, AGRADECIMENTOS.
SOLICITAÇÃO DA AUTORIZAÇÃO (PARA GRAVAR E UTILIZAR AS FALAS PARA A PESQUISA)
ELUCIDAÇÃO DOS OBJETIVOS DA PESQUISA
EXPLICAÇÃO DE COMO FUNCIONA A DINÂMICA DO GRUPO FOCAL
<u>[início da gravação] -----</u>
APRESENTAÇÃO DE CADA UM, FALANDO SOBRE SUA IDENTIDADE, IDADE, ANO DA GRADUAÇÃO, BACHAREL OU LICENCIATURA E COMENTAR SOBRE SEU <u>COTIDIANO</u> .
<b>QUESTÕES DE PARTIDA (30 MIN)</b>
QUAL A <u>RELAÇÃO ENTRE O CURSO DE GEOGRAFIA DA UFMS COM A EXPERIÊNCIA DE JUVENTUDE DE SEUS ESTUDANTES?</u>
QUAIS OS <u>LOCAIS DE ENCONTRO, DE TEMPO LIVRE E LAZER DE VOCÊS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA?</u> (DENTRO E FORA DA UFMS) E COMO SÃO ESSES ENCONTROS (o que fazem, mobilidade, horário)?
<b>QUESTÕES ESPECÍFICAS (15 MIN)</b>
▶ Sobre os locais de encontro e sociabilidade entre os estudantes.
▶ Sobre a saúde mental dos estudantes de geografia.
▶ Sobre lazer e tempo livre.
▶ Sobre o que compreende por vida universitária e adaptação a ela.
▶ Trabalho ou bolsa de pesquisa.

▶ A identidade de cada um e o impacto do curso de Geografia em quem somos.

▶ Coletivos ou grupos de pesquisas.

▶ As desistências do curso.

**QUESTÃO PROVOCATIVA (5 MIN)**

A GEOGRAFIA IMPACTA/IMPACTOU A VIDA DE VOCÊS? SE SIM COMO?

*Agradecimentos*

*(lanche)*